

**Revista do Instituto Histórico  
e Geográfico de Goiás**



**Instituto Histórico e Geográfico de Goiás**

**Revista do Instituto Histórico  
e Geográfico de Goiás**

**Nº 25**

**Goiânia, 2014  
Editora Kelps**

Copyright © 2014 by Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

**Editora Kelps**

Rua 19 nº 100 — St. Marechal Rondon

CEP 74.560-460 — Goiânia — GO

Fone: (62) 3211-1616

Fax: (62) 3211-1075

E-mail: [kelps@kelps.com.br](mailto:kelps@kelps.com.br)

homepage: [www.kelps.com.br](http://www.kelps.com.br)

**Comissão Técnica**

***Carlos Augusto Tavares***

*Diagramação e arte da capa*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

**BIBLIOTECA PÚBLICA ESTADUAL PIO VARGAS**

REV Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás /  
Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. – n. 25 (2014) –  
Goiânia : Kelps, 2014.

196 p.: il.

ISSN: 2175-1269

1. Goiás - História. I. Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

I. Título

CDU: 94(817.3) (05)

**DIREITOS RESERVADOS**

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

*Printed in Brazil*

2014

**DIRETORIA DO IHGG**  
**Gestão: 2013-2017**

Presidente: **Geraldo Coelho Vaz**

1º Vice-Presidente: **Hélio Moreira**

2º Vice-Presidente: **Nancy Ribeiro de Araújo e Silva**

3º Vice-Presidente: **Luiz Augusto Paranhos Sampaio**

Secretária Geral: **Elizabeth Abreu Caldeira Brito**

1º Secretário: **Orlando Ferreira de Castro**

2ª Secretária: **Jacira Rosa Pires**

Tesoureiro: **Waldomiro Bariani Ortencio**

2º Tesoureiro: **Nelson Lopes Figueiredo**

1º Orador Oficial: **Licínio Leal Barbosa**

2º Orador Oficial: **Rogério Arédio Ferreira**

1º Bibliotecário: **Francisco Itami Campos**

2º Bibliotecário: **Iuri Rincon Godinho**

Diretoria de Museu: **Maria Terezinha Campos Santana**

Diretoria de Arquivo: **Antônio César Caldas Pinheiro**

Diretoria da Revista: **Lena Castello Branco F. de Freitas**

Assessoria de História: **Juarez Costa Barbosa**

Assessoria de Geografia: **Horieste Gomes**

Fotografias: **Nelson Santos**



# Sumário

Apresentação.....9

## **DISCURSOS**

Altamiro de Moura Pacheco - Um goiano ilustre

*Geraldo Coelho Vaz* ..... 13

## **ARTIGOS**

Discursos do urbanismo em goiânia: da instrumentalização política  
ao surgimento de um campo profissional específico

*Wilton de Araújo medeiros*..... 19

Notícias Do I Congresso Nacional e Internacional de Escritores  
realizado em Goiânia em 1954

*Luiz Augusto Paranhos Sampaio* ..... 37

A toponímia antiga e atual das cidades e municípios goianos

*Antônio Teixeira Neto* ..... 53

Teatro experimental do negro em Goiás

*Martiniano José da Silva*..... 85

A matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campinas

*Antônio César Caldas Pinheiro*..... 103

Fazendas Goianas

*Lena Castello Branco Ferreira de Freitas*

*e Nancy Helena Ribeiro de Araújo e Silva*..... 129

Biografia José Xavier de Almeida Junior  
*Ana Domitila de Almeida Mendonça* ..... 141

À Procura Do Aru-Apucuitá  
*Altair Sales Barbosa* ..... 147

## **CRÔNICAS**

Missão Cruls  
*Bariani Ortencio* ..... 155

O Último Bandeirante  
*Brasigóis Felício* ..... 157

Goiânia  
*José Mendonça Teles*..... 159

Confesso Que vivi as tensões e o encantamento da vida de médico  
*Hélio Moreira* ..... 161

**ATIVIDADES DO IHGG** .....169

Sócios do IHGG.....181

Galeria de fotos.....187

## Apresentação

Atingimos neste número, a casa da 25ª revista publicada pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, graças à obstinação dos nossos associados e à capacidade e competência da professora Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, diretora da referida revista, historiadora de primeira linha, e que vem por muitos anos nos encantando com sua sabedoria e dedicação.

Não precisa dizer das dificuldades encontradas para editar e fazer circular uma revista especializada na historiografia goiana, sobretudo, amparada pelos recursos dos membros do IHGG.

O Instituto é um patrimônio cultural dos mais respeitados de nosso Estado, o mais antigo, fundado na velha capital de Goiás, no dia 7 de outubro de 1932, ano seguinte, transferido para a nova capital: Goiânia.

Foi lembrado e lamentado na Sessão da Saudade o desaparecimento da sócia titular, pesquisadora e professora Marilda de Godói Carvalho que, por muitos anos, dirigiu com conhecimento e brilho, o Arquivo Histórico de Goiás.

Outro acontecimento de grande valor histórico, que merece registro nos anais do IHGG foi o concurso de monografia em homenagem ao centenário de nascimento do intelectual e médico José Peixoto da Silveira, sob o título *Peixoto da Silveira, seu tempo e seu lugar*. A sessão solene de apresentação do resultado do concurso ocorreu no dia 16 de setembro de 2014, sendo o ganhador do prêmio, o escritor Josmar Divino Ferreira, que fez, na oportunidade, breve agradecimento à Instituição

É claro que o IHGG é um patrimônio cultural respeitadíssimo no Estado de Goiás. À luz da sabedoria da historiografia, vem crescendo pelo amor e responsabilidade histórica dos seus membros, que se orgulham de pertencer aos quadros da Instituição.

No presente número da Revista, contamos com a colaboração do professor Wilton de Araújo Medeiros, que discorre sobre o urbanismo de Goiânia, referente ao trabalho da associada Narcisa Cordeiro. Em seguida, o professor Luiz Augusto Sampaio, com *Notícias do I Congresso Nacional e Internacional de escritores, realizado em Goiânia no ano de 1954*. Já o associado Antônio Teixeira Neto, com seu talento, a *Toponímia antiga e atual das cidades e municípios goianos*. O membro do IHGG, Martiniano José da Silva, lá das plagas de Mineiros, envia para a publicação a pesquisa *Teatro Experimental do Negro em Goiás*, e o professor Antônio César Caldas Pinheiro, com o expressivo trabalho relativo à *Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campinas*. Destaque, ainda, para *Fazendas Goianas* das professoras Lena Castello Branco Ferreira de Freitas e Nancy Helena Ribeiro de Araújo e Silva. *Biografia de José Xavier de Almeida Júnior*, pela professora Ana Domitila de Almeida Mendonça e a pesquisa do ilustre doutor em Antropologia e Arqueologia, professor Altair Sales Barbosa, com o trabalho *À procura do Aru-apucuitá*.

Nesta edição, criamos a seção de crônicas, com ricas assinaturas dos destacados nomes como Bariani Ortencio, Brasigóis Felício, José Mendonça Teles e Hélio Moreira.

Trata-se, não resta dúvida, que o presente volume trará grande contribuição para os estudos históricos e geográficos do Brasil.

Goiânia, dezembro de 2014

Geraldo Coelho Vaz

# DISCURSOS



# Altamiro de Moura Pacheco - um Goiano ilustre

Coelho Vaz\*

Imaginei que, nesta noite memorável, nesta solene ocasião, neste casarão, onde por muitos anos viveu o escritor, político e médico humanitário, Altamiro de Moura Pacheco, pudesse estar presente, lembrando acontecimentos importantes, nesta casa – alguns registrados nos anais da história goiana – com seus passos cadenciados, sempre vestido de terno escuro, camisa branca, alvíssima, gravata mais para as cores preta, ou avermelhada, óculos escuros, visando suavizar a vista já cansada.

Imaginei-o descendo e subindo a escadaria desta sala, a principal, recebendo amigos, jovens estudantes, pesquisadores e estudiosos da memória política e social brasileira, folheando e anotando em sua rica biblioteca, com aproximadamente 10 mil títulos de uma severa seleção de importantes e raros livros de gêneros diversos.

Imaginei, por último, as vezes que adentrei-me nesta casa solitária, ouvindo Altamiro de Moura Pacheco com sua inteligência e erudição, relatando os assuntos e acontecimentos vividos no interior goiano, sua terra natal, Bela Vista de Goiás e, depois, a tradicional e centenária Bonfim, hoje Silvânia.

Falava-me com um carinho pincelado da lembrança e do afeto que nutria pelo seu pai, Francisco Domingos Pacheco, que o deixou para sempre, quando tinha apenas treze anos, primogênito, assumindo com sua mãe, Genoveva de Moura Pacheco, o trabalho e a educação dos irmãos menores.

Nascido no dia 15 de março de 1896, ao completar 4 anos de idade, o pai transfere residência, com a família, para a cidade de Bonfim, com o pensamento de aumentar seus negócios, com vistas à facilidade de melhorar e propiciar os familiares, condições de estudo e aumento no conforto de todos.

De início, sua casa em Bonfim, localizada à rua Direita, defronte à Escola Pública Municipal, era assobradada, grande conforto para a

---

\* Presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Discurso proferido em 15 de março de 2014 na sessão solene, na Casa de Cultura Altamiro de Moura Pacheco.

família, quintal bem plantado com árvores frutificas, e mesmo com aproximação da escola, foi seu pai o seu primeiro professor.

Aos 7 anos de idade, é matriculado na Escola Pública Municipal, dirigida pelo professor Benedito de Souza, o qual qualifica o aluno como um dos melhores da Escola, pela inteligência, disciplina e amor à leitura. Em seguida, a seu pedido, é matriculado e passa a estudar no Colégio Xavier de Almeida, de propriedade e direção do professor Antônio Euzébio de Abreu Júnior.

Com a morte prematura de seu pai, ocorrida no dia 8 de junho de 1909, logo depois o latinista e conhecedor profundo do tupi-guarani, professor Antônio Euzébio, prático em farmácia e medicina, ensinou ao seu discípulo, o talentoso Altamiro, a prática da manipulação tão comum naquela época nas cidades interioranas do Brasil Central.

Com os pendores desde a infância de bom economista e grande visão de futuro, Altamiro com poucos recursos adquiriu de Ozório Antônio de Abreu, seu próprio negócio, ou seja, uma pequena botica, cuidando e zelando da saúde da população bonfinense.

Desde a infância, sonhava em ser médico e já exercendo a profissão de farmacêutico prático, diplomou-se com brilhantismo, no ano de 1928, na cidade de Vila Boa, no curso superior de farmácia, sendo orador da turma da recém-instalada faculdade na velha capital do Estado.

Para concretizar o sonho de criança, buscou na Faculdade de Medicina de Niterói, o diploma de médico, colando grau em 18 de setembro de 1933, profissão que exerceu por muitos anos em Bela Vista de Goiás, Silvânia e outras cidades, quando transfere residência, em 1936, da terra de seu nascimento para a nova capital do Estado de Goiás e funda o Instituto Médico-Cirúrgico de Goiânia, na rua 3, esquina com Av. Araguaia. Mais tarde, depois de vários anos de profissão, em 1954, vende o Instituto com todas as instalações ao conceituado médico goiano, Francisco Ludovico de Almeida Neto.

Em seguida, funda a Sociedade Goiana de Pecuária, local onde foram realizadas as primeiras exposições de gado de Goiânia e, ao mesmo tempo, ele procura introduzir no Estado, bovinos de alta linhagem.

Líder incontestado dos produtores rurais de Goiás, achou por bem criar o banco Agro-pecuário de Goiás S/A, que teve a adesão de muitos

pecuaristas do Estado, dando sustentação à mais nova casa de crédito de uma classe que, a partir desse acontecimento, deu origem ao embrião da união em favor dos interesses classistas da pecuária goiana.

Com nome em ascensão, perfil de homem honesto, corajoso e carregado de ideal, candidata-se ao posto de governador dos goianos, na sucessão de Jerônimo Coimbra Bueno. Aceitou o desafio e percorreu todo o Estado, esclarecendo o seu plano de governo, caso viesse a ser eleito. Ventos fortes sopraram contra o seu trabalho e ideal, não conseguiu eleger-se ao mais alto posto do Executivo do Estado de Goiás.

Leitor compulsivo, aos poucos foi adquirindo livros de toda natureza, técnicos, de medicina e de literatura em geral, formando uma magnífica biblioteca em sua residência.

Em 1968, publica sua primeira obra *Civismo em Ação*; nela, enfeixou diversos discursos por ele selecionados, verdadeiras obras-primas de um grande e luminoso vernaculista.

Altamiro de Moura Pacheco tem estilo próprio de escrever. O seu português é de uma limpeza cristalina, bela e pura, respeitando e valorizando a língua portuguesa, conquista adquirida desde os primeiros anos de bancos escolares, graças aos seus eméritos professores.

Depois, vieram: *Rochedo e ferrolho*, *Discursos*, ambos de 1968; *Realidade e ficção*, 1972; *A industrialização do boi e seu habitat*, 1972; *Sonhando com minha terra*, 1974; *Xavier de Almeida, meu Patrono*, 1974.

Graças à sua inteligência, à sabedoria, à arte de escrever de verdadeiro intelectual, cioso na perfeição do ofício, do valor temático, característica do enriquecimento do trabalho, em sua caminhada, recebeu o convite para pertencer aos quadros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Academia Goiana de Letras.

Sua obra literária foi recebida pela crítica com elogios pelo seu estilo, valor da forma, relatos de profundo conhecedor das terras goianas, frente a suas produções literárias. Como homem público e amante da literatura, a escritora Rosarita Fleury publicou uma rica biografia desse mecenas das artes, que sempre incentivou os novos para seguir o caminho da sabedoria e da dignidade humana.

Pelo seu entusiasmo e defendendo a tese da mudança da capital federal para o centro do País, mais precisamente no quadrilátero Cruls, em Goiás, o governador José Ludovico de Almeida o designou membro e presidente da comissão de cooperação para mudança da capital

federal, que desincumbiu com muita responsabilidade, peculiar de sua formação e ganhou a estima pessoal do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Ao longo de sua vida, construiu, graças ao seu trabalho, um patrimônio respeitável e, num gesto de mecenato, fez doação deste sobrado, localizado na Av. Araguaia com a rua 15, à Academia Goiana de Letras, mediante cláusula *post mortem*, assinando a escritura o então presidente José Mendonça Teles e o proprietário, com todos os bens nelas existentes, inclusive a rica biblioteca, que hoje serve de consulta aos historiadores e pesquisadores.

Preocupado com o ensino superior, Altamiro ocupa a presidência da Sociedade Faculdade de Medicina de Goiás, ao lado de diversos médicos residentes em Goiânia e foi responsável pela sua criação, hoje, pertencente à Universidade Federal de Goiás.

Após completar 100 anos, quase três meses de existência, o médico e escritor Altamiro de Moura Pacheco, faleceu em Goiânia, cidade que ajudou e viu crescer, no dia 10 de junho de 1996, deixando seu nome gravado nos anais da história brasileira, pelo trabalho em favor do povo goiano e, também, um dos baluartes para o nascimento e crescimento de Brasília.

Lembrando as palavras do confrade e ex-presidente da Academia Goiana de Letras, o escritor Modesto Gomes, diz o seguinte: *Escritor, membro desta academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Moura Pacheco, entrou para a galeria dos mecenas. E seu feito maior, no particular, é a doação desta casa, onde viveu grande parte dos 100 anos de sua existência, à Academia, que sempre dignificou com sua presença.*

19 de março de 2014  
(Casa de Cultura Altamiro de Moura Pacheco)

# ARTIGOS



# Discursos do urbanismo em Goiânia: da instrumentalização política ao surgimento de um campo profissional específico\*

Wilton de Araujo Medeiros\*\*

## Resumo

A história do urbanismo como discurso de um campo profissional específico, será configurada em Goiânia a partir da publicação do opúsculo *1983 — Goiânia: 50 anos* de Edgar Graeff, e, posteriormente, *Goiânia: Evoluções do plano urbanístico*, de Narcisa Cordeiro. Até meados dos anos de 1980 o urbanismo em Goiânia aparece entrelaçado à história da cidade; seja como história presente em publicações oficiais, seja como história contada por memorialistas, porém sempre sobressaindo a sua utilização política. Nessas publicações, questões de ordem prática, sobretudo políticas, se sobrepõem à formação de um campo urbanístico específico. É a partir da inserção acadêmica de Graeff, e, mais especificamente da publicação de *1983 — Goiânia: 50 anos*, que o urbanismo em Goiânia começa a estruturar-se como um discurso pertinente ao seu campo próprio e específico.

**Palavras-chave:** urbanismo; cidade; discurso profissional; política.

\* Artigo publicado originalmente sob o título: Discursos do urbanismo em Goiânia: da instrumentalização política ao surgimento de um campo profissional específico. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) *Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Brasília, DF: Universidade Brasília-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/discursos-do-urbanismo-em-goiania-da-instrumentalizacao-politica-ao-surgimento-campo>>.

\*\* Doutor pela UFG e professor da UEG.

## Abstract

The history of urbanism as speech of a specific professional field, will be configured in Goiânia from the publication of the booklet 1983 — *Goiânia: 50 years* of Edgar Graeff, and, later, *Goiânia: Evolutions of the urbanístico plan*, Narcisa Cordeiro. Until middle of the years of 1980 urbanism in Goiânia appears interlaced to the history of the city; be as history present in official publications, whether as counted history for memorialistas, standing out its use policy. In these publications, questions of practical order, especially politics, overlap to the formation of a specific urban field. It is from the academic insertion of Graeff, and, more specifically of the publication of 1983 - *Goiânia: 50 years*, that urbanism in Goiânia starts to structuralize itself as a pertinent speech to its proper field and specifies. words, in an only paragraph. Word-key: urbanism; city; professional speech; politics.

Keywords: urbanism; city; professional speech; politics.

## Introdução

O presente texto é referente à pesquisa intitulada *Metodologias do projeto urbano: mudanças contextuais e morfológicas em Goiânia (1933 -1973)*<sup>1</sup>. Durante a revisão bibliográfica, constatou-se que a partir de meados dos anos de 1980 em diante, algumas publicações passaram a distinguir-se por sua abordagem específica da história do urbanismo, em relação à história da cidade como um todo. O ponto marcante dessa distinção de abordagem histórica foi a publicação do opúsculo 1983 — *Goiânia: 50 anos*, de Edgar Graeff e, posteriormente, *Goiânia: Evoluções do plano urbanístico*, de Narcisa Cordeiro.

Anteriormente à publicação desses dois livros de abordagem específica sobre história do urbanismo, a quase totalidade das obras sobre a história de Goiânia segue o teor político de escrita reproduzindo, de certo modo, a escrita histórica de Ofélia Monteiro (1938), e outras publicações oficiais. O que será observado, é que nessas publicações que reproduzem a história oficial, o urbanismo aparece subsumido aos atos políticos. Consequentemente, observa-se que dos anos de 1990 até os dias atuais, as duas obras inaugurais sobre o urbanismo em Goiânia

também inaugurarão dois modos distintos de abordagem: uma em que prevalecem as questões teóricas e históricas mais gerais do campo do urbanismo, e, outra em que podemos identificar uma história do urbanismo local, à jusante da história da cidade com forte teor político.

## **Hiato urbanístico e prevalência política**

O surgimento nos anos de 1930 da segunda capital de Goiás, Goiânia, esteve ligado não apenas a interesses políticos locais. Havia também naquele período aspirações pelo Estado moderno, inserido no território brasileiro, e como tal, pertinente ao nível conceitual de “nação” e “civilização” ocidental. Nesse afã, os políticos locais apropriaram-se de conceitos mais amplos como o de urbanismo, a partir dos quais se inseriram como modernos, civilizados, aptos a serem partes da Nação como um todo. Dessa maneira, por questões de ordem prática, o urbanismo enquanto conhecimento técnico e racional foi adaptado aos interesses políticos locais, servindo como uma marca na construção da identidade moderna do Estado de Goiás.

Uma das consequências desse atrelamento à prática política, é que o urbanismo como campo de conhecimento em Goiânia e em Goiás deixou grandes hiatos de crítica e teoria. A crítica, e, conseqüentemente, a formulação de teoria e história do urbanismo em Goiânia surgirá cerca de cinquenta anos após o início da construção da cidade — como se verá mais adiante, após a vinda de Edgar Graeff para lecionar na Universidade Católica de Goiás resultando na publicação do opúsculo *1983 — Goiânia: 50 anos*. Até o cinquentenário de Goiânia, as publicações sobre a cidade, sejam elas oficiais ou obras de memorialistas, tratavam o urbanismo apenas de modo utilitarista.

No relatório de Pedro Ludovico Teixeira a Getúlio Vargas em 1933, é possível ver essa instrumentalização política do urbanismo:

Julgou o Governo que seria de boa política submeter a escolha, à apreciação de técnicos em matéria de urbanismo, pelo que convidou os drs. Armando Augusto de Godói, urbanista conhecido em todo o Brasil, Benedito Neto de Velasco, engenheiro civil e construtor do Distrito Federal e Américo de Carvalho Ramos, engenheiro, detentor de diversos cursos de aperfeiçoamento e especialização, realizado no estrangeiro (TEIXEIRA, 1933: 124).

Esse atrelamento do urbanismo à imagem de seu uso político vai aparecer em inúmeras outras fontes, sejam obras de publicações oficiais, sejam em escritas memorialistas, variando por vezes na forma ou no método. Como é o caso, por exemplo, do muito citado e estudado *Como nasceu Goiânia*, de autoria de Ofélia Monteiro, publicado pelo Estado de Goiás em 1938. Como diz Oliveira: (1999: 167) a obra de Monteiro é um “museu escrito” da política; para Arrais (2008: 94; 108), trata-se de uma “história universal, objetiva e garantidora de conhecimento positivo”. Prefiro pensar que Monteiro teve a intenção de expor os feitos heróicos dos políticos, sobretudo Pedro Ludovico Teixeira, como uma coleção de fatos, pessoas, planos, projetos e seus projetistas, bem como as edificações, interligando-os de forma não linear, ou seja, uma *bricolagem*.

No ano seguinte à publicação de *Como nasceu Goiânia*, Pedro Ludovico Teixeira envia o segundo relatório sobre a construção de Goiânia a Getúlio Vargas. Conforme pequeno excerto abaixo,

O traçado da cidade, composto dos Setores Central, Sul e Norte, com área total de 5.853.945 metros quadrados, tendo 3.593.938 metros quadrados de área útil de lotes prevista para uma população de 50.000 almas, recomenda, pelos seus característicos, os técnicos brasileiros encarregados do projeto. (...) Rigorosamente norteadas por um plano diretor pré- estabelecido, levantam-se as edificações, em progressão extraordinária (TEIXEIRA, 1939: 28).

Tendo em vista o “conhecimento técnico” exposto de diversas maneiras, como comprovações empíricas da concretização da cidade e enfatizando que a cidade nasce dos conceitos do abstrato ao concreto, pareceria óbvio que o Interventor desse maior visibilidade aos engenheiros construtores Jerônimo e Abelardo Coimbra Bueno, ou ao menos os citasse nominalmente, o que não ocorreu. À página 30, Teixeira cita Correia Lima e Armando Godoy como autores dos projetos urbanos, mas em momento algum cita os engenheiros Coimbra Bueno como autores das alterações feitas nos projetos, não reconhecendo sequer o trabalho que efetuaram como engenheiros construtores da cidade entre 1935 e 1938: “levantaram-se as edificações em progressão extraordinária” (Ibid).

Portanto, além da *bricolagem* de Monteiro (1938) e da maneira cientificista e política desses relatórios sumariamente citados acima, há outro aspecto que mostra o entrelaçamento do urbanismo à política feita pelo interventor. Trata-se da omissão dos nomes dos engenheiros Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno. Uma leitura atenta das *Memórias* de Pedro Ludovico Teixeira (1974) pode revelar a provável razão do “apagamento da memória” referente aos engenheiros Coimbra Bueno, já que nesta obra Teixeira procura deixar bastante claro que a edificação da cidade estava totalmente sob o seu controle, inclusive as tarefas que os engenheiros Coimbra Bueno tinham a executar: “Tenho um programa de realização para este ano [1936], no que se refere a nova Capital, e quero levá-lo a efeito” (pág. 140).

Os embates políticos entre Teixeira e os engenheiros Coimbra Bueno, e os consequentes apagamentos de seus feitos, ensejaram uma publicação apócrifa dos engenheiros, a qual circulou durante a inauguração oficial de Goiânia, em 1942. Trata-se do livro *A luta na epopéia de Goiânia: uma obra da engenharia nacional*, escrito por Geraldo Teixeira Álvares, em que os engenheiros Coimbra Bueno não são apresentados como coadjuvantes, mas sim como atores principais, sobretudo no que se refere à construção da cidade. Ou seja, por meio do autor, respondem ao “apagamento da memória” ocorrido no segundo relatório de Teixeira a Vargas.

Posteriormente, com a falta de adequada preservação e arquivamento de documentos em Goiás, a maioria dos projetos urbanos originais, bem como os projetos de suas alterações se perderam e o livro *A luta na epopéia de Goiânia: uma obra da engenharia nacional*<sup>2</sup> acabou se tornando uma importante fonte de pesquisa documental. Contudo, é interessante observar que, mesmo sendo os atores principais dessa obra que se tornou importante fonte de pesquisa documental, a interpretação política dada por Pedro Ludovico Teixeira prevaleceu na historiografia goiana, como se pode ver em alguns trabalhos que tratam da história de Goiânia.

Por exemplo, seguindo a interpretação política dada por Teixeira sobre os engenheiros Coimbra Bueno, para Unes (2001), a sua contratação em 1935 teve consequências nefastas para a cidade, pois modificaram o projeto já existente, de acordo com o seu interesse particular. Para Ribeiro (2004), os irmãos Coimbra Bueno foram

movidos pela ganância especulativa, sendo assim, advogaram em causa própria ao redirecionar o crescimento da cidade na direção em que estavam situadas as suas propriedades, que, de rurais passaram a ser urbanas. Resultando disso a inversão da direção prevista para Norte, ocorreu a expansão inversamente para Sul.

Essa interpretação dada aos Coimbra Bueno os coloca como personagens que deveriam ser banidos da história por carregarem sobre si o fardo de uma imagem inescrupulosa, gananciosa e antiética. É sem dúvida, uma consequência dos embates políticos que, em Goiás relegou o urbanismo a mera ferramenta utilitária. Para Maciel (1996: 161), os irmãos Coimbra Bueno não faziam parte do ofício do urbanismo ou do planejamento urbano em sentido mais amplo e estavam muito mais próximos de sujeitos capitalistas interessados em participar de um bom negócio.

Quatro anos após a publicação de *A luta na epopéia de Goiânia: uma obra da engenharia nacional* as tentativas de protagonismo político de Jerônimo Coimbra Bueno foram para além da obra escrita. Após ter sido eleito Governador do Estado de Goiás nas eleições diretas de 1946, colocou sua equipe de engenheiros para desenharem de modo definitivo o núcleo central de Goiânia. Porém, sua ambição política era ainda maior, já que ao mesmo tempo em que governava o Estado de Goiás, também atuava na Comissão Polli Coelho, pretendendo com isso deslocar a capital federal para o estado de Goiás, o que de fato acabou acontecendo dez anos depois.

Em 1950, no discurso que fez na Assembléia Legislativa do Estado de Goiás em defesa de suas ambições políticas, Coimbra Bueno disse o seguinte:

Aqueles que estão viciados em medir a ação dos Governos pelo numero de metros de fachadas, inauguradas nas Capitais, – nós poderíamos, parafraseando D. João VI ao responder com a frase, que para eles, ainda hoje seria moderna: ‘abramos ‘as portas’ de Goiás para os Brasileiros e para o mundo (Diário Oficial, 15/07/1950).

Como se vê nesse discurso de defesa política, Coimbra Bueno se apresenta como um ideólogo da interiorização da capital federal. Com isso, desloca o urbanismo de seu campo específico, fazendo-o subsumir

no serviço da geopolítica. Vale ressaltar então, que embora fosse engenheiro, Coimbra Bueno não trazia à baila especificidades inerentes ao pensamento próprio do campo do urbanismo, mas fazia dele um instrumento de prática política. A essa altura, não é difícil perceber que a ausência de um campo organizado do urbanismo em Goiânia e Goiás, se deveu fortemente à sua instrumentalização política. A qual, só vai alterando os seus métodos, porém sempre redundando em fins de teor político.

Como se não fosse suficiente o que disse anteriormente sobre essa relação desigual entre campo político e campo urbanístico em Goiás, só o fato de Goiânia ter tido, no período em que Coimbra Bueno foi Governador, dois engenheiros que foram prefeitos da Capital em sequência<sup>3</sup> e mesmo assim não terem conseguido mobilizar a classe de engenheiros em torno das discussões sobre urbanismo, mostra que os engenheiros atuantes em Goiás ainda nem tinham espírito corporativo, e tampouco formação teórica e crítica. Consequentemente, agindo de modo similar aos políticos, esses engenheiros fizeram prevalecer a praticidade e a urgência de urbanizar o sertão do Planalto Central.

É possível observar, portanto, que provavelmente a equipe de engenheiros que permaneceu nos quadros do Estado desde 1938, não tinha a formação urbanística necessária para discussões mais aprofundadas sobre os problemas urbanos, que foram surgindo com projetos de novos loteamentos aprovados e expansão generalizada da cidade nos anos de 1950. Na verdade, no bojo dessa expansão urbana, os loteamentos que foram surgindo foram dando continuidade ao “efeito de plantismo” marcante nas alterações feitas pelos engenheiros sobre o projeto original de Attilio Correia Lima.

Os anos de 1950 presenciaram a atuação discreta de Ewald Janssen<sup>4</sup>, imigrante alemão contratado pelo governo do Estado para elaborar pareceres técnicos a respeito do processo de urbanização de Goiânia. Porém, embora detivesse algum conhecimento teórico sobre urbanismo e sobre cidades de um modo geral, a atuação de Janssen não foi suficiente para mudar esse quadro político do urbanismo, ao contrário, o reforça. Porque Janssen não tinha nenhuma inserção acadêmica, nem no Brasil, nem na Alemanha. Além disso, a sua atuação técnica pareceu

bastante conveniente à política local, já que a sua condição de imigrante o colocava de certo modo como um *outsider* em relação aos engenheiros que atuavam em Goiânia.

No final dos anos de 1950, por causa dos inúmeros problemas urbanos decorrentes da enorme expansão da cidade, o governo do Estado de Goiás contratou o urbanista Luis Saia, o qual entre meados de 1959 e início de 1963, elaborou um profundo trabalho de levantamentos e pesquisas, resultando em dois tomos de cerca de duzentas páginas cada<sup>5</sup>. Saia fora naquele momento contratado para elaborar um novo Plano Diretor para Goiânia, justamente porque era um dos expoentes do urbanismo no Brasil da década de cinquenta — tendo publicado inúmeros artigos, conhecido por suas palestras e cursos ministrados no IAB de São Paulo.

Porém, veio à tona novamente a assimetria entre urbanismo e política em Goiás, e dessa vez com grande acirramento, já que à medida que o arquiteto foi expondo o Plano a público, suas idéias foram sendo rejeitadas pelos mais diversos atores e setores goianienses, desde os empresários até a Escola de Engenharia e o Clube de Engenharia (MEDEIROS, 2010: 222-223).

Esse enorme hiato entre políticas de urbanização e formação do campo do urbanismo começará a ser diminuído após a inserção do SERFHAU - Serviço Federal de Habitação e Urbanismo, em Goiás, implantando a sua política de planejamento municipal integrado em Goiânia, a partir de 1968. Talvez por se tratar de uma instância política de âmbito federal, após a elaboração e implantação do Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia - PDIG - houve um “despertar” (MEDEIROS, 2010) para a formação do campo do urbanismo, sobretudo a partir da criação da Secretaria Municipal de Planejamento, prevista no PDIG, e as suas consecutivas atuações nas proposições sobre os aspectos urbanos de Goiânia.

Outro fator que contribuiu para a contração desse hiato entre políticas de urbanização e formação do campo do urbanismo em Goiás foi a criação, também em 1968, do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Goiás, lugar de falar acadêmico a partir do qual Edgar Graeff vai formular uma história do urbanismo em Goiânia, e onde formou-se a arquiteta e urbanista Narcisa Cordeiro, como veremos a seguir, os dois primeiros autores que publicam e inauguram

obras específicas sobre história do urbanismo em Goiânia, e as duas principais formas de abordar a história do urbanismo em Goiás.

### **Edgar Graeff e Narcisa Cordeiro: discursos fundantes**

No decorrer dos anos de 1970 e 1980, seja pela atuação da SEPLAN (Secretaria de Planejamento), nordeada pelo PDIG de Jorge Wilhelm, seja pelas contribuições da escola de Arquitetura e Urbanismo da UCG formando arquitetos e urbanistas que passam a trabalhar nos órgãos públicos de planejamento em Goiás, não somente será reduzido o hiato entre as políticas de urbanização em Goiânia e o campo específico do urbanismo. A partir da publicação de *1983 — Goiânia: 50 anos* de Edgar Graeff (1985), será possível observar características de um campo do urbanismo em início, específico de Goiânia. Quatro anos após a publicação de *1983 — Goiânia: 50 anos*, Narcisa Cordeiro publica *Goiânia: Evoluções do plano urbanístico*. Apresentando características distintas, essas obras não somente fazem parte de biografias e trajetórias profissionais diversas, como são determinadas por estas. Graeff expressa a sua trajetória consolidada como professor, pesquisador e crítico de arquitetura, reconhecido nacionalmente. Cordeiro, uma arquiteta de atuação local, cujas pretensões eram ser inseridas dentre os chamados “intelectuais goianos”, cujos *locus* de atuação são o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG), a Academia Feminina de Artes e Letras Goiana (AFLAG).

Embora guardem em si estas distinções, ambos os livros falam de Goiânia a partir de seu urbanismo, isso faz com que os urbanistas e sua produção para Goiânia sejam vistos através do filtro das questões específicas e próprias ao campo do urbanismo, as quais extrapolam o âmbito político local.

O que ambos os livros têm em comum é que os referidos autores, dos anos de 1990 até o presente, passaram a servir de referência em termos de formatação de discursos inerentes ao campo do urbanismo. Portanto, fundamentalmente irão contribuir para desenvolvimento de diversas pesquisas posteriores sobre a história do urbanismo em Goiânia, das quais resultaram quantidade considerável de publicações, além de monografias acadêmicas, dissertações e teses. Por exemplo, irão disseminar o vasto uso do termo “urbanismo barroco” no caso

de Graeff, e, no caso de Cordeiro, forte associação entre urbanismo e história oficial da cidade.

Importante observar que, embora a ênfase de Ofélia Monteiro em sua *bricolagem* tenha sido produzir uma história oficial de Goiânia, utilizando, contudo o urbanismo como discurso de racionalidade e modernidade, esse estilo de escrita foi reproduzido quase cinquenta anos depois por Narcisa Cordeiro, a qual, embora tenha dado mais ênfase ao urbanismo do que à política local, continuou associando em sua escrita, variados elementos que ancoram a história oficial a cidade.

### **Graeff e suas cogitações em torno da “identidade profunda” de Goiânia**

Conforme foi dito acima, Graeff e Cordeiro apresentam características distintas sobre o modo como desenvolvem seus discursos urbanísticos a respeito de Goiânia. Graeff a construiu sobre obra teórica e crítica, a partir da noção de composição do espaço arquitetônico, embora partindo de Bruno Zevi, Leonardo Benévolo e Lewis Mumford, procurava identificar as especificidades da arquitetura brasileira, e com isso rebatia as críticas feitas desde os anos de 1950 à arquitetura brasileira no cenário internacional. Com esse intuito, desde o início dos anos de 1970, Graeff passou a trabalhar na pesquisa *Oito vertentes e dois momentos de síntese da arquitetura brasileira*, e daí em diante trabalhou com essa temática por cerca de quinze anos.

Em 1979, Graeff publica nos Cadernos Brasileiros de Arquitetura da Editora Projeto o livro *Edifício*, essencial sobre as suas análises até então apreendidas acerca da noção de “morada do homem” — “a arquitetura só poderá recuperar efetivamente seu prestígio na medida em que lhe for dado concentrar suas atenções no planejamento e na construção da “morada do homem” (GRAEFF, 1979, p. 71) .

No terceiro capítulo de *Edifício*, Graeff amplia a noção de “morada do homem”, compreendendo o espaço arquitetônico a partir da necessidade humana de morar, desde o edifício até o espaço urbano como um todo. Essa ampliação de escala a respeito da “morada do homem” é um dos produtos da pesquisa *Oito vertentes e dois momentos de Síntese da arquitetura brasileira*. Porém, essa pesquisa lhe rendeu diversas outras publicações, dentre as quais *1983 — Goiânia: 50 anos*.

Desde meados dos anos de 1970, Graeff havia sido contratado como professor e consultor na Universidade Católica de Goiás. Tendo sido expulso em 1968 da Universidade de Brasília pela ditadura dos militares, Graeff passou a atuar profissionalmente em Goiânia. Desse modo, Goiânia foi uma das cidades que Graeff estudou para elaborar o processo de ampliação da escala da morada humana do edifício para a cidade como um todo, conforme exposto na citação acima. Embora apresentada de modo bastante sintético no folheto nº 2 da coletânea *Oito vertentes e dois momentos de Síntese da arquitetura brasileira / 1983 — Goiânia: 50 anos* é possível compreender a noção de morada humana observada na cidade de Goiânia.

A “escala humana” de Goiânia estaria nas “contradições” presentes em diversos aspectos do plano urbanístico elaborado por Attilio Correia Lima. A “humanidade” da cidade estaria estampada nessas “contradições”, a partir das quais seria possível a compreensão de sua “identidade profunda”. Por exemplo, Graeff critica Yves Bruand que vê semelhanças no “sinal da cruz” de Goiânia como prefiguração de Brasília.

Essa crítica de Graeff a Bruand, é uma forma de desconstruir as superficialidades em busca do que chama de uma “identidade profunda”. “O que aí temos não passa de um sinal gráfico, pouco expressivo, como tantos outros. O cruzamento da Avenida Goiás com a Paranaíba, também evoca o cruzamento dos eixos de Brasília, mas esta é uma semelhança irrelevante” (GRAEFF, 1985, p. 33).

Graeff utiliza essa crítica feita a Bruand como forma de construir o seu argumento sobre a cidade como “morada humana”, sugerindo que provavelmente Goiânia tenha precedido Brasília precisamente em sua “identidade profunda”, qual seja, a de um “construir frondoso” — referindo às árvores que ocupam os canteiros centrais e as calçadas das principais avenidas de Goiânia — configurando uma “cidade parque” profundamente contraditória à concepção barroca que referencia a centralidade visual da cidade capital, assim como havia ocorrido em Versalhes, Whashington e Karlshue. Por isso diz Graeff à pagina 11:

Tentar descobrir o que esses arquitetos tinham na cabeça e no coração quando conceberam Goiânia, constitui o primeiro objetivo deste trabalho, que não presume ser um ensaio e muito menos uma pesquisa científica e, se faz falta

uma classificação, um rótulo, creio que se pode arquivá-lo no escaninho das cogitações cordiais, se é que existe isso. (GRAEFF, 1985, p. 11).

Para Graeff, falar em cogitações cordiais não se tratava apenas de uma licença poética, mas sim uma forma de compreender o que estava além dos grafismos do projeto urbano. No caso do uso do *patte d'oie* acreditava tratar-se de um equívoco, porque “o famoso pé-de-pato não passa realmente de uma imagem gráfica, um rosto capaz de esconder diferentes corações” (GRAEFF, 1985, p. 18).

Graeff identifica a contradição e o equívoco do grafismo como inerente à cultura de morar em Goiânia. Porém, ao identificá-los, finda por constituir uma vertente bem menos explorada da história do urbanismo em Goiânia, qual seja, a vertente crítica, que se recusa a seguir os ditames da história oficial.

Ao analisarmos algumas observações feitas por Graeff sobre o urbanismo em Goiânia, podemos perceber que o autor desenvolve as análises que vinha fazendo sobre a arquitetura brasileira, especificamente sobre as relações entre arquitetura e cultura. Como diz á página 27, o que ao seu modo seria um elogio a Goiânia, talvez dessas “contradições” das quais se ocupa no decorrer do livro, “tenham resultado a vitalidade e a graça que ainda hoje Goiânia exhibe, apesar de todos os pesares, e das deformações que vem sofrendo sob o impiedoso império do capitalismo selvagem”. (GRAEFF, 1985, p. 27). Sem dúvidas, essa foi uma forma heterodoxa de elogiar Goiânia por seus cinquenta anos.

### **Breve comentário sobre a história urbana de Narcisa Cordeiro**

A arquiteta Narcisa Cordeiro, formada pela Universidade Católica de Goiás em 1974, prestou diversos serviços para a ENCOL uma das maiores empresas que atuava no setor da construção civil nos anos de 1970 em Goiânia, para quem fez os projetos urbanos do conjunto residencial Parque das Laranjeiras, na região Sul da cidade, e o conjunto residencial Goiânia II, na região Norte. Após atuar cinco anos como arquiteta e urbanista autônoma, foi convidada para atuar na Secretaria Municipal de Planejamento no ano de 1979, onde, juntamente com as

funcionárias da biblioteca passou a organizar um acervo documental baseado em depoimentos de antigos moradores, com os quais também foram coletados mapas e fotos.

Ao ser indagada sobre a pertinência desse trabalho memorialístico por uma Secretaria de Planejamento, Cordeiro assegurou ser fruto de sua própria história de vida, já que desde tenra idade foi influenciada por “goianos ilustres” que residiam em sua vizinhança a ser também uma espécie de guardiã da memória da cidade . Dentre esses goianos ilustres cita Euridice Natal e Silva, mãe de Colemar Natal e Silva, sendo este último o fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, uma das instituições que os reúnem, e da qual Cordeiro veio a tornar-se membro.

Além dessa justificativa baseada na sua própria história de vida, havia também o contexto das preocupações memorialistas dos chamados “intelectuais goianos”, como por exemplo José Mendonça Teles, que havia publicado em 1977 no livro *Fronteira* uma crônica intitulada *A cidade sem memória*, em que propunha que o Palácio das Esmeraldas fosse transformado em Museu Histórico de Goiânia, além de listar todo o patrimônio edificado que se encontrava descaracterizado.

Segundo Cordeiro, o trabalho de pesquisa memorialística que realizou na SEPLAN desde 1980, tinha como objetivo a publicação de um livro comemorativo em 1983, durante o cinquentenário de Goiânia, tal como fez Graeff. Contudo, conforme seus relatos, o referido órgão municipal se recusou a se responsabilizar pelas interpretações, conceitos, teorias e críticas que viessem a ser feitas pela autora. Assim sendo, o livro que veio a se chamar *Goiânia: evoluções do plano urbanístico* só veio a ser publicado a expensas da própria autora, seis anos após o previsto, depois de Cordeiro já ter deixado de trabalhar na Secretaria.

Na verdade, o teor do livro nada tinha a ver com a homenagem heterodoxa que Graeff tinha feito em 1985 a Goiânia. Muito pelo contrário. Contendo as mesmas formalidades e aspectos oficiais que tem *Como nasceu Goiânia* de Ofélia Monteiro (1938), *Goiânia documentada* e *Goiânia Global* de Oscar Sabino Junior (1960 e 1980), *Evoluções do plano urbanístico* reproduz as versões oficialmente conhecidas pela “plêiade dos intelectuais goianos”. Com o diferencial de que se detém mais detalhadamente nos projetos de Atílio Correia Lima e dos engenheiros Coimbra Bueno, tratando de reunir e publicar informações

oficiais referentes ao assunto. E é esse diferencial que, embora ancorado na história oficial, vai transformar Cordeiro em uma das primeiras autoras a fazer uma história do urbanismo em Goiânia.

O modo como Cordeiro estabelece seus vínculos com os personagens e a política oficial, fica ainda mais evidente um ano após ter publicado *Goiânia: evoluções do plano urbanístico*, quando juntamente com a sua ex-colega de SEPLAN, Normalice de Queiroz, resolve ampliar o livro publicado em 1989, intitulado a nova obra - *Goiânia: embasamentos do plano original*, também edição das autoras. Logo nos agradecimentos e dedicatória do referido livro, podemos ver a vinculação que tem com o trabalho feito na SEPLAN, no início dos anos de 1980, ao citar as funcionárias da biblioteca do órgão público, também os personagens que em geral cederam o acervo documental que ainda hoje existe.

Em *Goiânia: embasamentos do plano original*, Cordeiro e Queiroz farão maior uso das entrevistas feitas com Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno, e esse é um aspecto interessante para a história do urbanismo em Goiânia, porque coloca esses personagens como decisivos para a configuração da cidade. Partindo dos relatos das memórias dos Coimbra Bueno, as autoras irão narrar acontecimentos que envolveram a feitura dos planos, o que até então pouco ou quase nada havia sido escrito nesse sentido.

O resultado é que o nome de Armando de Godoy, que aparece diversas vezes na história narrada por Graeff (1985) e até mesmo por Bruand (1980), pouco aparece na narrativa de Cordeiro e Queiroz. No lançamento de *Goiânia: embasamentos do plano original*, ocorrido no CREA-GO, Abelardo e Jerônimo Coimbra Bueno foram homenageados pelas autoras.

Interessante observar que, reforçando novamente a tendência à oficialidade de sua escrita, as autoras procuram filiar-se ao discurso ecológico (CORDEIRO e QUEIROZ, 1990: 28) então em voga na prefeitura de Goiânia, no início dos anos de 1990.

## Considerações

As análises dos livros considerados nesse texto possibilitaram identificar o surgimento das especificidades discursivas, a partir das quais foi possível constituir o campo do urbanismo de conhecimento

teórico e histórico em Goiânia e Goiás. Essa trajetória é caracterizada pelo deslocamento da centralidade política na escrita da história de Goiânia. Além disso, serve também para mostrar nesse campo do urbanismo em Goiânia, que o uso indiscriminado do termo “urbanismo barroco” pode estar relacionada à pouca clareza de distinções entre grafismos em “identidade profunda”. Provavelmente essa tenha sido a razão de tão amiúde propagação do termo “barroco” na historiografia do urbanismo de Goiânia, sem, contudo atentar para o contexto da teoria que Graeff vinha desenvolvendo sobre o espaço arquitetônico brasileiro. Isso porque somente no escopo dessa teoria é que se pode compreender, com maior clareza, a especificidade e profundidade do próprio campo do urbanismo, e, mais ainda da especificidade do discurso fundante de Edgar Graeff, a partir do livro *1983: Goiânia 50 anos*.

Importa, portanto, salientar a complexidade que o referido livro esconde, e atentar para os cuidados de sua leitura apressada, o que pode resultar em práticas superficiais, tão criticadas ao longo de todo o texto em busca de uma “identidade profunda” para Goiânia.

Por outro lado a forte presença da história oficial tecendo as narrativas escritas em Goiânia: *Evoluções do plano urbanístico* e *Goiânia: embasamentos do plano original* podem também esconder um viés de aparente superficialidade. Essas distinções também são importantes para compreender a importância do discurso fundante de Narcisa Cordeiro para a configuração do campo do urbanismo em Goiânia. Ao inserir os personagens Jerônimo e Abelardo Coimbra Bueno na história do urbanismo de Goiânia pelo viés de suas próprias memórias, ocorre uma abordagem inusual desses personagens que foram estigmatizados por suas atividades políticas e imobiliárias.

Talvez a característica triunfante da história oficial acabe dando o tom maior e mais influente no trabalho empreendido por Cordeiro. Porém, um olhar mais atento às contradições, como queria Graeff, poderá contribuir para o conhecimento da identidade mais profunda da história do urbanismo em Goiânia, e, por meio dessa perspectiva conhecer as metodologias do projeto que antecederam as superficialidades de seus grafismos.

## Referências

1 Pesquisa cadastrada na Pro-Reitoria de Pesquisa da Universidade Estadual de Goiás; participam dois alunos de PIBIC/UEG — Natana Lemos e Matheus Möller.

2 Após 1942 essa obra jamais foi reeditada, tratando-se de uma obra raríssima atualmente.

3 Os engenheiros Ismerino Soares de Carvalho e Eurico Viana, ambos formados em engenharia no Estado de Minas Gerais.

4 Estrangeiro de nacionalidade alemã, técnico em topografia contratado como Engenheiro pelo Estado de Goiás.

5 Oliveira (1985) fez um estudo pioneiro sobre o teor do Plano Saia, tendo resgatado, junto aos familiares, dois Tomos escritos, sem, entretanto, nenhum mapa ou ilustração dos vários produzidos pelo arquiteto. O que restou do Plano Diretor de Luis Saia, encontra-se em Goiânia, na biblioteca da Secretaria Municipal de Planejamento — SEPLAM.

## BIBLIOGRAFIA

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002 [1980].

CORDEIRO, Narcisa. *Goiânia: evoluções do plano urbanístico*. Goiânia: Edição da autora, 1989.

CORDEIRO, Narcisa e QUEIROZ, Normalice de. *Goiânia: embasamentos do plano original*. Goiânia: Edição das autoras, 1989.

GRAEFF, Edgar Albuquerque. *1983: Goiânia 50 anos*. Goiânia: MEC/SECU, 1985.

\_\_\_\_\_. Relações de parceria: cultura e arquitetura. In *Revista MODULO*, edição 61 / novembro de 1980.

\_\_\_\_\_. Edifício. In *Cadernos Brasileiros de Arquitetura*. São Paulo: Editora Projeto, 1979.

\_\_\_\_\_. *Cidade utopia*. Belo Horizonte: Vega, 1979.

\_\_\_\_\_. *Arte e técnica na formação do arquiteto*. São Paulo: Studio Nobel: Fundação Vilanova Artigas, 1995.

MEDEIROS, Wilton de Araujo. *Goiânia metrópole: sonho, vigília e despertar — 1933/1973*.

MONTEIRO, Ofélia. *Como nasceu Goiânia*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1938.

*Revista Projeto*, nº 50. Notícias — Nos 50 anos de Goiânia, discussões sobre a cidade.

SABINO JUNIOR, Oscar. *Goiânia documentada*. Goiânia: Serviço de Documentação Museu Estadual, 1960.

\_\_\_\_\_. *Goiânia Global*. Goiânia: Oriente, 1980.

TEIXEIRA, Pedro. Ludovico. *Memórias*. Goiânia: Livraria Editora Cultura Goiana, 1973.

ARQUIVOS CONSULTADOS:

Núcleo de Documentação e Divulgação (NDD) da PUC/GOIÁS. Arquivo particular de Narcisa Cordeiro.

Secretaria Municipal de Planejamento — SEPLAN. Arquivo Histórico Estadual de Goiás (IHGG) - Goiânia

- Pasta dos Governadores (nº 1) — Pedro Ludovico Teixeira Diário Oficial (15/07/1950).

\_\_\_\_\_. *Relatório ao Exmo Presidente da Republica pelo Dr. Pedro Ludovico Teixeira — Interventor Federal*. Goiânia: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1933.

\_\_\_\_\_. *Relatório ao Exmo Presidente da Republica pelo Dr. Pedro Ludovico Teixeira — Interventor Federal*. Goiânia: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1939.

\_\_\_\_\_. *Relatório ao Exmo Presidente da Republica pelo Dr. Pedro Ludovico Teixeira — Interventor Federal (1940-1942)*. Goiânia: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1943.

\_\_\_\_\_. *Da Cidade à região: contribuição dos Engenheiros consultores: profissionais do desenvolvimento territorial e urbano — 1960/70*.



## Notícias do I Congresso Nacional e Internacional de escritores realizado em Goiânia em 1954

*Luiz Augusto  
Paranhos Sampaio\**

No início da década de 1950, precisamente em fevereiro de 1954, Goiânia sediou o I Congresso Nacional e Internacional de Escritores. Para aqui vieram escritores, poetas, atores, cantores e inúmeros expoentes da intelectualidade brasileira e sul-americana. Naquela época eu cursava o científico no Ateneu Dom Bosco e, embora tivesse apenas 17 anos, fui convidado pela saudosa folclorista Regina Lacerda para coadjuvar a Comissão organizadora como uma espécie de colaborador.

E foi no exercício desta missão, para mim muito honrosa, que fui até a Praça do Bandeirante, levar José Assunción Flores, o consagrado autor paraguaio da guarânia *Índia*, para comprar, segundo ele, “los periódicos de Goiânia”. Durante o trajeto, do Cine Teatro Goiânia até a banca do Sr. Mandarino, não sabia falar o espanhol, mas, mesmo assim, tentei conversar com aquela pessoa de quem era admirador.

Foi, sem dúvida, gratificante aquele encontro. Aqui de Goiás, participaram do Congresso vários intelectuais de nomeada, entre os quais Bernardo Élis, Eli Brasiliense, A. G. Ramos Jubé, Ada Curado, Gilberto Mendonça Teles, Godoy Garcia, Amália Hermano, Maximiano da Mata Teixeira, Regina Lacerda, Afonso Félix de Souza, Oscar Sabino Júnior, Haroldo de Britto, Francisco de Britto, Guilherme Xavier de Almeida, José Luiz Bittencourt, Castro Costa, Ursulino Leão, Mário Rizério Leite, Narceu de Almeida Filho, Pedro Gomes, Léo Lynce, José Décio Filho, Zoroastro Artiaga, Erico Curado, Alfredo de Castro, Luiz Rassi, que presidia a Associação Médica de Goiás e artistas plásticos como Luiz Curado, Gustav Ritter e Antônio Henrique Peclat e, ainda, Otavinho Arantes, profissionais liberais como Hélio Lôbo, José Crispim Borges, Sebastião Ribeiro, Waldyr Castro Quinta, Zechi Abrão, Eurico Godoy, Joel Lisboa, Antônio Lisboa, Manoel Demóstenes, Oton

\* Sócio Titular e 3º vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (cadeira nº 15).

Nascimento, Jesus Reis e Paulo Pacheco; jornalistas como Joaquim Câmara Filho, que ocupava naquela época a Secretaria de Agricultura, Isorico Godoy e Francisco Braga Sobrinho, Superintendente dos Diários Associados do complexo montado por Assis Chateaubriand. Alguns sacerdotes também participaram do evento: os padres José Dalla Mutta (Pe. Zezinho), José Jesuflor, Artur Bonotti, Alípio Martins, Izidro Balsells e Oswaldo Lobo, e outros nomes que os anos não me trazem à lembrança. Entre os principais intelectuais estrangeiros, devo citar a figura exponencial de Pablo Neruda. Dos sul americanos estiveram no Congresso o presidente da Câmara dos Deputados do Chile, Baltazar de Castro, a cantora e folclorista Margot Loyola, o romancista Volodia Teitelboim; do Haiti, o poeta René Depestre; da Costa Rica, o romancista Joaquim Gutierrez; de Portugal, o escritor Fernando Correia da Silva; do Uruguai, o historiador Jesualdo Souza e a escultora Maria Carmem Soza. Notavam-se, ainda, as presenças do pintor Carlos Garcete, do poeta Elvio Romero, do compositor, do maestro Hermínio Gimenez e do compositor José Assunción Flores (de quem falei acima), estes representantes do Paraguai. Dos intelectuais brasileiros compareceram o compositor Lupicínio Rodrigues, o consagrado Jorge Amado e seu irmão James, além da esposa de Jorge, Zélia Gattai, mais tarde ocupante de uma cadeira na ABL. Estiveram aqui, também, José Lins do Rego, José Geraldo Vieira, Ascenso Ferreira, Orígenes Lessa, Dalcídio Jurandir, André Carneiro e Dulce Carneiro, Maria Della Costa, Osvaldo Orico, juntamente com sua filha Vanja Orico, a cantora folclórica Estelinha Egg, o maestro Radamés Gnatalli, o historiador Mário Mello, o crítico teatral Antônio Bulhões e os cineastas Renato e Geraldo Santos Pereira, o pintor e gravurista Mário Gruber Correia, o ator Modesto de Souza.

As solenidades de abertura ocorreram na noite do dia 14 de fevereiro de 1954, no Teatro Goiânia. Foram declamados poemas do poeta Pablo Neruda, recitados por ele mesmo, e foram ouvidas duas canções de Lupicínio Rodrigues, cantadas pelo próprio. A comissão organizadora coube ao escritor Xavier Júnior, e a sessão solene de abertura foi presidida pelo desembargador Henrique Fialho, do Rio de Janeiro, com as presenças dos representantes do Governo Estadual, como o cônego José Trindade, Secretário da Saúde, o médico Francisco

Ludovico de Almeida, que representava seu pai, José Ludovico de Almeida, então Secretário da Fazenda, bem como a ilustre presença do prefeito Venerando de Freitas Borges. O Congresso era de cunho esquerdista, uma vez que quase todos intelectuais brasileiros presentes eram ligados ao Partido Comunista Brasileiro (naquela época, não existia o PCdoB, criado em janeiro de 1962 por Maurício Grabois, João Amazonas e Pedro Pomar, todos expulsos do PCB). Desde 1951, esses intelectuais esquerdistas estavam preocupados com reflexo da política interna norte americana em tempos de Guerra Fria, quando teve início o **marcathismo**, movimento conduzido pelo senador conservador e anticomunista Joseph McCarthy (1908-1957) que consistia na perseguição a comunistas ou a pessoas acusadas de realizar atividades contrárias aos interesses dos Estados Unidos. Falam que cerca de seis milhões de norte americanos foram atingidos, principalmente nos meios intelectuais, artísticos e sindicais. É de se lembrar, também, que em 1947, portanto 7 anos antes do evento, o Supremo Tribunal Federal havia decretado a ilegalidade do Partido Comunista Brasileiro, com base no texto constitucional ínsito na Constituição de 1946 que vedava a existência de partidos políticos contrários ao regime democrático. Vou, agora, falar um pouco sobre Pablo Neruda e depois publicarei, sucintamente, as biografias dos intelectuais estrangeiros que aqui estiveram. Pablo Neruda teve aqui em Goiânia como secretária a jornalista brasileira Jurema de Finammour, que em 1975 publicou o livro *Pablo e Dom Pablo*, no qual buscou criticar a vida do grande poeta na tentativa de desmistificá-lo, de vez que, na sua opinião, ele possuía uma alma que nem sempre foi tão generosa como se propalou.

No livro, escrito há 39 anos, a autora, na página 57, conta o seguinte fato ocorrido em Goiânia:

Lá mesmo, no coração de Goiás, deu-se a fuga aventureira mais engraçada do poeta. Tudo fora combinado antes, em casa de Odessa (Sabino Jorge), a moça que me hospedara (apagou-se-me o nome do marido). Pablo Neruda, Baltazar Castro e Margot Loyola (a delegação chilena) ficaram num hotel. Mas gostavam daquela casa acolhedora e sempre nos reuníamos em redor da longa mesa generosa de Odessa, onde improvisávamos um jantazinho e quando o poeta

pedia: “traga-me cebola, tomate, azeite”, e ele próprio manejava aqueles elementos que mais tarde cantaria tão magistralmente em *Odes elementales*. Pois nessa reunião combinamos fugir de uma dessas cacetes homenagens que programaram para Neruda, apesar de todos os nossos protestos. Seríamos só nós, o casal Odessa e Zélia Amado. Tudo fora “cientificamente” planejado. Sentamo-nos todos em posição estratégica, com olho na porta de saída, enquanto o poeta não pôde fugir à fatalidade de ser colocado no centro da mesa, junto ao poeta goiano que fazia a sua saudação. De terno xadrez, preto-e-branco, gravata borboleta, colarinho alto (seria assim que se vestia?), o poeta local ergue-se para saudar o poeta internacional. Discurso lido. Um catatau dos diabos. Lê a primeira página gongórica, lê a segunda gongoríssima, antes de chegar à terceira gongorérrima, ao virar-se para o outro lado da mesa em busca de novos olhos contemplativos para a sua figura cafoníssima (que era cafona, me lembro bem), Pablo, maroto, aproveita a deixa, dá o sinal. Ergue-se, escapa. Isto é, escapamos para a rua. Lá ficou o poeta goiano badalando seu discurso sozinho. Outros abandonaram a mesa, já que o personagem que os reunia não aceitara a homenagem que lhe prestavam.

Penso, às vezes, na impressão péssima que Neruda terá deixado naqueles espíritos provincianos e desacostumados à descortesia. Porque essas fugas sempre deixaram em meu espírito, além da graça da coisa, mal-estar de agir com desconsideração. Lucidamente sinto que o poeta, embora o digam mal-educado, deveria ter razão. Certo, sua memória guardava o lamento de outro poeta, doído e irreversível: *par politesse j'ai ai perdu ma vie...*

Nas ruas de Goiânia, claras de luar, passeamos em silêncio. O céu do planalto brasileiro é nessa noite um céu alto e estrelado.

Até hoje, não obstante tenha pesquisado, não sei o nome do poeta goiano “de terno xadrez, preto-e-branco, gravata borboleta, colarinho alto”, que proferiu um discurso de homenagem a Neruda, um “catatau dos diabos” e impregnado de frases gongóricas.

Como eu era ainda jovem e minha ajuda se limitava às sessões do Congresso, realizadas no Cine Teatro Goiânia, onde ouvi boquiaberto

Neruda declamar, no palco, algumas de suas odes, não fui à casa de Odessa Sabino Jorge no dia em que o grande poeta, ganhador do Prêmio Nobel de 1971, cometeu a desfeita ao poeta goiano que lhe prestava homenagens.

Disse, no início deste texto, que a grande maioria dos intelectuais que participaram do evento era esquerdista, todos eles comunistas de carteirinha, à exceção de muitos escritores goianos que, para recepcioná-los condignamente, não se importaram com esquerdismo. A título de ilustração, publicarei, em seguida, as biografias de alguns intelectuais estrangeiros, como frisei anteriormente, que nos visitaram por ocasião do sobredito Congresso para que os leitores possam saber de sua existência e obras, uma vez que já passaram 58 anos.

Pablo Neruda. Nasceu em Parral, em 12 de julho de 1904. Era filho de José del Carmen Reyes Morales, e de Rosa Basoalto Opazo, morta quando Neruda tinha apenas um mês de vida. Ainda adolescente adotou o pseudônimo de Pablo Neruda - o nome verdadeiro do poeta era Neftali Ricardo Reyes Basoalto - (inspirado no escritor checo Jan Neruda), que utilizaria durante toda a vida, tornando-se seu nome legal, após ação de modificação do nome civil.



Pablo Neruda (1904-1973)

Em 1906 seu pai se transferiu para Temuco, onde se casou com Trinidad Candia Marverde, que o poeta menciona em diversos textos, como “Confesso que vivi” e “Memorial de Ilha Negra”, como o nome de Mamadre. Estudou no Liceu de Homens dessa cidade e ali publicou seus primeiros poemas no

periódico regional A Manhã. Em 1919 obteve o terceiro lugar nos Jogos Florais de Maule com o poema Noturno Ideal.

Em 1921, radicou-se em Santiago e estudou pedagogia e francês na Universidade do Chile, obtendo o primeiro prêmio da festa da primavera com o poema “A Canção de Festa”, publicado posteriormente na revista Juventude.

Em 1923, publica “Crespusculario”, que é reconhecido por escritores como Alone, Raúl Silva Castro e Pedro Prado. No ano seguinte aparece pela Editorial Nascimento seus “Vinte poemas de amor e uma canção desesperada”, no que ainda se nota uma influência do modernismo. Posteriormente se manifesta um propósito de renovação formal de intenção vanguardista em três breves livros publicados em 1936: “O habitante e sua esperança”, “Anéis” (em colaboração com Tomás Lagos) e “Tentativa do homem infinito”.

Em 1927, começa sua longa carreira diplomática quando é nomeado cônsul em Rangum, na Birmânia. Em suas múltiplas viagens conhece em Buenos Aires Federico Garcia Lorca e, em Barcelona, Rafael Alberti. Em 1935, Manuel Altolaguirre entrega a Neruda a direção da revista Cavalos verdes para a poesia na qual é companheiro dos poetas da geração de 1927. Nesse mesmo ano aparece a edição madrilenha de “Residência na terra”.

Em 1936, eclode a Guerra Civil espanhola; Neruda é destituído do cargo consular e escreve “Espanha no coração.” Em 1945 é eleito senador. No mesmo ano, lê para mais de 100 mil pessoas no Estádio do Pacaembu, em homenagem ao líder comunista Luís Carlos Prestes. Em 1950, publica “Canto Geral”, em que sua poesia adota intenção social, ética e política. Em 1952, publica “Os Versos do Capitão” e, em 1954, “As uvas e o vento e Odes Elementares”.

Em 1953, constrói sua casa em Santiago, apelidada de “La Chascona”, para se encontrar clandestinamente com sua amante Matilde, a quem havia dedicado “Os Versos do Capitão”. A casa foi uma de suas três casas no Chile, as outras estão em Isla Negra e Valparaíso. “La Chascona” é um museu com objetos de Neruda e pode ser visitada, em Santiago. No mesmo ano, recebeu o Prêmio Lênin da Paz.

Em 1958, apareceu “Estravagario” com uma nova mudança em sua poesia. Em 1965, lhe foi outorgado o título de Doutor Honoris

Causa pela Universidade de Oxford, Grã-Bretanha. Em outubro de 1971, recebeu o Nobel de Literatura. Após o prêmio, Neruda é convidado por Salvador Allende para ler para mais de 70 mil pessoas no Estádio Nacional de Chile.

Morreu em Santiago, em 23 de setembro de 1973, de câncer na próstata. Depois do golpe militar de 11 de setembro, sua saúde havia se agravado e, no dia 19, é transferido com urgência de sua casa na Isla Negra para Santiago, onde veio a morrer no dia 23 às 22 horas e 30 minutos na Clínica Santa Maria. Em 2011 um artigo<sup>3</sup> recolheu declarações de Manuel Araya Osorio, assistente do poeta desde novembro de 1972 até sua morte, que assegurava que Neruda havia sido assassinado na clínica com uma injeção letal. A casa de Neruda, em Santiago, foi saqueada depois do golpe encabeçado pelo general Augusto Pinochet e seus livros, incendiados. O funeral do poeta foi realizado no Cemeterio General. Teve a presença dos membros da diretiva do Partido Comunista, mesmo estando em condições de perseguidos pelo regime terrorista de Pinochet. Ainda que cercados por soldados armados, escutaram-se desafiantes gritos em homenagem a Neruda e Salvador Allende, junto à entonação da Internacional. Depois do funeral, muitos dos participantes não puderam fugir e acabaram engrossando a lista de mortos e desaparecidos pela ditadura.

Encontra-se sepultado em sua propriedade em Isla Negra, no Chile. Postumamente foram publicadas suas memórias, em 1974, com o título “Confesso que vivi”.

Em 1994, um filme chamado *Il Postino* (também conhecido como *O Carteiro e O Poeta* ou *O Carteiro de Pablo Neruda* no Brasil e em Portugal) conta sua história na Isla Negra, no Chile, com sua terceira mulher Matilde. No filme, que é uma obra de ficção, a ação foi transposta para a Itália, onde Neruda teria se exilado. Lá, numa ilha, torna-se amigo de um carteiro que lhe pede para ensinar a escrever versos (para poder conquistar uma bonita moça do povoado).

Durante as eleições presidenciais do Chile nos anos 70, Neruda abriu mão de sua candidatura para que Allende vencesse, pois ambos eram marxistas e acreditavam numa América Latina mais justa o que, a seu ver, poderia ocorrer com o socialismo. De acordo com Isabel Allende, em seu livro *Paula*, Neruda teria morrido de “tristeza” em setembro de 1973, ao ver dissolvido o governo de Allende. A versão do regime militar do ditador Augusto Pinochet (1973-1990) é a de que ele teria morrido devido a um câncer de próstata. No entanto, fontes próximas, como o

motorista e ajudante do poeta na época, Manuel Araya, afirmam com insistência que o poeta teria sido assassinado, estando a própria justiça do Chile a contestar a versão oficial sobre a sua morte. Em Fevereiro de 2013, um juiz chileno ordenou a exumação do corpo do poeta, no âmbito de uma investigação sobre as circunstâncias da morte.

O juiz Mario Carroza, que anteriormente havia aberto uma investigação para esclarecer as circunstâncias da morte de Neruda, ordenou, depois de 20 meses de interrogatórios e perícias, a exumação do corpo do poeta. Em novembro de 2013, Patricio Bustos, diretor do Serviço Médico Legal do Chile, deu a conhecer os resultados dos exames toxicológicos realizados nos EUA e Espanha, que descartaram que Neruda havia sido envenenado e confirmou-se que seu falecimento foi produto de um avançado câncer de próstata. Porém, Rodolfo Reyes,

sobrinho do poeta, insistiu que uma terceira pessoa estava envolvida na morte de Neruda e anunciou que se pedirá novas investigações.



*Baltazar de Castro (1919 - 1989)*

**Baltazar de Castro Palma.** (Rancagua, 3 de junho de 1919 – Rancagua, Chile, janeiro de 1989). Poeta, escritor, novelista e político chileno, membro do Partido Socialista Autêntico e da Vanguarda Nacional do Povo. Senador pela Quinta Legislatura Provincial de O'Higgins e Colchagua, período 1961-1969. Deputado pela Nona Legislatura do Departamento de Rancagua, Caupolicán, Cachapoal e San

Vicente em dois períodos entre 1949 e 1957. Presidente da Câmara dos Deputados entre 26 de maio de 1953 até 25 de maio de 1955. Escreveu várias obras literárias.

**Margot Loyola** - Filha de Recaredo Loyola, comerciante e bombero, de Ana Maria Palacios, filha de farmacêutico. Margot Loyola realizou estudos de piano no Conservatório Nacional de Música do Chile, com Elisa Gayán, e estudos de canto com Blanca Hauser. Destacam-se, entre suas variadas pesquisas em 1952 sobre danças: a marinera no Peru para estabelecer comparações com a cueca chilena. Trabalhou, então, com Porfirio Vásquez, patriarca da música negra. Também, estudou a cultura indígena do Peru com José Maria Arguedas. Na Argentina, estudou com Carlos Vega, que se converteu em seu grande professor no terreno da pesquisa com o qual chegaram a ser próximos co-participes. No Uruguai promoveu estudos com Lauro Ayestarán.



*Margot Loyola, quando esteve em Goiânia*



*Margot Loyola, em 2013, com 96 anos*

Em 1952, Margot Loyola principiou seus estudos sobre danças cerimoniais do norte chileno, com Rogelia Pérez, fundadora do baile Las Cuyacas. Também, trabalhou com Los Morenos de Cavancha.

Margot Loyola fez investigações sobre o folclore nas mais longínquas regiões do Chile. Neste mister, recolheu grande quantidade de materiais. Contou, entretanto, com assessoria especial de musicólogos e folcloristas. Considera-se, então, uma artista pesquisadora de grande talento. Criou uma escola referente a cantigas e danças tradicionais do Chile, convertendo-se, desse modo, numa relevante embaixadora da cultura chilena de seu país. Contemporânea e comadre de Violeta Parra, juntas se constituem num duo de profundas ressonâncias na vida

artística e cultural, inclusive, política do Chile da segunda metade do século XX. Ambas nascidas em cidades vizinhas da zona central do Chile, representam um verdadeiro tesouro nacional, jamais igualado num âmbito da música folclórica e da investigação não só da poesia popular como também do canto. Por outro lado, são inigualáveis na criação de uma verdadeira síntese cultural chilena, principalmente, na recuperação da recreação e formação da tradicional e imensa riqueza chilena no que se refere à sua cultura popular.



*Volodia Teitelboim (1916-2008)*

**Volodia Teitelboim** – Filho de imigrantes judeus (o pai era ucraniano), desde a infância se interessou pela literatura. Terminando o colégio (época em que ingressou nas Juventudes Comunistas, aos 16 anos) começou a estudar na Faculdade de Direito do Chile, na qual apresentou sua tese intitulada “O amanhecer do capitalismo. A conquista da América”. Casou-

se com Raquel Weitzamann com a qual criou como filho Claudio Bunster (originariamente Cláudio Teltelboim) que em abril de 2005 tornou-se um destacado intelectual. Teitelboim casou-se pela segunda vez com Eliana Farias, e teve uma filha Marina, funcionária diplomática na Polônia. Durante a década de 1940, sofreu como muitos militantes comunistas, membros do partido comunista do Chile, a perseguição e depois o exílio, no governo do presidente Gabriel González Videla. Entre 1961 e 1965, foi deputado por Valparaíso. Em 1965, foi eleito senador por Santiago e permaneceu neste cargo, até o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973. Durante a ditadura de Pinochet viveu no exílio em Moscou, de onde dirigiu o programa “Escuta Chile” na rádio de Moscou, e rearticulou de lá mesmo o PC. Retornou, clandestinamente ao Chile, mas em 1988 se apresentou as autoridades. Em 1989, foi eleito Secretário Geral do PC, cargo que exerceu até 1994. O seu trabalho literário, pelo qual foi galardoado com prêmio dos Jogos Florais de 1931 e o Premio Nacional de Literatura do Chile no ano de 2002, tem sido destacado por suas memórias, biografias e ensaios. Ao publicar

juntamente com Eduardo Anguita, a “Antologia da Nova Poesia Chilena”, biografou os grandes poetas do País, mas omitiu o nome de Gabriela Mistral, acentuando a disputa entre Vicente Huidobro, Pablo de Rokha e Pablo Neruda. Com este último cultivou, posteriormente, uma estreita amizade desde 1937. Escreveu outros textos.

José Assuncion Flores - Nasceu no bairro pobre de La Chacarita, em Assunção. Um dia, ao roubar um pedaço de pão, foi levado para a delegacia. Acabou entrando para a banda da Polícia, onde começou a aprender música.



*José Assuncion Flores (1904-1972)*

Foi aluno do compositor Félix Fernández e do diretor Salvador Dentece. Criou, em 1922, a sua primeira composição, a polca Manuel Gondra.

Em 1925, depois de experimentar diferentes arranjos para a canção paraguaia Maerâpa Reikuaase, criou um novo gênero, que chamou de **guarânia**. O seu objetivo era expressar os sentimentos do povo paraguaio através da música. A primeira composição a receber esse rótulo foi Jejuí.

Conheceu em 1928 o poeta guaireño Manuel Ortiz Guerrero. Os dois passaram a trabalhar juntos, compondo clássicos como Índia (que em 1944 seria oficializada como “canção nacional” por um decreto do governo paraguaio) e Panambí Verá.

Entrou para o exército em 1932, para lutar na Guerra do Chaco. Após o conflito, decidiu fugir da instabilidade política instalada no Paraguai e mudou-se para a Argentina. Vivendo em Buenos Aires, acompanhou a popularização da guarânia e formou a Orquestra Ortiz Guerrero. Voltou para o país natal em 1936, após a vitória do Partido Revolucionário Febrerista na Revolução de 17 de Fevereiro. Assumiu então os cargos de diretor da Orquestra Folclórica Guarani e de professor da Escola de Ensino Primário Musical.

A ascensão ao poder de uma nova ditadura militar levou-o mais uma vez ao exílio na Argentina. Foi condecorado com a Ordem

Nacional do Mérito em 1949. No entanto, decidiu não aceitar o prêmio, em protesto contra o assassinato do estudante Mariano Roque Alonso durante uma manifestação contra o governo. Passou a ser considerado “traidor”.

Na década de 1950, intensificou a sua militância política, integrando o Comitê Central do Partido Comunista Paraguaio. Foi nomeado membro do Conselho Mundial da Paz, o que o levou a várias viagens à União Soviética, onde, além das atividades políticas, apresentava-se e gravava suas músicas.

Quando Alfredo Stroessner tornou-se o presidente do Paraguai, em 1954, Flores foi proibido de retornar ao país. Seu desejo de regressar foi negado mesmo nos últimos anos de sua vida, quando estava doente, sofrendo do Mal de Chagas, e queria rever a sua terra natal. Somente em 1991 os restos de Flores foram levados de volta para o Paraguai. Hoje repousam numa praça que recebeu o seu nome.



*René Depestre (1926 - ?)*

**René Depestre** – Este intelectual haitiano, aos 19 anos publicou seus primeiros poemas “Étincelles”. Opositor do regime do ditador Lescot. (Os presidentes Vincent, Lescot, Estimé e Magloire foram ditadores do Haiti, cada um a seu modo). Foi preso durante o regime ditatorial de François Duvalier e obrigado a se exilar. Viveu vários anos em Paris, onde estudou na Sorbonne – Letras e Ciências Políticas. Depois passou cerca de 20 anos em Cuba. Em 1978, rompeu com a Revolução Cubana e se instalou definitivamente na França. Em 1979, ingressou no secretariado da UNESCO para trabalhar nos programas de criação artística e literária. De 1986, passou a se dedicar somente à literatura.



*Busto de Joaquim Gutierrez, (1918 – 2000), Passeio dos Artistas, Jardim do Teatro Nacional, São José, Costa Rica*

**Joaquim Gutierrez** – Nasceu em Limón, aos 30 de março de 1918 e faleceu em 16 de outubro de 2000, em San José, Costa Rica. Grande escritor. Foi o criador do famoso personagem infantil Cocorí. Pertenceu a Academia Costarricense da Língua e recebeu o Prêmio Nacional da Cultura Magón, em 1975. Escritor multifacetário, foi periodista, cronista de guerra, novelista, contista, poeta, tradutor, editor, professor universitário e político. No ano de 1999, o diário

costarricense La Nación o considerou a figura literária nacional mais importante do século XX. Toda sua vida foi dedicada politicamente aos movimentos esquerdistas. Passou um ano nos Estados Unidos para onde seu pai o havia enviado para estudar. Militante do Partido Comunista Costariquenho, por cuja legenda foi candidato a vice-presidência do País em duas ocasiões. Xadrezista notável, participou de vários campeonatos e olimpíadas mundiais de xadrez.

**Jesualdo Soza** – Foi um grande mestre, pedagogo, professor de literatura infantil, poeta, novelista e jornalista uruguaio. Nasceu no dia 22 de fevereiro de 1905 no departamento de Tacuarembó, sendo filho de Miguel Soza e Cândida Prieto, esta de nacionalidade brasileira e uruguaia. Fez seus primeiros estudos em Tranqueras, departamento de Rivera. Em 1926, obteve o cargo de professor efetivo da Escola nº 1, de Montevideo; simultaneamente trabalhava como jornalista nos jornais

La Razon e El Telégrafo. Publicou várias obras, quase todas ligadas a sua vida como professor. Proferiu conferências e ministrou cursos em diversos países da América, Ásia e África. Nos anos de 1961-1962, esteve em Cuba, onde foi decano na Faculdade de Educação daquele país e muito contribuiu como assessor na Campanha de Alfabetização. Faleceu com 77 anos no Uruguai.



*Jesualdo Soza (1905-1982)*

**Carlos Garcete** – Este grande artista plástico, dramaturgo e contista, também esteve em Goiânia em 1954. Segundo dados apurados por mim, Garcete viveu quase 40 anos no estrangeiro, onde escreveu e publicou a maior parte de suas obras. Integrante da chamada geração de quarenta, foi amigo e vizinho de Hérib Campos Cervera (poeta e escritor paraguaio), um de seus líderes mais proeminentes. Como dramaturgo foi muito aplaudido na França por “La Caja de Fósforos”



*Carlos Garcete (1918-2003)*

(1964, traduzida para o francês como *La Boite D'Allumettes*) e, em Buenos Aires, com "Isidoro Rodrigues S.R.L.". Escreveu vários contos, todos bem recebidos pela crítica literária. A obra pictórica de Carlos Garcete, excelente, permitiu que ele vivesse em Paris, onde conseguiu vender inúmeros quadros. Na França, revelou-se também como autor teatral. Nasceu em Assunção, em 1918, e faleceu em 2003.



*Elvio Romero (1926-2004)*

**Elvio Romero** – Nasceu em Yegros, Paraguai em 12/12/1926 e faleceu em Buenos Aires, Argentina em 19/05/2004. Foi o primeiro poeta paraguaio laureado com o Prêmio Nacional de Literatura que lhe foi entregue em 1991. Considerado não somente um poeta paraguaio, porém universal da língua castelhana. Viveu a poesia e da poesia sua vida inteira. Ganhou a vida escrevendo. Socialista, manteve-se nessa linha política até sua morte. Escreveu um poema em guarani,

chamado *Che ropea guýpe*, língua que dominava junto com o *castellano paraguayo*. Este poeta, com vasta produção literária, também esteve em Goiânia em 1954.



*Hermínio Gimenez (1905-1991)*

**Hermínio Gimenez** – Maestro e compositor paraguaio, com a idade de 11 anos tomou parte na banda musical da polícia de Paraguari e alguns anos depois foi contratado para uma banda de Assunção. Foi durante essa época que criou sua primeira canção famosa, uma *polka paraguaya* chamada *Jasy Moroti*, em 1918. Em 1920, Hermínio Gimenez formou seu próprio conjunto musical e com ele se apresentou em várias cidades da Argentina. Durante a *Guerra Del Chaco* foi contratado como diretor da banda militar, e terminada a guerra, recebeu várias condecorações do governo. Na Revolução de 1936 exilou-se pela primeira vez na cidade de Corrientes e depois foi residir em Buenos Aires, onde formou

sua *Típica de tango*. Com a tomada do poder pelo ditador Alfredo Stroessner, viu-se obrigado a exilar-se na Argentina, sendo na cidade de Corrientes o lugar onde passou mais tempo. Nas décadas de 30 e 40, dirigiu orquestras nas principais cidades da América, como Buenos Aires, Rio de Janeiro e Nova Iorque. Na década de 50 e princípios de 60, repartiu suas apresentações entre o Rio de Janeiro e Buenos Aires, época em que compõe suas mais admiradas obras. Quando Stroessner deixou o país, Gimenez pode voltar a sua pátria, onde faleceu em 1991.



*Fernando Correia da Silva (1931-2014)*

***Fernando Correia da Silva*** – Romancista, poeta, novelista de Portugal. Abaixo a síntese de sua biografia:

- 1931: Fernando Correia da Silva nasce em Lisboa, no dia 28 de Julho.
- 1948/1949: Participa na campanha das eleições presidenciais de Norton de Matos.
- 1950: Publica “Colheita”, um livro de poemas.
- 1952: Uma novela infantil, “As aventuras de Palhita”, o touro. No mesmo ano, com Alexandre O’Neill, publica “A pomba”, jornal clandestino de poesia militante.
- 1953: No exterior, com Agostinho Neto, Marcelino dos Santos e Vasco Cabral, declara-se pró independência das futuras pátrias africanas. Fez parte da delegação MUD Juvenil no Festival Mundial da Juventude em Bucareste onde conheceu a pianista brasileira Rosa Feldman, com quem se casa.
- 1954: Perseguido pela PIDE, abandonou o curso de Económicas e vem para o Brasil como exilado político, quando, então, participou do Congresso em Goiânia.
- 1956: Na Folha de S. Paulo concebe e dirige a Folhinha, o suplemento infantil publicado ainda hoje.
- 1960/63: dois livros de sucesso, biografias, várias edições, “Os descobridores” e “Os Libertadores”. Durante cerca de quatro anos é coordenador editorial da DIFEL. Em S. Paulo, é um dos fundadores do jornal antifascista “Portugal Democrático”. Com Jorge de Sena, Casais Monteiro, Sidónio Muralha, Fernando Lemos e escritores e artistas

brasileiros tais como Maria Bonomi, Guilherme Figueiredo e Cecília Meireles, funda em S. Paulo a GIROFLÉ, editora infantil. Lança “O Sindicato dos Burros”, contos infantis.

- 1964/65: Em 64, com o golpe militar no Brasil, arranja emprego numa indústria em Fortaleza do Ceará. Por dois anos, vive no Nordeste, a verificar in loco da ostentação e da miséria. Regressa a S. Paulo. Aprende e aplica as técnicas da racionalização industrial.

- 1974: O regresso a Portugal: Trabalhou, o tempo todo, no movimento das cooperativas de produção. Entretanto, continuou a publicar livros:

- 1978: Escreveu um livro de divulgação, historietas, “25 contos de economia”.

- 1986: Publicou um romance: “Mata-Cães”, o herói pícaro.

- 1989: “Lord Canibal”, outro romance, novas aventuras do Mata-Cães.

- 1996: É um dos autores e coordenador editorial do jornal “O Público”, “Oitenta vidas que a morte não apaga”. No mesmo ano lança ainda o romance “Querença”.

- 1998: Escreveu “Maresia”, novo romance. Nesse ano, passou a coordenar “Vidas Lusófonas”, site na Internet.

- 2000: Lançou o romance “Lianor”.

- 2004: “Querença”, o mais autobiográfico dos seus romances, foi transposto para o cinema com realização de Edgar Feldman.

- 2014: Fernando Correia da Silva faleceu dia 18 de Julho a dez dias de completar 83 anos.

Quanto aos demais participantes do **PRIMEIRO CONGRESSO NACIONAL E INTERNACIONAL DE ESCRITORES REALIZADO EM GOIÂNIA EM 1954**, todos escritores e personalidades artísticas brasileiros que aqui estiveram, deixo aos leitores o trabalho de pesquisar suas biografias, porquanto muitos intelectuais de nossa terra já o fizeram.

# A TOPONÍMIA ANTIGA E ATUAL DAS CIDADES E MUNICÍPIOS GOIANOS\*

Antônio Teixeira Neto\*\*

RESUMO: Pelo representam para a identidade histórica, geográfica e cultural de um povo, os nomes de nossas cidades, principalmente os antigos, são em si o testemunho não apenas do momento histórico em que elas nasceram, mas também das relações concretas e afetivas das pessoas com o meio geográfico e ambiental em que elas se fixaram. Sem dúvida, o levantamento toponímico das cidades goianas mostra o quanto, no início, a geografia e a religiosidade do povo influenciaram na denominação dos lugares e como injustamente e sem motivos, ou melhor, sem consultar a população, muitos nomes de cidades foram trocados, destruindo aquilo que é mais típico das pessoas e dos lugares: o seu nome de batismo. Tendo em vista essas observações, o que se pretende no presente trabalho é simplesmente mostrar que ao longo de seus quase três séculos de história, muitas das cidades goianas receberam, segundo os afetos e os interesses em jogo, nomes charmosos – e também

---

\* Este artigo é parte integrante de um trabalho mais amplo – Goiás em Preto e Branco – (ainda inédito), em que exploro com imagens e textos mais de 60 aspectos da vida histórico-geográfica e socioeconômica do Estado de Goiás.

\*\* Licenciado em História, engenheiro agrimensor, doutor em Geografia e Cartografia, sócio-titular do IHGG (cadeira 14). E-mail: netomap@hotmail.com

alguns alheios à geografia e à história locais – antes de adquirirem a identidade onomástica atual.

Palavras-chave: toponímia, topônimo, história, geografia, patrimônio, cultura, cidades.

RÉSUMÉ: Les noms des lieux, surtout les anciens, portent beaucoup de significations historiques, géographiques et culturelles pour ceux qui premièrement les ont nommés. Dans ce sens, ils sont les témoins du moment historique où le village est né, de la même façon qu'ils témoignent les rapports affectives des personnes avec le milieu géographique où la ville s'est élevée. Sans doute, l'étude de la toponymie des villes goyannaises montre combien, au début du processus de peuplement et d'urbanisation du territoire, la géographie et la religiosité des pionniers ont beaucoup pesé au moment de donner des noms aux premiers noyaux urbains. L'étude montre aussi comment – et pour des raisons surtout politiques – beaucoup de noms charmants ont été remplacés par d'autres tout à fait étranges et indifférents aux souhaits de la population. Or, pendant presque trois siècles d'histoire, des villes, villages ou même des simples hameaux goyannais sont nés avec des noms charmants, sinon bucoliques; néanmoins, sans aucun avis, beaucoup d'entre eux furent changés par d'autres qui n'ont pas de rapports ni avec la géographie locale ni avec son histoire, effaçant ainsi une partie importante de son patrimoine culturel. C'est-ce que nous voulons montrer avec cet article.

Mots-clés: toponymie, toponyme, histoire, géographie, villes, patrimoine, culture.

## INTRODUÇÃO

Mesmo que lentamente, e conforme a intensidade dos afetos – ou das desavenças – e do jogo de interesses dos cidadãos e cidadãs, a malha urbano-municipal goiana foi se estruturando e se expandindo

a partir de 1736, com a elevação do arraial de Sant'Anna à condição de vila – denominada Villa Boa – e fechou o período estudado com a instalação, em 1997, dos últimos municípios criados em Goiás: Campo Limpo de Goiás, Gameleira de Goiás, Ipiranga de Goiás e Lagoa Santa, antes denominado Termas de Itajá<sup>1</sup>.

Ao longo do tempo, nem sempre o arraial mais antigo garantiu a sua sobrevivência. Muitos deles morreram pelo caminho afora e, também pelo caminho afora, muitos outros perderam a sua identidade histórica e geográfica mais autêntica – que é o seu nome de batismo –, como se pode constatar nos mapas (1) e (2) que acompanham este artigo.

Em *Genealogia dos municípios goiano-tocantinenses* – de onde também tirei parte desse item –, chamo a atenção para esta questão, pouco estudada, aliás, mas que diz respeito a todo e qualquer goiano: o nome que as pessoas dão aos lugares em que vivem, ou seja, a toponímia das cidades e municípios de seu estado. Segundo o dicionário *Aurélio*, se a *onomástica* é o “estudo e investigação da etimologia, transformações, morfologia, etc., dos nomes próprios de pessoas e lugares”, a *toponímia* é o “estudo linguístico ou histórico da origem dos topônimos”; por seu lado, *topônimo* nada mais é que “o nome próprio do lugar”<sup>2</sup>.

---

1 De 1997 para cá, tanto em Goiás como no Tocantins, nenhum outro município foi criado após a aprovação da Emenda Constitucional no. 15/96, que deu a seguinte redação ao parágrafo 4º. do artigo 18 da Constituição Federal: “A criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de Municípios far-se-ão por lei estadual, dentro do período determinado por lei complementar federal, e dependerão de consulta prévia, mediante plebiscito, às populações dos Municípios envolvidos, após divulgação de Estudos de Viabilidade Municipal, apresentados e publicados na forma da lei”. Porém, dada a vagareza com que o assunto é tratado no Congresso Nacional, até o presente momento a lei complementar federal a ele pertinente acha-se em compasso de espera, emperrando o processo de criação, desmembramento e fusão de municípios nos estados.

2 Ao lugar propriamente dito e, sobretudo, às relações afetivas que cada pessoa tem com ele, muitos estudos geográficos e não geográficos foram realizados, como, para citar o mais conhecido dentre eles, Topofilia – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente, do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Nessa obra, publicada pela primeira vez no Brasil pela DIFEL em 1974, e republicada em 1982, o autor mostra como as pessoas se relacionam com o meio ambiente natural que as rodeiam (o vale, a montanha, a serra, o sertão, o rio, a floresta, o litoral...) ou construído (a cultura, os folguedos e tudo aquilo que a memória registra).

No caso presente, o que proponho aqui é apenas fazer um levantamento etnohistórico e geográfico dos nomes dos 246 municípios goianos para mostrar ao leitor que por motivos dos mais diversos – principalmente os de natureza político-ideológica – muitos deles e suas respectivas cidades tiveram seus topônimos trocados ao longo de sua história.

## A IMPORTÂNCIA DOS ESTUDOS DA TOPONÍMIA

As abordagens sistemáticas da toponímia como objeto de pesquisa são recentes. Um dos primeiros intelectuais brasileiros a abordar o assunto foi o historiador Theodoro Sampaio<sup>3</sup> (também engenheiro, geógrafo e cartógrafo) que, no início do século XX, realizou um dos primeiros trabalhos no gênero – *O Tupi na Geografia Nacional* –, ou seja, um levantamento completo da influência dos nomes tupis na geografia brasileira. Na atualidade, pelo Brasil afora, a maioria dos autores que tratam do assunto tem como ponto de partida os estudos e teses desenvolvidos pela professora da área de linguística da USP, Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick, principalmente a sua tese doutorado em Língua Portuguesa (1980) – *A motivação toponímica. Princípios teóricos e modelos taxionômicos* –, além de outros estudos e pesquisas por ela realizados e publicados – *Toponímia e Antroponímia no Brasil; O problema das taxonomias toponímicas. Uma contribuição metodológica e Interrelação léxico e cultura na América Indígena. Estudo de Caso*. É a essas obras – e a outras correlatas – que remeto o leitor interessado em obter mais conhecimentos sobre o assunto.

Para os especialistas em geral<sup>4</sup>, a toponímia tem por finalidade “investigar o léxico toponímico ou a motivação e a origem dos nomes próprios de lugar. Neste sentido, ela é considerada como um

---

3 Cf. <http://www.etnolinguistica.org/biblio:sampaio-1901-tupi>.

4 Cf. SEABRA et al. In: [www.albumchorographico.com.br](http://www.albumchorographico.com.br)

importante meio de investigação linguística, uma vez que se constitui de reminiscências de um passado muitas vezes esquecido; desse modo, a pesquisa onomástica toponímica mostra-se singular para um estudo cultural, sobretudo se relacionado à história, à língua e ao ambiente”. Torna-se então necessário sublinhar mais uma vez que os nomes de nossas cidades, principalmente os antigos, são em si o testemunho do momento histórico em que elas nasceram, bem como das ligações concretas e afetivas com o meio geográfico e ambiental em que elas se fixaram. É o que confirmam duas autoras tocantinenses<sup>5</sup> sobre o assunto: “qualquer que seja a origem dos topônimos, eles deixam de ser signos arbitrários da língua para se tornarem ícones de uma memória vivenciada, porque subjacentes em si estão a cosmovisão dos falantes e o sentido próprio que elas lhe confere [...] Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que reflete percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época”.

São muitas as características toponímicas dos nomes que se dão aos lugares. Em suas publicações, a Profa. Maria Vicentina Dick<sup>6</sup> enumera dois grandes grupos de topônimos: os de natureza física (*astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, etc*) e os de natureza antropocultural (*animotopônimos, antropotopônimos, hierotopônimos, etc*). Neste trabalho, para simplificar, recorro a outro interessante artigo sobre os topônimos do estado do Ceará, em que o professor Jörn Seemann<sup>7</sup>, seguindo a trilha de Dick, enumera seis grupos de características toponímicas que têm relações, sobretudo, com:

a) *Antroponímia* – cidades com nomes de pessoas, como Senador Canedo, Americano do Brasil, Leopoldo de Bulhões, Mara Rosa...

b) *Biotoponímia*, ou seja, com a *zootoponímia* – cidades com nomes de animais, como Catingueiro Grande (antigo nome de Itauçu),

5 ANDRADE & BASTIANI (2011), p. 73.

6 Cf. MOREIRA, Hélio Costa.

7 SEEMANN (<http://www.academia.edu/647642/>).

Suçupara (antigo nome de Bela Vista de Goiás), Antas (primeiro nome de Anápolis), Veadeiros (atual Alto Paraíso de Goiás), Uirapuru, Aruanã (ex-Leopoldina), Matrinchã, etc. – e com a *fitotoponímia* – cidades com nomes de vegetais, como Goiabeiras, antigo nome de Inhumas), Bananeiras (atual Goiatuba), Lobeira (primeiro nome de Araçu), Ouro Verde de Goiás, ex-Matão (uma referência ao café, que, no início, se constituiu na principal riqueza agrícola do município...

c) *Geotoponímia* – cidades com nomes relacionados ao relevo e à geomorfologia, como Morro Agudo de Goiás, Montes Claros de Goiás, Monte Alegre de Goiás (ex-Morro do Chapéu), Chapadão do Céu, etc., à hidrografia, como Rio Verde, Caldazinha, Turvelândia (em homenagem ao Rio Turvo), Água Limpa, Ribeirão (atual Guapó), Poções (Turvânia), etc., à litografia, como Cristalina, Campos Verdes (numa referência à esmeralda, pedra preciosa abundante no município)...

d) *Arquetoponímia* – cidades com nomes relativos à arqueologia, como, por exemplo, aldeias indígenas, utensílios, fortificações, etc., como o antigo Aldeamento de São José de Mossâmedes, que deu origem à cidade de Mossâmedes, Leopoldina (ex-presídio militar, que deu origem a Aruanã)...

e) *Hagiotoponímia* – cidades com nomes relacionados à devoção religioso do povo, principalmente aos santos e santas católicos, como Santa Rosa de Goiás, São Sebastião do Allemão (atual Palmeiras de Goiás), São Miguel do Araguaia, São José do Turvo (atual Paraúna), Santa Rita do Paranahyba (um dos nomes antigos de Itumbiara), Bom Jesus de Goiás, São Francisco de Goiás e muitas outras cidades goianas com nomes de santos e santas...

f) *Etnotoponímia* – basicamente, cidades com nomes indígenas, como, entre outros, Uruaçu, Itaberaí, Itumbiara, Moiporá, Rubiataba, Aporé, Mambaí, Buriti de Goiás, Ipameri, Crixás (relativo ao povo indígena de mesmo nome), Itapirapuã, etc.

Na verdade, muitas outras características toponímicas têm relações com o que é enumerado pela Profa. Maria Vicentina Dick. Por exemplo:

- Cardinotopônimos – nomes de cidades relativos a posições geográficas: Alvorada do Norte, Colinas do Sul, Goianápolis (entre Goiânia e Anápolis)...
- Poliotopônimos – nome de cidades terminados em polis (radical grego que significa cidade): Anápolis, Firminópolis, Palminópolis, Bonópolis...
- Dimensiotopônimos – nomes de cidades relacionados a dimensões (largura, altura, comprimento, etc.): Alto Paraíso de Goiás e Pouso Alto (atual Piracanjuba)...
- Hierotopônimos – nomes de cidades relacionados a locais sagrados de modo geral: Trindade; Capelinha (primeiro nome de Quirinópolis); Capela dos Correios (primeiro nome de Orizona)...
- Animotopônimos – nomes de cidades relacionados a beleza, altivez (animotopônimos eufóricos): Bela Vista de Goiás, Formosa, Vila do Paraíso (primeiro nome de Jataí), etc., e com situações desagradáveis (animotopônimos disfóricos): Biscoito Duro (antigo nome de Aragoiânia), Paletó Rasgado (antigo nome de Santa Rita do Novo Destino), Cavalo Queimado (atual Araguapaz)...
- Astrotopônimos – nomes de cidades relacionados a corpos celestes (estrelas, sobretudo): Cruzeiro do Sul (um dos nomes antigos de Itauçu) e Estrela do Norte...
- Ergotopônimos – nomes de cidades relacionados a trabalho e/ou instrumentos de trabalho: Faina.
- Etc., etc.

Foi, pois, a partir de premissas de natureza onomástica e linguística que se elaborou o levantamento toponímico antigo e atual das cidades e municípios goianos de que se serviu o autor para a construção dos mapas, em que o leitor poderá, enfim, tomar conhecimento de que a sua cidade pode ter sido inicialmente batizada com um nome charmoso (Campo Formoso, por exemplo), mas que, por razões diversas, foi trocado por outro (Orizona), ou seja, que a sua cidade e o seu município perderam parte importante de sua identidade e de suas raízes históricas

e culturais, já que do nome antigo se guardaram apenas poucas lembranças. Lembremo-nos de que um povo sem história é como um edifício que só tem fachada: sem conteúdo, sem profundidade, enfim, vazio, sem nada para mostrar para as gerações futuras.

Antes, porém, de se referir à toponímia das 246 cidades/municípios de Goiás e ao respectivo mapa (2), é certamente útil mostrar ao leitor que a consolidação da rede urbana atual do estado foi precedida de muitos arraiais auríferos efêmeros que desapareceram ao longo dos primeiros cinquenta anos de busca desenfreada daquilo que se constituiu em uma verdadeira obsessão dos colonizadores: o ouro que enriquecia a realeza portuguesa. É o que em *Genealogia dos municípios goiano-tocantinenses* chamo de arraiais natimortos.

## OS ARRAIAIS NATIMORTOS

Em uma capitania de minas, como a de Goiás, em que a população, como em qualquer garimpo, seguia avidamente os rastros do ouro e só se instalava lá onde as bateadas fossem mais pródigas e mais promissoras, o número de arraiais que não mais existe é, certamente, bem maior do que os que conseguiram sobreviver e chegar ao tempo presente. Como afirmar isto, se não há em nossos arquivos registro sistemático de fenômenos como este, senão alusões passageiras em poucas obras, como as de Alencastre, Cunha Mattos ou de Silva e Souza, por exemplo? A resposta a essa interrogação está nos mapas antigos. Porém, dado o isolamento da capitania com relação ao poder central e a síndrome das grandes distâncias que recaiu sobre a população e sobre a administração como um flagelo, poucos foram os registros cartográficos da geografia e da história goianas naquele tempo. Logo nas primeiras páginas de sua obra, Silva e Souza<sup>8</sup> coloca em evidência o papel periférico que representava a capitania de Goiás no contexto da colônia brasileira, ao

---

8 SILVA e SOUZ (1967), p. 5.

ênfatizar que, “entre todas as capitânias gerais do Estado do Brasil, é uma das mais extensas e das menos povoadas, sendo ao mesmo tempo a mais inferior de todas”. Cito isto para apenas mostrar que o território goiano-tocantinense atual levou mais de dois séculos para ser representado de maneira correta nos mapas de base matemática, que somente a partir dos anos 1940 foram aqui levantados e realizados por órgãos especializados, como o Conselho Nacional de Geografia (CNG), o IBGE e a Diretoria do Serviço Geográfico (DSG) do ministério do exército. Porém, bem ou mal, embora tenham sido levantados, organizados e desenhados de modo expedito, sem nenhum apoio geodésico ou topográfico, sem a utilização de instrumentos com os quais já se praticava uma cartografia mais elaborada em regiões de maior interesse para a coroa portuguesa, como as de fronteiras com as províncias espanholas, mesmo assim os poucos mapas antigos da antiga Capitania e Província de Goiás que existem se constituem em importantes fontes de informações sobre o processo de ocupação, povoamento e urbanização do território estadual.

Foi, então, de dois deles<sup>9</sup> que tiramos os topônimos relativos a lugares que deveriam ser embriões de arraiais coloniais, mas que logo foram engolidos pelo tempo: Anta (a jusante de Barra, atual Buenolândia, próximo ao povoado de Lua Nova, no recém criado município de Matrinchã); Calhamaro<sup>10</sup> (sobre o rio Calhamares, próximo a Pilar de Goiás); Corriola (próximo ao rio de mesmo nome, afluente do rio Maranhão, na divisa entre os atuais municípios de Campinaçu e Minaçu); Chapada de São Gonçalo (entre os arraiais de Santa Rita e Muquém), Cachoeira e Piedade (a oeste de Santa Rita), no município atual de Niquelândia; São Félix, ou Carlos Marinho (próximo ao rio São Félix), Chapada de São Félix ou de Carlos Marinho (cerca de duas léguas ao norte de São Félix), Carmo (ao norte de São Félix, sobre o ribeirão de mesmo nome), Caldas de São Raimundo (ao sul de São Félix), Santo Elias e Tombo de Ouro (próximos ao rio Preto, ao sul de São Félix),

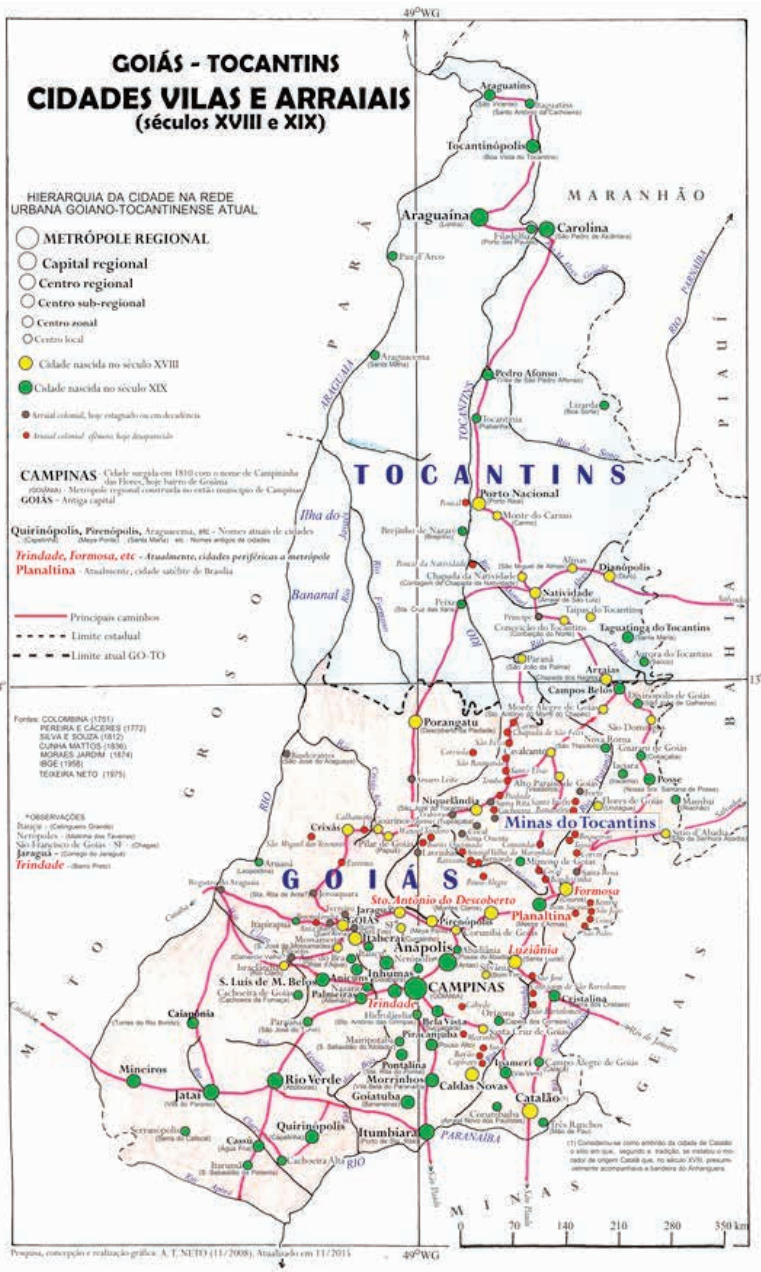
---

9 COLOMBINA (1751) e VILLA REAL (1772).

10 Provavelmente o atual povoado de São José do Cajamar, no município de Itapaci, tenha surgido próximo ao antigo arraial colonial de Calhamaro.

no município de Cavalcante; São Miguel das Tesouras (às margens do rio Tesouras, provavelmente no município de Mozarlândia); Pouso Alegre (próximo à cidade atual de Padre Bernardo); Extrema (junto às cabeceiras do rio Tesouras); Corvos (próximo ao rio Paraim, município de Formosa); Manoel Theodoro (a jusante de Buriti Queimado, no município de São Luiz do Norte); Bernardo e Raizama (margem direita do rio Maranhão, entre os rios Chaveiro e dos Patos, no município de Niquelândia); Bandeirinha (a leste da lagoa Formosa) e Cocal (ao norte da lagoa Formosa), ambos no município de Planaltina; Bom Sucesso (sobre o rio Preto), no município de Formosa; Contendas (próximo à Serra Geral do Paranã, município de Água Fria de Goiás); Tejoal, Boqueirão, Jaburu, Alegre (todos próximos ao rio Paranã, nos municípios de Formosa e São João d'Aliança); Bananeira e Santo Inofre ou Onofre (ao norte de Tejoal, Boqueirão, Jaburu e Alegre, provavelmente no município de São João d'Aliança); Bezerra, São João, Coira e São Pedro (todos sobre o rio Bezerra, nos municípios de Formosa e Cabeceiras); São Bartolomeu, Contagem de São João e Registro de São José (sobre o rio São Bartolomeu, nos municípios de Cristalina e Luziânia); Baião, Capivary, Antas, Meirinho, Mocambo (ao norte de Santa Cruz de Goiás); Engenho, Calvo (ao longo do caminho das bandeiras, rumo a Meya Ponte –Pirenópolis –, na região da Estrada de Ferro); Cahido (entre Silvânia e Santa Cruz) e certamente muitos outros que os mapas não registraram sua existência. Não se pode dizer que se tratava de lugares habitados com cara de arraial já solidamente edificadas, como os de Ouro Fino, Traíras, Amaro Leite, Pilar, Forte, etc, mas de embriões de futuros arraiais, se o ouro extraído à sua volta desse a eles vida longa. No mais das vezes, não passavam de um amontoado de choupanas cobertas de palhas e de paredes construídas de pau a pique. Como se pode observar no mapa (1), a grande maioria desses arraiais efêmeros se situava em volta das então ricas minas de Traíras (Tupiraçaba) e de São José do Tocantins (Niquelândia), ou seja, na parte sul do que na época era chamado de “Minas do Tocantins”, que faziam parte da Comarca do Norte, embrião territorial do atual Estado do Tocantins.

Além desses natimortos lugarejos coloniais, contam-se inúmeros locais e sítios habitados (registros, presídios, aldeamentos e sedes de fazendas e locais de pouso e descanso) ao longo de rios, pontos de passagens e caminhos – como o percorrido pelo Capitão-General de Mato Grosso, Pereira e Cáceres, que ligava Villa Boa a Villa Bella da Santíssima Trindade, às margens do rio Guaporé – e que poderiam ter sidos embriões de cidades: os registros de Arrependidos, Santa Maria, São Bartolomeu e São Marcos, ao longo da divisa com Minas Gerais; Salinas, abaixo da ponta sul da Ilha do Bananal, Lagoa Feia (Formosa); o aldeamento de São Joaquim de Jamimbú (na confluência Crixás-Açu-Araguaia); os presídios de Santa Isabel (hoje em território matogrossense, na entrada do rio das Mortes no Araguaia), Santa Bárbara (próxima à confluência do rio das Almas com o Maranhão), Santo Antônio (próximo às cabeceiras do rio de mesmo nome, no atual município de Mara Rosa), Santa Cruz (no rio Cana Brava, entre Porangatu e São Miguel do Araguaia), Monte Alegre (ao norte do presídio de Cana Brava, próximo ao rio Araguaia), Jurupensen (no rio Vermelho, próximo à atual cidade de Britânia); os sítios e locais de pouso de Ponte Alta, Furriel-Mor (próximos a Luziânia), Santo Antônio e Rio dos Patos (município de Pirenópolis), Engenho do Narigão (município de Itaberaí), Antônio Ferreira Gomes, Taquaral, Mamoneiras, Ribeirão d'Areia, Buriti das Lagoas, etc, entre Villa Boa e o rio Grande (Araguaia) e muitos outros.



(1)

## PREDOMINÂNCIA DE NOMES DE CIDADES BRASILEIRAS E GOIANAS

Passando uma vista d'olhos sobre o quadro urbano do Brasil, estado por estado, chega-se à seguinte conclusão: entre os atuais 5.564 municípios brasileiros, a maioria tem nome de origem indígena (28,8%), nome de pessoas (12,5%), nome de santa, ou santo (11,4%) e nomes em que entram sufixos ou elementos de composição (6,9%). Isto totaliza 3.314 cidades e seus respectivos municípios (59,6% do total), conforme é mostrado na tabela abaixo.

Em se tratando de números estatísticos, algumas obviedades explicam porque nem sempre a maior quantidade é a mais expressiva e nem a menor é a menos significativa. Quando se trata de números absolutos – T na tabela –, obviamente as regiões e estados mais populosos sempre mostrarão números mais expressivos. Minas Gerais, por exemplo, o estado com maior número de municípios do Brasil, vai geralmente mostrar maior quantidade em qualquer um dos itens adotados nesta análise da toponímia dos municípios brasileiros: com exceção dos municípios com nomes de origem indígena – mais numerosos em São Paulo –, naquele estado os que levam nomes de santas ou santos, de pessoas e nos que entram sufixos e elementos de composição, são os mais numerosos.

Por outro lado, quando se trata de números relativos – % na tabela –, o Estado do Amazonas, com 38 municípios com nomes de origem indígena, é o mais expressivo proporcionalmente: 61,3%, seguido do Ceará, com 57,1% (105 dos seus 184 municípios). Em São Paulo, os 232 municípios com nomes de origem indígena totalizam somente 36% dos seus 645 municípios. No conjunto dos estados brasileiros prevalece, contudo, o que pode ser visto como um gesto de complacência do povo brasileiro para com os seus primitivos habitantes: 28,8% das nossas cidades e seus respectivos municípios (1.602 no total) são batizados

com nomes de origem indígena, com predominância para elementos de composição tupi-guarani, como *itá* (pedra), *pirá* (peixe), *açu*, *guaçu* (grande), *mirim* (pequeno), *ará* (arara), *uru* (ave galiforme, cesto de palha), *piranga* (vermelho), etc. É na região Norte, em que ainda predomina a grande maioria da população indígena brasileira, que esses nomes são mais frequentes. Em seguida vêm os estados do Nordeste. É também da região Norte o estado que mais gosta de dar nomes de pessoas a suas cidades e municípios, o Acre: metade delas leva nomes de personagens históricos – Rodrigues Alves, Sena Madureira, Feijó, Plácido de Castro, Senador Guiomar, etc. Em seguida, vêm o Maranhão e o Rio Grande do Norte. Mas, em termos regionais, é no Sul que, proporcionalmente, predomina esse tipo de topônimo: 14% das cidades sulistas têm nomes de pessoas.

As cidades com nomes de santas e santos, dado o caráter religioso do povo brasileiro, são maioria no Nordeste, principalmente na Paraíba (17,4%) e no Piauí (17%). Em números absolutos, 116 cidades mineiras (ou 13,6% dos seus 853 Municípios) levam nomes de santas e santos. Em estados de ocupação mais recente, como Acre, Roraima, Amapá, Rondônia, Amazonas, Tocantins, os topônimos ligados a santas e santos são relativamente pouco numerosos, se comparados aos de origem indígena e os que têm nomes de pessoas.

Por seu lado, nas zonas de ocupação pioneira do início do século XX (Mato Grosso de Goiás, Noroeste Paulista, Norte do Paraná, entre outras), a frequência com que sufixos e elementos de composição são utilizados na formação de nomes de cidades é uma demonstração de como as pessoas – como que envergonhadas de utilizarem nomes mais comuns e simples e que tenham relação com a história e a geografia locais – são levadas pelo que pensam ser “moderno”, “original”. Isto faz lembrar o modismo que consiste em batizar as crianças com nomes ridículos. Neste particular, Goiás é o estado que mais se afeiçoou a essa prática. Como sublinhado abaixo, as cidades com nomes em que entram sufixos e/ou elementos de composição, juntamente com as de nomes indígenas, representam 50,8% do total (125 cidades goianas e seus respectivos municípios).

**CIDADES/MUNICÍPIOS COM NOMES DE ORÍGEN INDÍGENA, NOMES DE SANTAS E SANTOS, NOMES PRÓPRIOS E DE PESSOAS E NOMES COM SUFIOS E ELEMENTOS DE COMPOSIÇÃO DE ORIGEM ESTRANGEIRA**

	Municípios <b>T</b>	Nomes Indígenas <b>T/%</b>	Nomes de Pessoas <b>T/%</b>	Nomes de Santas/Santos <b>T/%</b>	Nome com Sufixos <b>T/%</b>	Outros Nomes <b>T/%</b>
<b>BRASIL</b>	<b>5.564</b>	<b>1.602/28,8</b>	<b>692/12,5</b>	<b>635/11,4</b>	<b>385/6,9</b>	<b>2.250/40,4</b>
<b>Região Norte</b>	<b>449</b>	<b>149/33,9</b>	<b>41/9,1</b>	<b>43/9,5</b>	<b>37/8,2</b>	<b>179/39,3</b>
Acre	22	4/18,2	11/50,0	1/4,6	3/13,6	3/13,6
Amapá	16	8/50,0	1/6,3	1/6,3	0/0	6/37,4
Amazonas	62	38/61,3	7/11,3	5/8,1	1/1,6	11/17,7
Pará	143	43/30,1	10/7,0	18/12,6	6/4,2	66/46,1
Rorônia	52	12/23,1	7/13,5	4/7,7	4/7,7	25/48,0
Roraima	15	7/	0/0	2/13,3	2/13,3	4/26,6
<b>Tocantins</b>	<b>139</b>	<b>37/26,6</b>	<b>5/3,6</b>	<b>12/8,6</b>	<b>21/15,1</b>	<b>64/46,1</b>
<b>Região Nordeste</b>	<b>1.793</b>	<b>578/32,2</b>	<b>243/13,5</b>	<b>222/12,4</b>	<b>77/4,3</b>	<b>853/45,6</b>
Alagoas	102	27/26,5	8/7,8	11/10,8	1/1,0	56/54,9
Bahia	417	175/42,0	48/11,5	34/8,2	16/3,8	144/34,5
Ceará	184	105/57,1	12/6,5	9/4,9	9/4,9	49/26,6
Maranhão	217	47/21,7	45/20,7	35/16,1	8/3,7	82/37,8
Paraíba	223	61/27,4	20/9,0	38/17,0	8/3,6	96/43,0
Pernambuco	185	68/36,8	12/6,5	19/10,3	13/7,0	73/39,4
Piauí	223	31/13,9	46/20,6	38/17,1	12/5,4	96/43,0
Rio Grande do Norte	167	40/23,9	33/19,8	25/15,0	4/2,4	65/38,9
Sergipe	75	24/32,0	7/9,3	13/17,3	6/8,0	25/33,4
<b>Região Sudeste</b>	<b>1.668</b>	<b>47/28,5</b>	<b>205/12,3</b>	<b>195/11,7</b>	<b>134/8,0</b>	<b>569/39,5</b>
Espírito Santo	78	1/26,9	15/19,2	9/11,5	2/2,6	31/39,8
Minas Gerais	853	194/22,8	116/13,6	111/13,0	76/8,9	356/41,7
Rio de Janeiro	92	28/30,4	12/13,1	13/14,1	4/4,3	35/38,1
São Paulo	645	232/36,0	62/9,6	62/9,6	52/8,1	237/36,7
<b>Região Sul</b>	<b>1.188</b>	<b>286/24,1</b>	<b>166/14,0</b>	<b>133/11,2</b>	<b>55/4,6</b>	<b>54/46,1</b>
Paraná	399	125/31,3	51/12,8	42/10,5	29/7,3	152/38,1
Rio Grande do Sul	496	89/18,0	74/14,9	61/12,3	13/2,6	259/52,2
Santa Catarina	293	72/24,7	41/14,0	30/10,2	13/4,4	137/46,7
<b>Região CentroOeste</b>	<b>466</b>	<b>114/24,5</b>	<b>37/7,9</b>	<b>42/9,0</b>	<b>82/17,6</b>	<b>191/41,0</b>
Distrito Federal	1	0/0	0/0	0/0	0/0	1/100
<b>Goiás</b>	<b>246</b>	<b>61/24,8</b>	<b>12/4,9</b>	<b>25/10,2</b>	<b>64/26,0</b>	<b>84/34,1</b>
Mato Grosso	141	9/20,6	13/9,2	15/10,6	9/6,4	75/53,2
Mato Grosso do Sul	78	24/30,8	13/16,7	2/2,6	8/10,2	31/39,7

Fonte: IBGE: [www.ibge.gov.br/cidades](http://www.ibge.gov.br/cidades).

Analisando-se atentamente a tabela, confirma-se, então, que Goiás é o estado brasileiro em que a quantidade de cidades com nomes a partir de sufixos nominais e elementos de composição é proporcionalmente a mais numerosa do país: 26%.

Nesse levantamento, nomes de cidades precedidos de Novo ou Nova não foram levados em conta, como, por exemplo, Novo Lino (AL), Novo Aripuanã (AM), Nova Viçosa (BA), Nova Russas (CE), Nova Venécia (ES), Nova América, Nova Crixás, Nova Iguaçu (GO), Nova Iorque (MA), Nova Belém (MG), Nova Andradina (MS), Nova Xavantina (MT), Nova Ipixuna (PA), Nova Olinda (PB), Novo Santo Antônio (PI), Nova Maringá (PR), Nova Iguaçu (RJ), Nova Cruz (RN), Nova Mamoré (RO), Nova Petrópolis (RS), Nova Itaberaba (SC), Nova Guataporanga (SP), Nova Olinda, Nova Rosalândia (TO). Se isto fosse considerado, aumentaria mais ainda o número de cidades que têm nomes de santas ou santos, nomes de pessoas, nomes indígenas e, sobretudo, nomes com sufixos e elementos de composição.

As cidades com outros nomes – Morro Agudo (em Goiás), Monte Santo (no Tocantins), Barra do Garças (no Mato Grosso), Baús (no Mato Grosso do Sul), Cruzeiro do Sul (no Acre), Lábrea (no Amazonas), Boa Vista (em Roraima), Óbidos (no Pará), Serra do Navio (no Amapá), Alto Parnaíba (no Maranhão), Oeiras (no Piauí), Fortaleza (no Ceará), Areia Branca (no Rio Grande do Norte), Campina Grande (na Paraíba), Serra Talhada (em Pernambuco), Penedo (em Alagoas), Lagarto (em Sergipe), Porto Seguro (na Bahia), Sete Lagoas (em Minas Gerais), Vila Velha (no Espírito Santo), Volta Redonda (no Rio de Janeiro), Ribeirão Preto (em São Paulo), Ponta Grossa (no Paraná), Lajes (em Santa Catarina), Pelotas (no Rio Grande do Sul), entre outros – representam menos de 50% no Brasil como um todo, bem como nas regiões e na maioria dos estados; são exceção apenas em Alagoas (54,9%), Mato Grosso (52,2%) e Rio Grande do Sul (52,2%).

## **CIDADES GOIANAS COM NOMES DE SANTAS E SANTOS**

Embora com menos intensidade de que quando as coisas aconteceram até meados do século XX, certas tradições duram até hoje,

como a de batizar os lugares habitados – povoados, vilas, cidades – com nomes de santas ou de santos. Em um país católico, como o Brasil, os topônimos portando nomes de santas ou santos são naturalmente abundantes<sup>11</sup>. Dos 246 municípios que atualmente possui Goiás, os que têm nomes de santas ou de santos ainda representam 10,2 % do total (25 municípios): Bom Jesus, São João d'Aliança, São Domingos, Santa Isabel, Santa Rita do Novo Destino, São Luiz do Norte, Santa Rosa, etc.

Por que nomes como estes prevaleciam? Porque, seja no tempo da mineração (século XVIII), seja no da expansão da agropecuária (século XIX), ou da expansão das frentes pioneiras e das rodovias, que abriram o espaço para as migrações recentes, o costume, por força da religião, recomendava que o lugarejo, embrião de futura cidade, fosse batizado em homenagem a uma padroeira, ou padroeiro. Assim, logo uma igreja, ou mesmo uma humilde capela, embrião da futura paróquia, era erguida e em torno dela o povoado florescia, ou não, segundo principalmente a durabilidade da atividade que lhe deu origem – a mineração, a agropecuária ou a abertura de caminhos estratégicos, por exemplo. Foi assim que a grande maioria dos povoados que surgiram em decorrência desses processos foram inicialmente batizados com nomes de santas ou de santos da Igreja: Sant'Anna (Villa Boa, hoje Cidade de Goiás), Nossa Senhora do Rosário de Meya Ponte (Pirenópolis), Santa Luzia (Luziânia), São José do Tocantins (Niquelândia), Santa Rita do Paranaíba (Itumbiara), Santana do Maxombombo (Uruaçu), etc., como se pode constatar nos mapas aqui exibidos.

Apesar da imposição absurda dos decretos-leis a que se fará alusão logo abaixo, algumas cidades e municípios conseguiram, contudo, conservar os nomes com os quais foram inicialmente batizados, sejam eles nomes de santas, santos, indígenas ou resultem de sufixos e elementos de composição, como, entre outras: Santa Helena de Goiás, São Domingos, São Luiz de Montes Belos, Cabeceiras, Catalão, Mineiros, Novo Planalto, Nova Glória, Acreúna, Campos Verdes, etc. Sem dúvida,

---

<sup>11</sup> Cf. IBGE (1958), p. 19 a 447

o levantamento toponímico das cidades goianas mostrou o quanto a geografia e a religiosidade do povo influenciaram na denominação dos lugares e como injustamente e sem motivos, ou melhor, sem consultar a população, muitos nomes foram impostos, destruindo aquilo que é mais típico das pessoas e dos lugares: o seu nome de batismo.

## OS NOMES DE BATISMO MAIS COMUNS DE CIDADES GOIANAS

A tabela mostra que sufixos nominais e de elementos de composição é muito frequente entre os topônimos de cidades goianas, principalmente aqueles associados a pessoas. Essa tendência não deixa de ser uma espécie de culto à personalidade em escala menor. Não se pode, porém, generalizar a crítica porque, em muitos casos, a homenagem é justa e não deixa de ser um reconhecimento à pessoa que pioneiramente dedicou toda uma vida para que o embrião de cidade não morresse no nascedouro. Evidentemente, há casos de puro personalismo, que não cabe aqui enfatizar. Das 64 (26 %) cidades goianas que têm nomes em que entram sufixos e elementos de composição, o sufixo *polis*, por exemplo, entra na composição de nomes de 23 delas (Anápolis, Avelinópolis, Cristianópolis, Firminópolis, Mutunópolis, Palminópolis, Quirinópolis, Vicentinópolis, etc). São também 23 as que terminam em *ina*, *ana*, *ânia*, *ínia*, *ésia*, *ira*, (Abadiânia, Alexânia, Britânia, Goiânia, Joviânia, Amaralina, Cristalina, Edealina, Hidrolina, Cezarina, Cromínia, Goianira, Goianésia, etc). 19 levam em seus nomes os elementos de composição *land* (*lândia* aportuguesado) (Aloândia, Aurilândia, Castelândia, Damolândia, Hidrolândia, Israelândia, Perolândia, Turvelândia, etc. As de nomes de origem indígena (sufixos que evocam aves, frutas, madeiras, ou seja, palavras de raízes indígenas) são também numerosas, totalizando 61 topônimos em todo o estado (Aruanã, Araçu, Buriti, Crixás, Cumari, Iaciara, Itaberaí, Itumbiara, Ipameri, Itaberaí, Itauçu, Itapirapuã, Jataí, Jussara, Matrinchã, Moiporá,

Paranaiguara, Paraúna, Piracanjuba, Uruaçu, Urutaí, etc). Como já observado, 25 cidades goianas têm nomes de santas ou de santos (Santa Bárbara de Goiás, Santa Helena de Goiás, Santa Rosa de Goiás, Santa Terezinha de Goiás, Santo Antônio de Goiás, Santo Antônio da Barra, São Domingos, São João da Paraúna, São Luiz de Montes Belos, São Simão, etc) e 12 foram batizadas com nomes comuns de pessoas e nomes de personagens de nossa história (Abadia de Goiás, Americano do Brasil, Aparecida de Goiânia, Brazabrantes, Cavalcante, Mara Rosa, Professor Jamil, Senador Canedo, etc).

Com relação à grafia, contrariamente ao que se é levado a pensar, as cidades goiano-tocantinenses que começam com a letra “S” ou seja, as de nomes de santas ou de santos, não são as mais numerosas, como atestam os exemplos citados. Em Goiás, a maioria das cidades – 33 (aproximadamente 15% do total) – têm nomes que começam com a letra “C” (exemplos: Campos Belos no nordeste, Chapadão do Céu no sudoeste, Cabeceiras no leste, Crixás no oeste); 29 começam com “A” (exemplos: Alto Paraíso na Chapada dos Veadeiros, Anhanguera no sudeste, Alto Horizonte no norte, Aporé na fronteira com Mato Grosso do Sul); 29 também começam com “S” (exemplos: São Miguel do Araguaia no noroeste, São Simão no extremo sudoeste, São Domingos no nordeste, Santa Fé de Goiás no oeste); 22 com “P” (exemplos: Porangatu no norte, Porteirão no sul, Padre Bernardo no Entorno de Brasília, Piranhas no oeste); 20 com “M” (exemplos: Montividiu do Norte, no norte, Marzagão no sul, Mimoso de Goiás no Entorno de Brasília, Mineiros no sudoeste); 19 com “I” (exemplos: Iaciara no Vão do Paranã, Itumbiara no extremo sul, Ipameri na região da Estrada de Ferro, Iporá no oeste); 13 com “G” (exemplos: Guarani de Goiás no nordeste, Goiandira na região da Estrada de Ferro, Goianésia no Vale do Maranhão, Goiás no Vale do Rio Vermelho); 13 com “N” (exemplos: Novo Planalto no noroeste, Novo Gama no Entorno de Brasília, Nova Glória no Vale do São Patrício, Nerópolis no Aglomerado Urbano de Goiânia); 12 com “B” (exemplos: Buritinópolis de Goiás no Vão do

Paraná, Britânia às margens do Lago dos Tigres, Bonópolis no norte, Bom Jesus de Goiás no vale do Meia Ponte. No conjunto, quase todas as letras do nosso alfabeto iniciam nomes de cidades goianas, mas apenas uma começa com “Q”: Quirinópolis, em homenagem ao cidadão José Quirino Cardoso, que, em 1910, comandou a construção da nova capela, fato que emprestaria à cidade o seu primeiro e charmoso nome – Capelinha.

Essa enumeração aparentemente sem nexos mostra, contudo, uma faceta da toponímia urbana pouco perceptível: cerca de metade das cidades goianas que têm nomes de santas ou de santos situa-se em regiões de povoamento recente, como o Mato Grosso de Goiás, principalmente no Vale do São Patrício. Geralmente, são cidades que surgiram quando da abertura das frentes pioneiras, momento em que mais que apressadamente proprietários rurais doavam a uma santa ou a um santo uma gleba de terras para se constituir em patrimônio da Igreja. A partir daí, logo um loteamento era aberto, a capela erguida e em volta dela toda uma vida de animação e de interesses se instalava. Muitos embriões de cidades goianas começaram assim: são os tradicionais “patrimônios”, sinônimo de aglomeração urbana em meio rural. Mas, nem todos os patrimônios foram batizados com nomes de santas ou santos, como, entre outros, Goianésia, Barro Alto, Mozarlândia, Nova Veneza, Campestre de Goiás, etc. Mas, a grande maioria deles, tenha ou não nome de santa ou de santo, foi o embrião que deu origem à maior parte das cidades goianas

## **AS MUDANÇAS CONSTANTES DA TOPONÍMIA DAS CIDADES E MUNICIPIOS GOIANOS**

Segundo recomendavam os ideólogos da Revolução de 30, as trocas de antigos topônimos por outros, geralmente de origem indígena, seriam uma espécie de rompimento do novo e do moderno (os ideais

revolucionários) com o antigo e o atrasado (a República Velha). O Decreto-Lei federal 311/1938 foi um dos instrumentos utilizados para “modernizar” o país e “homogeneizar” a toponímia nacional. Os governadores, ou melhor, os interventores estaduais, sem perguntar ao povo, foram instados a decretar que todos os nomes de batismo das cidades que lembravam o Brasil arcaico fossem trocados por outros, digamos, mais modernos ou mais conformes à influência indígena sobre nossa cultura e nossas tradições. Foi assim que, por força do decreto-lei estadual no. 8.305 de 31/12/1943, já no fim do Estado Novo, sem que se refletisse sobre o significado histórico, geográfico e social dos antigos nomes de nossas cidades, boa parte dos municípios goianos daquela época teve seus primeiros nomes de batismo trocados. Com isto perderam muito de sua identidade histórica, geográfica e cultural, porque a sabedoria popular – do mesmo modo que a sabedoria do índio – aconselhava dar aos lugares nomes que melhor evocassem a geografia e a história locais. Isto era para eles o seu cartão de visitas, ou melhor, sua identidade histórico-geográfica mais autêntica.

Portanto, para os lugares existentes novos nomes – principalmente a partir de elementos de composição ou de sufixos nominais de origem grega, como *polis* (que quer dizer *cidade*), anglo-germânica, como *land* (que quer dizer *terra*) ou latina, como *ino/ina* (que dizer *semelhança, relação*) – não deixa de ser uma afronta aos pioneiros que haviam batizado suas cidades com topônimos que mais naturalmente relações afetivas tinham com a história e com a geografia do local, ou mesmo com personagens que, primeiro, criaram o embrião da futura cidade. Há excessos, como os nomes anedóticos com que certos lugarejos foram, ou ainda são literalmente apelidados – “Rabeia-Bode”, “Puxa-Faca”, “Rasga-Saia”, “Quiabo-Assado”, “Pito-Aceso”, “Dor de Dente”, etc. Mas, isto não significa que eles devam ser trocados por nomes estranhos ao contexto histórico e geográfico em que a cidade teve origem, mesmo se o novo nome é, por vezes, charmoso, como Piracanjuba (uma referência ao rio de mesmo nome), como passou a chamar-se o antigo povoado de

Pouso Alto (no passado, ponto de pouso de tropas). A verdade é que, por exemplo, Bomfim é mais original que Silvânia, do mesmo modo que Torres do Rio Bonito tem mais relação direta com o relevo local (caracterizado por verdadeiras torres areníticas esculpidas pelo vento e pelas chuvas ao longo do tempo geológico) que Caiapônia; Campo Formoso (que evoca as veredas e campinas dos arredores da cidade) tem mais charme que Orizona, do mesmo modo que São José do Tocantins (padroeiro histórico do antigo arraial colonial) é mais charmoso que Niquelândia; Entre-Rios tem mais relação com a situação geográfica da cidade (entre os rios Corumbá e Veríssimo) que Ipameri (que significa a mesma coisa – entre rios – em língua indígena), do mesmo modo que Currealinho é mais conforme ao papel que representou a cidade no passado, que Itaberaí; Santa Rita do Paranaíba tem mais afinidade com o rio que banha a cidade, que Itumbiara, do mesmo modo que Santana do Maxombombo (ou Machombombo, como registram os historiadores da cidade) tem mais relação com o local em que a cidade começou – às margens do córrego Maxombombo – que Uruaçu; Descoberto da Piedade – que, segundo Cunha Mattos<sup>12</sup>, era também chamado de Arraial de Nossa Senhora da Piedade ou do Descoberto do Gunga – soa mais poeticamente que Porangatu, cujo significado é desconhecido; Cerrado soa geograficamente melhor que Nerópolis, do mesmo modo que Floresta tem mais relação com o meio geográfico em que a cidade nasceu, que Itapaci; Santo Antônio das Grimpas é mais original que Hidrolândia, do mesmo modo que São Sebastião do Ribeirão é mais evocador que Guapó e São Geraldo mais apelativo que Goianira e assim por diante. Estes e outros – maus – exemplos mostram que trocar nomes antigos por outros mais “modernos” é o mesmo que “deletar” da memória histórica de cada lugar as lembranças deixadas pelos seus ancestrais. Na verdade, é como apagar do imaginário das pessoas os símbolos e ícones construídos pelos seus antepassados.

---

12 CUNHA MATTOS (1836), p. 276.

Antes de encerrar este item – e após a leitura minuciosa do mapa –, o leitor mais atento vai constatar que muitas das cidades goianas foram “batizadas” mais de uma vez com nomes diferentes, antes de optar pelo topônimo atual. No mapa, consta apenas a grafia do nome que perdurou por mais tempo – **Santa Rita do Paranahyba**, segunda denominação de Itumbiara depois de o povoado ter sido inicialmente chamado de **Porto de Santa Rita**. O mesmo aconteceu com a cidade e município de Ipameri, que nasceu **Vai-Vem**, mas nos anos 1940, quando das mudanças toponímicas impostas por decretos-leis federais e estaduais, passou a chamar-se **Entre-Rios**; há, contudo, que se ressaltar que o nome atual da cidade significa também “entre-rios” em linguagem indígena (*ipau meri*). Há casos em que a mudança de *status* representou também mudança de sede municipal e de nomes: Planaltina (ex-Mestre d’Armas), sede de município até 1960, tornou-se cidade satélite de Brasília; uma nova sede foi instalada, primeiramente no Distrito de São Gabriel de Goiás; depois, uma nova cidade foi construída com o nome de Altamir, para, finalmente, receber o nome atual de Planaltina, cidade periférica ao Distrito Federal e xará da cidade satélite de Brasília. Há outros, por exemplo, em que o primeiro nome foi substituído por outros, mas, não agradando aos seus habitantes, voltou a denominar-se como antigamente – Anicuns – que também se chamou **Novo Horizonte** – e Flores de Goiás – que foi primeiramente chamado de Arraial de Flores, em seguida **Urutágua** e, finalmente, Flores de Goiás. No Norte Goiano, o antigo arraial do ouro de Amaro Leite deixou de ser sede de município em 1963, quando foi substituído pela nova cidade de Mara Rosa, à margem de BR-153; hoje, o velho arraial apenas sobrevive com as lembranças do passado. Abadiânia e Alexânia – que se chamavam, respectivamente, Posse d’Abadia e Santo Antônio do Olho d’Água – mudaram suas sedes para as margens da BR-060 e os antigos arraiais tornaram-se distritos municipais.

Finalmente, eis a lista das cidades goianas por microrregiões (em maiúsculas) que mudaram de nome mais de uma vez:

RIO VERMELHO – Cidade de Goiás: *Sant'Anna/Villa Boa*.

ARAGARÇAS – Aragarças: *Deixado/Barra Goiana*, Diorama: *Aropi* (inverso de Iporá)/*Mandelândia*.

PORANGATU – Porangatu: *Descoberto do Gunga/Descoberto da Piedade*;

CHAPADA DOS VEADEIROS – São João d'Aliança: *Olhos d'Água/São João da Capetinga*; Monte Alegre de Goiás: *Santo Antônio do Morro do Chapéu/Chapéu*.

VÃO DO PARANÁ – Divinópolis de Goiás: *São João de Galheiros/Galheiros*, Iaciara: *Boa Vista/Iracema*.

ENTORNO DE BRAÍLIA – Cristalina: *Serra Velha/São Sebastião da Serra dos Cristaes/Serra dos Cristais*, Formosa: *Couros/Vila Formosa da Imperatriz*, Novo Gama: *Parque Estrela Dalva VI/Pedregal*, Valparaíso de Goiás: *Parque São Bernardo/Núcleo Habitacional Paraíso I*.

CERES – Itapaci: *Água Fria/Floresta*.

ANÁPOLIS – Anápolis: *Santana das Antas (ou simplesmente Antas)/Santana de Campos Ricos*, Itauçu: *Catingueiro Grande/Cruzeiro do Sul*, Nova Veneza: *Colônia dos Italianos/Goianaz*, Ouro Verde de Goiás: *Boa Vista do Matão/Matão*.

GOIÂNIA – Aragoiânia: *Malhadouro/Rosália/Biscoito Duro*, Goianira: *São Geraldo/ Itaim/Itacê/São Geraldo*, Guapó: *São Sebastião do Ribeirão/Ribeirão*, Hidrolândia: *Santo Antônio das Grimpas/Grimpas*, Nerópolis: *Matinha dos Taveiras/Campo Alegre/Cerrado*.

ANICUNS – Aurilândia: *Santa Luzia/Marilândia*, Avelinópolis: *Aparecida do Taboado/Povoado Tabocas*.

IPORÁ – Cachoeira de Goiás: *Cachoeira da Fumaça/Moitu*, Fazenda Nova: *Campão/Paulópolis*, Iporá: *Rio Claro(\*)/Itajubá*, Israelândia: *Rio Claro/Monchão do Vaz*.

SUDOESTE GOIANO – Caiapônia: *Torres do Rio Bonito/Rio Bonito*, Rio Verde: *Abóboras/Dores do Rio Verde*, Santa Rita do Araguaia: *Santa Rita dos Impossíveis/Ivapé*, Serranópolis: *Serra do Cafeza/Nuputira*.

QUIRINÓPOLIS – Itarumã: *São Sebastião da Pimenta/Pimenta*,

Paranaiguara: *Mateira/Presidente Dutra*, Quirinópolis: *Capelinha/Abadia do Paranahyba*.

VALE DO RIO DOS BOIS – Edeia: *Santo Antônio do Alegrete/Alegrete*, Palmeiras de Goiás: *São Sebastião do Allemão/Allemão*, Paraúna: *Fumaça/São José do Turvo*.

MEIA PONTE – Goiatuba: *São Sebastião das Bananeiras/Bananeiras*, Itumbiara: *Porto de Santa Rita/Santa Rita do Paranahyba*, Morrinhos: *Nossa Senhora do Carmo dos Morrinhos/Villa Bella do Paranahyba/Villa Bella de Nossa Senhora do Carmo de Morrinhos*.

PIRES DO RIO – Orizona: *Capela dos Correios/Campo Formoso*, Vianópolis: *Pouso do Carreiro/Cabeceira da Vereda/Estação Tavares*.

CATALÃO – Corumbaíba: *Arraial Novo dos Paulistas/Xavier de Almeida*, Davinópolis: *Grupo/Povoado da Barra*, Ipameri: *Vai-Vem/Entre-Rios* e Três Ranchos: *Mão de Pau/Paranaíba de Goiás*.

(\*) Em *Genealogia dos municípios goiano-tocantinenses*, em uma tabela em que constam as datas prováveis de nascimento e primeiros nomes dos municípios goianos, chamo a atenção para um fato pouco conhecido e que levanta dúvidas quanto a sua autenticidade, ou não: os primeiros nomes de Iporá e Israelândia, respectivamente. Pesquisas realizadas em mapas antigos e consultas em fontes históricas (Silva e Souza e Alencastre, sobretudo), apontam para os seguintes fatos:

a) no final dos anos 1740 (mais precisamente em 1749) surgiram os arraiais diamantíferos de Rio Claro e Pilões; o primeiro – como pude constatar nos mapas de Colombina de 1751 e no de que se serviu o capitão-general de Mato Grosso em 1772 em sua viagem do Rio de Janeiro a Villa Bella de Santíssima Trindade – localiza-se à margem esquerda do Rio Claro, no sítio urbano em que seguramente é hoje a cidade de Israelândia; o segundo localiza-se também à margem esquerda, mas do rio Pilões, não muito distante do Rio Claro;

b) a controvérsia em torno do sítio urbano inicial de Iporá aumenta quando se toma conhecimento (cf. pequeno histórico de Iporá mostrado na *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, p. 223) de que, em 1749, a coroa portuguesa estabeleceu contrato com os irmãos Caldeira Brandt para explorar diamantes nos rios Claro e Pilões, dando origem

aos dois arraiais. O primeiro conservou seu nome por muito tempo e o segundo, já no século XX, passou a chamar-se “Comércio Velho”, nome pelo qual é conhecido até hoje;

c) por situar-se à margem esquerda do rio de mesmo nome, no local em que atualmente existe a cidade de Israelândia, é improvável que o sítio histórico de Iporá tenha sido o do arraial de Rio Claro, porque esta cidade dista cerca de 30 quilômetros a leste daquela;

d) certamente, em decorrência do abandono e do quase desaparecimento do antigo arraial diamantífero de Rio Claro, ao embrião da futura cidade de Iporá, surgido muito tempo depois, deu-se o mesmo nome, como figura nos mapas de Goiás a partir de meados do século XIX;

e) em um mapa de Goiás elaborado pelo Ministério da Agricultura no início dos anos 1940, em que se dá ênfase à localização da cidade de Ceres e da Colônia Agrícola Nacional de Goiás, constata-se que, na época, a cidade de Iporá chamava-se Itajubá (denominação que lhe foi atribuída em 1938). Em 1943 passa a denominar-se Iporá.

f), finalmente, a verdade é que, provavelmente, o então arraial colonial de Rio Claro não se constituiu no primeiro sítio de Iporá, como se lê na fonte acima referida, mas sim no de Israelândia (“mais antigo que Iporá”, como me confessara um iporaense conhecedor profundo da história local), que mais tarde passou a chamar-se Monchão do Vaz e, a partir dos anos 1950, Israelândia, em homenagem a Israel Amorim, um dos homens públicos mais notáveis daquela região, pois, além de Israelândia, existe outra cidade batizada em sua homenagem – Amarinópolis.



## Conclusão sumária

Após minucioso passeio pelo mapa (2), por um lado, o leitor concluirá que poucas são as cidades goianas que ainda conservam seus nomes de batismo inicial: das 246 e seus respectivos municípios, não mais que 1/3 delas (33,7%) conserva a primeira denominação. Não há explicação clara para isto, mas apenas uma constatação: na atualidade, a maioria das cidades goianas não é batizada com nomes de santa ou santo da Igreja Católica, como antigamente, mas com vários outros: Ceres (por alusão à deusa da agricultura na mitologia romana), Faina (que evoca trabalho), Matrinchã (nome de peixe), Formoso (topônimo eufórico), Chapadão do Céu (por situar-se sobre o imenso chapadão que caracteriza boa parte do relevo do Sudoeste Goiano), Inaciolândia (certamente em homenagem a um dos pioneiros fundadores da cidade de nome Inácio), Uruana (evoca nome de rio e de pessoa, ou seja, Uru e Ana, respectivamente), Novo Brasil (topônimo otimista), Caldas Novas (em alusão às águas quentes), Cachoeira Dourada (nome charmoso), Gameleira de Goiás (fitotopônimo) etc., etc. Se espalham por todas as regiões do estado.

O leitor também notará que, neste trabalho, não houve por parte do autor preocupação em fornecer o significado dos topônimos, isto é, sua etimologia (que, em suma, trata-se da origem e do significado das palavras – em tupi-guarani, Itauçu, por exemplo, significa Pedra Grande). Outros aspectos também chamam a atenção do leitor mais atento, como, por exemplo, constatar que em regiões onde a agricultura prima sobre a pecuária, os *hagiotopônimos* (nomes relacionados a santidades) foram os preferidos pelos pioneiros para batizar as primeiras cidades que surgiram, sobretudo, no Mato Grosso de Goiás. Na microrregião de Anápolis, em volta de Inhumas, os nomes de cidades que foram inicialmente batizadas com nome de santas e santos predominam sobre os outros topônimos: Santana das Antas/Santana de Campos Ricos (Anápolis), São Sebastião do Salobro (Araçu), São João Batista do Meia Ponte (Brazabrantes), Santo Antônio do Capoeirão (Damolândia), Santa Rosa de Goiás, São Miguel do Taquaral, etc. Como se sabe, desde o período colonial até meados do século XX, era comum dar-se aos

embriões de cidades nomes de santas e santos, tamanha fora – como ainda é – a influência da Igreja Católica sobre a população, principalmente em meio rural. Com o passar do tempo – segundo os interesses em jogo –, os nomes de padroeiros e padroeiras permaneciam, mas, por razões já sublinhadas, trocavam-se os primeiros nomes dos lugares dados pelos pioneiros por outros que pouca ou quase nenhuma relação tinham nem com a geografia local e nem com o momento histórico que marcaram o nascimento da futura cidade. Argumentava-se que se tratavam de nomes mais adequados aos tempos modernos.

Quantas histórias – de sucessos, mas certamente também algumas de fracassos – estão escondidas por trás desses nomes, independentemente de serem antigos ou recentes, que, por não fazerem parte dos anais de suas cidades, a maioria dos cidadãos desconhece, ou – o que é pior –, porque não se interessam por elas. Não nos esqueçamos de que um povo sem história é como um edifício que só tem fachada, sem profundidade, sem nada para contar para as gerações futuras e que pelo representam para a identidade histórica, geográfica e cultural de um povo, os nomes de nossas cidades, principalmente os antigos, são em si o testemunho não apenas do momento em que elas nasceram, mas também das relações concretas e afetivas das pessoas com o meio geográfico e ambiental em que elas se fixaram.

## FONTES CONSULTADAS

ALENCASTRE, José Martins Pereira de (1979). *Anais da Província de Goiás. 1863*. Brasília:

Ed. Gráfica Ipiranga. Convênio Sudeco-Gov. de Goiás

ANDRADE, Karylleila dos Santos & BASTIANI, Carla (2011). *O mito parauapeva na toponímia*. Rev. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista, junho, 9 (1): 71-78

COLOMBINA, Francisco Tosi (1751) *Mapa da Capitania de Goiás...* Villa Boa de Goyaz.

(Cópia fotostática de original conservado na Diretoria do Serviço Geográfico, Rio de Janeiro)

CUNHA MATTOS, Raymundo José da (1836). *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão pelas Províncias de Minas Gerais e Goiás entre 1823 e 1826*. 2 vol. Rio de Janeiro: Typ. V. Larré, v. 2, p. 276

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (s.d.). *Novo dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed.

Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira

IBGE (1958). *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. V. XXXVI. GOIÁS. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE

IBGE (2010). Recenseamento Geral. GOIÁS. (In: *censo2010.ibge.gov.br*)

MORAES JARDIM (1874). *Carta da Provincia de Goyaz*. (Cópia fotostática de exemplar conservado na Mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro)

MOREIRA, Hélio Costa. *A toponímia paranaense na rota dos tropeiros: Caminho das Missões e estrada de Palmas*. In: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000119381> (consulta em 19/2/2015)

SEABRA, Maria Cândida Costa de et al. *Album chorographico municipal do estado de Minas Gerais. 1927: estudos críticos*. In: [www.albumchorographico.com.br](http://www.albumchorographico.com.br). (Consulta em 12/02/15 h)

SEEMANN, Jörn. *A toponímia como construção histórico-cultural: o exemplo dos municípios do estado do Ceará*. In: <http://www.academia.edu/647642/>. (Consulta em 13/02/2015, 15 h)

SILVA E SOUZA, Pe. Luiz Antônio da (1812-1967). *O descobrimento da capitania de Goyaz (governo, população e coisas mais notáveis – 30 de setembro de 1812)*. Goiânia: Ed. da UFG

TEIXEIRA NETO, Antônio (1975). *L'État de Goiás dans la cartographie luso-brésilienne aux XVIIIe et XIXe siècles* (O Estado de Goiás na cartografia luso-brasileira dos séculos XVIII e XIX). Paris: Université Paris VII (Tese de Doutorado)

TEIXEIRA NETO, Antônio (s.d.). *Genealogia dos municípios goiano-tocantinsenses*. (Inédito)

VILLA REAL, Thomaz de (1772). *Carta de toda a porção da America Meridional que parece necessária a manifestar a viagem de 569 léguas*

*comuns, que da escala e cidade do Rio de Janeiro, executou por terra, em 17 do mez de maio de 1772, a Villa Bella da Santíssima Trindade, o Governador e Capitão-General do Matto Grosso e Cuyabá, Luis d'Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, do Conselho de Sua Magestade Fidelíssima, que Deus o guarde. (Cópia fotostática de exemplar conservado na Mapoteca do Itamaraty, Rio de Janeiro*



# Teatro Experimental do Negro em Goiás

Martiniano José da Silva\*

## INTRODUÇÃO

Começo esta introdução com certa timidez, meio envergonhado. Não sou versado na temática do Teatro. Como meter-me, portanto, em assunto de gênero dramático, arte cênica, inda mais recordando o famoso inconformismo político dos anos 1970? Como a minha mente iria comportar-se, sobretudo 40 anos depois, quando o “engajamento artístico” seria assunto fora de moda? Como lidaria com as minhas emoções, os meus brios e sentimentos de retirante nordestino indignado com as injustiças do mundo, principalmente do Brasil? Antes de tudo, não escrevo para um só endereço, um público único. Tenho compromisso com o mundo no qual não vejo o ofício artístico somente como etiqueta ou conformismo de deslumbrados. Deleite ou bem-estar burguês. O desenvolvimento solitário tem seu valor. O individualismo não tem só um lado, devendo ser por isso que no meu desassossego se acomodam muitas indignações e não sei quantas aventuras, inclusive artísticas, fugindo do medo da vida silente e insulada. Como diria Albert Camus, num inesquecível discurso, ao receber o Nobel de literatura em 1957: “A arte não é aos meus olhos, um prazer solitário”. Deve ser por isso, certamente, que ao escrever *Racismo à Brasileira: raízes históricas* (1985), ora em 4ª edição (2009), além de comprovar e denunciar a existência do racismo mascarado do Brasil, percebi que precisava combatê-lo sem mais demora, surgindo assim a ideia de valer-me de algum fundamento teórico, político-pedagógico, alguma estratégia, artística, por exemplo; percebendo que precisava buscar valores espirituais, transcendentos, científicos etc., para efetivação dessa árdua tarefa, quando descubro, em 1970, a oportuna experiência do Teatro Experimental do Negro, que acredito ser de vanguarda, de origem francesa, passando pela Inglaterra, Alemanha e Espanha, fundado no Rio de Janeiro, a partir de 1944, pelo célebre Abdias do Nascimento, de saudosa memória, do qual recebi valiosas informações sobre o tema lendo alguns dos seus

livros e em uma semana de estudos afro-brasileiros que assisti em Belo Horizonte, Minas Gerais (1978), acompanhado dos escritores Aidenor Aires e Brasigois Felício, ali sendo-me ainda essenciais os diálogos que mantive com os importantes historiadores, sociólogos e antropólogos Clóvis Moura, Zélia Gonzales, Nivaldo Costa Lima, Waldemar Barbosa e outros ícones desses estudos, cujo talento, por certo, permanecerá na história do futuro.

Achada a tática, ainda escrevendo “Racismo à Brasileira”, precisamente na década de 1970, pesquisei e escrevi o texto que considere adequado, a ser montado e posto em cena como arte teatral, chamado “Auto de Zumbi”, a combater radicalmente o racismo, logo entregue às pessoas de minha confiança para a execução. Inicialmente, ao amigo, teatrólogo José Fraga, em Goiânia, onde escrevia sobre teatro no jornal *Opção*, que o avaliou, montou e encenou inúmeras vezes, na Capital e interior de Goiás. A seguir, aos dedicados atores, Toninho Gomes, Cláudio Fumaça e Almir Amorim, em Mineiros que, por sua vez, fizeram o mesmo, sobretudo nesta cidade, onde, assim como Fraga, prestaram um importante serviço à cultura, à arte, à história das ideias e, em particular, ao Teatro de Vanguarda, como acredito poder ser chamado o Experimental do Negro. Reunindo educação, arte e cultura e, por se encontrar artística e politicamente articulado e engajado, fugindo do marginal e periférico, passou, desde seu início no Rio de Janeiro (1944), a exigir acentuado estudo, arguta pesquisa e decisiva persuasão crítica, no intuito de glosar ou exercer censura e poder ajudar a transformar a vida política, econômica, social e cultural da sociedade brasileira, com finalidades e objetivos pedagógicos claros e convincentes, transcritos sobretudo nos capítulos, como conteúdo deste livro, que imagino não passar de uma singela contribuição ao processo de evolução histórica do Teatro, no Estado de Goiás e, surpreendentemente, Mato Grosso, onde, como em Goiás, existiram e existem inegáveis valores da arte de Shakespeare, precisando ser resgatados e tirados do anonimato e injusto silêncio dos esquecidos, diligência, aliás, que já vem sendo feita, sobretudo mais recentemente, não podendo esquecer, contudo, que não estamos mais no tempo das “comédias de costumes inconsequentes ou dramas convencionais”, que só os privilegiados da sorte podiam assistir.

Além dos casos dispersos, escritos ou transcritos em livros,

jornais e outras fontes, creio ser o ensaísta e poeta Gilberto Mendonça Teles, em “A Poesia em Goiás” (1964), o primeiro a começar esse resgate, em texto que transcrevo, dizendo:

Sendo um dos últimos gêneros a surgir nas literaturas, por se constituir num índice maior de evolução cultural, o teatro em Goiás, não simplesmente como representação, mas como obra escrita, somente agora começa a aparecer. Temos, todavia, obras dramáticas cuja publicação coincide com as origens da nossa literatura, mas que foram escritas fora de Goiás. Acreditamos que devem existir muitos originais de peças às vezes representadas nos famosos teatros de São Joaquim (em Traíras e em Goiás), em Pirenópolis ou em outras cidades, no século passado (referia-se ao século XIX). Mas nada disso se publicou até hoje.

Assim, dentro de um critério um tanto largo, podem-se mencionar as seguintes obras de teatro na nossa literatura:

1900 – “Montezuma” – João Teixeira Álvares – Tipografia Brasil de Carlos Gerke, São Paulo. Trata-se de uma “tragédia histórica”, em 4 atos e 10 quadros, aproveitando fatos ocorridos em 1519. Traz um prefácio do autor sobre a importância do teatro e sua evolução. Na “Antologia Goiana”, de Veiga Neto aparece com a data de 1909, mas a data certa é a que indicamos.

1912 – “Eleuza”, João Teixeira Álvares. Trata-se de uma “tragédia” fantástica” em 3 atos e 11 quadros. Tipografia C. Mandebark& Cia, São Paulo. Desse autor aparecem ainda na nossa famosa antologia. “BAROLAS” (drama) e o “CEGO E A LEPROSA”.

1957 – “O Boqueirão”, João Neder – Foi publicado, separadamente, pela “Folha de Goiás”.

1959 – “O Fugitivo”, de Antônio Geraldo Ramos Jubé – mimeografado. Está sem data, mas é de 1959.

1962 – “Caminho de Belem”, Afonso Felix de Souza – Trata-se de um poema dramático, Segundo o autor. Livros de Portugal, Rio de Janeiro”. Finalizando: Informa-se, finalmente, que Jesus Barros Boquady tem nos

prelos da “Imprensa Universitária” uma peça de teatro com o nome de “Uma história de Santa Dica ou sangue nas asas da garça”, que recebeu o prêmio de teatro no “Primeiro Concurso Literário da Universidade Federal de Goiás.

Com o texto do escritor, Gilberto Mendonça Teles, por certo o teatro em Goiás passou a ser visto e estudado de modo genérico-contextual, já se notando nos nomes das peças algum espírito satírico, deboche, ironia etc., sem aparentar, contudo, pretensão política ideológica, como ocorre em certo viés de hoje em dia, ali não se vendo ou vislumbrando peça ou encenação teatral alguma, preocupada com a defesa do segmento social negro ou do indígena, mesmo pejorativamente, presente no Estado já na efervescência aurífera, onde a representação teatral, segundo a emérita professora Nancy Helena Ribeiro, valendo-se, do historiador Bento Alves Araujo, tem seu marco inicial em Traíras (hoje Tupiraçaba), município de Niquelândia. Além disso, dois aspectos relativos ao processo de evolução historiográfica do teatro em Goiás, ficaram claros: primeiro, a existência de peças teatrais antigas, encenadas ou não, vinculadas ao belo e telúrico cenário goiano que, para serem melhor conhecidas e se saber se foram realmente encenadas, como penso, ainda dependem de uma percuciente e aprofundada pesquisa; em segundo lugar, a certeza de que o gênero teatral no Estado só começou a aparecer, sistemática e efetivamente, a partir da década de 1960, com realce no aparecimento do teatro que considero político, onde, teoricamente, Bertold Brecht, queira-se ou não, é destaque, certamente deixando suas influências por aqui, onde, como quase tudo em Goiás, em âmbito econômico, político, social, cultural e artístico, só se acentuou nas décadas seguintes, mostrando que o antigo “theatron” dos gregos, significando “lugar para ver”, oxalá, tomando outros principais sentidos que a palavra pode e deve tomar, não é um labirinto insondável, podendo estar nestas distantes terras goianas, onde são louváveis as pesquisas de Mauri de Castro, Nancy Helena Ribeiro, Gilson Borges, dentre outros.

Foi assim que surgiu na década de 1970, na emergência dos movimentos negros, pela primeira vez na história político-cultural e artística nas terras goianas, o combativo Teatro Experimental do Negro (TEN) que, além das notícias e informações publicadas na mídia da década citada e vir como “desmascaramento da história oficial

e da hipocrisia racial que permeia a nação”, exigindo Constituição Federal comprometida com o povo, só agora ousou registrá-lo em âmbito historiográfico, visando resgatá-lo com seus ideais de denúncia e combate ao racismo; experiência histórica positiva dos afro-descendentes; construção de uma dramaturgia alternativa; tentar educar a classe dominante branca, através de uma pedagogia estruturada no trabalho de arte e cultura recuperando-a da perversão etnocentrista de se autoconsiderar superiormente européia cristã, branca, latina e ocidental; dentre outros, pesquisa buscando as referências possíveis das culturas africanas e afro-brasileiras. Que, querendo-se ou não, emerge no encadeamento da consolidação de Goiânia como Capital, na acelerada expansão do capital do Sul e Sudeste para os campos do Centro-Oeste, fechando e preenchendo os arredores de Goiânia e vizinhanças de Brasília, com seu forte aparato político-cultural e judiciário, aumentando, assim, a população como nunca se viu na região, contexto do qual surgem universidades, criação de cursos específicos nas artes, dentre outros fatores pontuais, condicionantes e estimulantes da arte e da cultura, onde o teatro é histórico e imprescindível, sobretudo sua modalidade engajada, inovadora, guerreira e radical, que é também como vejo o Teatro Experimental do Negro, como disse, presente no Estado a partir da década de 1970, ora precisando sair do esquecimento ou do “escuro da alma” dos seus fundadores, defensores e admiradores, entre os quais o teatro ou a arte não pode ser só memória sem utilidade, estranha e banalizada, a que talvez Proust (1871-1922), em “À Sombra das Raparigas em Flor” (Trad. Mário Quintana/Dicionário de Citações, Paulo Rónai-1985), possa explicá-la:

...a maior parte de nossa memória está fora de nós, numa viração de chuva, num cheiro de quarto fechado ou no cheiro duma primeira labareda, em toda parte onde encontramos de nós mesmos o que a nossa inteligência desdenhara, por não lhe achar utilidade, a última reserva do passado, a melhor, aquela que, quando todas as nossas lágrimas parecem estancadas, ainda sabe fazer-nos chorar. Fora de nós? Em nós, para melhor dizer, mas oculta a nossos próprios olhares, num esquecimento mais ou menos prolongado.

Seja ou não o meu esquecimento um tanto prolongado, não

posso olvidar, mesmo que em visão panorâmica, o que foi feito anteriormente, sobretudo no tempo em que não havia cinema, por exemplo, em Goiás, antiga capital, do Teatro São Joaquim, com influências do teatro francês e português, de imorredouras saudades; a inesquecível Pirenópolis, antiga Meia Ponte, com casa de espetáculo já em meados do século XIX; Traíras, (desaparecida), precursora-preceptora; Santa Luzia (Luziânia), das “festas-espetáculo”, como a de Pentecostes, em pleno século XVIII. Dentre outros locais; recorro a nova Capital do Estado, Goiânia (1942), sem esquecer o belo poema épico, de Manoel Lopes de Carvalho Ramos, pai do grande Hugo, nascida planejada nos sonhos do médico e político Pedro Ludovico Teixeira e inovadora arquitetura da art déco, do arquiteto Atilio Correia Lima; ali onde o melhor do teatro se vislumbra e se inaugura no “Cine Teatro Goiânia”, exibindo um primeiro palco, no lugar do velho tablado e “rés do chão”, estimulando os primeiros artistas da produção cênica no centro da cidade, na Avenida Anhanguera, esquina com Avenida Tocantins; notando-se que só algumas décadas depois, já seguindo uma nítida linha de amadurecimento social e cultural, é que emergiram os incansáveis Otavinho Arantes, Cici Pinheiro, João Bennio, trazendo a importante Agremiação Goiana de Teatro (AGT) e outras felizes iniciativas de cunho coletivo dessa arte, dignas de nota, consideradas pelo estudioso do tema, Hugo Zorzetti, em premiada e rica **Memória do Teatro Goiano** (2005-2008), pioneiras da cena em Goiânia, onde não omite nem a breve experiência do Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), nos anos 1960, dentre outras raras iniciativas satírico-ostentosas, fustigantes dos abusos da ditadura militar de 1964, que tenho como as mais próximas experiências cênicas que, nos seus ideais e objetivos político-ideológicos, deixam alguma semelhança com o que quer e propõe o posterior Teatro Experimental do Negro em Goiás (TENGO) e que, por certo, como sabemos, contrariaram o poder político-militar a ponto de tirar o poeta e escritor Gilberto Mendonça Teles da direção do CEB (Centro de Estudos Brasileiros), forçando-o a residir até no estrangeiro (Uruguai), nunca mais retornando a morar em Goiás.

Com **Memória do Teatro Goiano**, Tomo II, Hugo Zorzetti, sem dúvida, após os anos 60, uma das mais importantes revelações da arte cênica no Estado, prossegue resgatando essa comovente história do

Teatro, já preocupado com o que chama “A Cena no Interior”, onde, além de focalizar outros ângulos histórico-culturais dessa arte, como “A Educação e a Cultura nos Primórdios de Goiás: Cronologia de Alguns Avanços Significativos”, num levantamento impressionante, estuda o assunto com abrangência maior em várias cidades do interior, fazendo uso dos conceitos: A Cena Teatral em Morrinhos, em São Luiz de Montes Belos, Trindade, Anápolis, o Teatro em Quirinópolis, a Cena Dramática em Pirenópolis e Cena Teatral em Silvânia, antigo Bonfim; vendo-se que em cada um desses capítulos deixa uma grande riqueza de informações e detalhes da arte de Bertold Brecht, em histórias, estórias, fatos, sonhos, personagens, instituições cênicas, entrevistas, marasmo artístico, grupos teatrais, contribuição de pessoas, como: Zilda e Nilza Diniz, recordações, estudos, tudo deixando-me oportunos ensinamentos, ricas experiências e belas impressões, não podendo deixar de destacar os casos de “A Cultura Dramática em Quirinópolis Antes do Palácio da Cultura Teotônio Vilela,” no Sudoeste, e o de Pirenópolis, dos Pompeu de Pina e Jaime, como “O Berço Goiano da Paixão pelo Teatro”, no mais pleno Planalto Central dos Pirineus.

Em “Contribuição ao estudo do teatro em Goiás”, fazendo parte do livro “Formação de Goiás Contemporâneo: identidade histórico-geográfica e político-cultural, vários autores, selo Kelps, Goiânia, 2012, nos 80 anos de fundação do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGGO), organização Aidenor Aires, Elizabeth Caldeira Brito e Lena Castelo Branco Ferreira Freitas, a professora, Dra. Nancy Helena Ribeiro, como diz no título e elucida no texto, consegue resgatar com rara competência a interessante e aventurosa história do teatro em Goiás, por certo, no mais recuado dessa história, quando, em paralelo aos Autos dos jesuítas de influência européia, os escravos já promoviam seus Autos profanos, a Congada, as Taieiras, o Quicumbre, os Quilombos e o Bumba-Meu-Boi, onde, por adaptação desses escravos, eram introduzidos personagens como Mateus e Bastião, por exemplo. Experiente e erudita, sem ser chata e pernóstica, Nancy começa fazendo uso de importantes e necessários conceitos teórico-acadêmicos, como: “O historiador é necessariamente um selecionador” (Edward Hallet Carr), “... obra ausente em toda obra escrita” (Giorgio Agamben), “...a História Cultural, apesar de provisória abre um leque de possibilidades à análise historiográfica” (prof. Heloisa Capel, PUC), assim podendo dizer

que precisa de “procedimento seletivo”, o que significa um “fenômeno cultural” e outros fundamentos, através dos quais, pôde conceituar o que é identidade, definir a identidade cultural, identidade e cultura, a de Goiás, sua goianidade, ser goiano hoje, inclusive na perspectiva do teatro ou afeito a arte, “...perpassando os tempos coloniais ao tempo presente”, assim vendo o teatro em Goiás como uma trajetória histórico-cronológica e cultural, dividida em vários momentos ou períodos, nos quais não consegui vislumbrar peças ou encenações teatrais, em que pese a rara meditação da autora, preocupadas ou de algum modo engajadas na defesa político-ideológica do povo negro, muito menos a participação desse segmento social e racialmente discriminado, como protagonista da arte teatral, a não ser os casos que considero excepcionais, às vezes ainda nos séculos XVIII e XIX, dependendo de pesquisa aprofundada; notando-se que há em Mato Grosso uma bela surpresa nesse particular, como creio demonstrar no final desta introdução.

Vê o assunto, nos primórdios, onde já é contínuo, nas agremiações culturais, teatro com maiores sinais de organizações, nas iniciativas da família e da Igreja, cultores da arte, inclusive musical, nas renovações, novas linguagens e dimensões do século XX, nos chamados “Pioneiros”, Otavinho Arantes, Cici Pinheiro, João Bênnio; dos contemporâneos, de teatro mais popularizado; o ensino de Teatro ou “teatro na escola”, onde o destaque é também, dentre outros, do mineirense Almir Amorim e Luíza Melo; nas Casas de Espetáculo, o Centro Cultural Martim Cererê, onde os amantes da arte chegaram a residir; nas obras e bibliografias de autores goianos, onde, além de Amorim, dentre outros, não devem ser esquecidos Lena Castelo Branco, o escritor Miguel Jorge com suas peças; surgindo e acrescentando a fase do reconhecimento, inclusive oficial, com premiações de entidades culturais, como: União Brasileira de Escritores, de Goiás, UBEGO, com Tiokô e Conselho Estadual de Cultura, oferecendo, inclusive, o Troféu Jaburu.

De todo modo, assim como o notável Hugo Zorzetti, a professora Nancy mostrou no seu consistente trabalho que a “arte cênica” em Goiás esteve e está muito mais presente do que se possa imaginar, na alma do povo goiano, nenhum ditador ou coronel tendo conseguido evitá-la, ninguém; atrevendo-me a dizer que não há cidade goiana, por pequena que seja, provinciana que pareça ou antiga que aparente, sem alguma presença das imaginações artísticas de Shakespeare, Molière, Voltaire

ou as fantasias cênicas de João Caetano (morreu em extrema penúria), Nelson Rodrigues, Procópio Ferreira, Vianinha, Guarnieri, Plínio Marcos, Augusto Boal (Teatro do Oprimido), Hugo Zorzetti, Otavinho Arantes, Almir Amorim, Braz de Pina, Toninho Gomes, Nancy e todos os que fazem e amam essa arte, sendo possível que até as ousadas e peripécias do chamado teatro revolucionário, após os anos 60, estejam por lá, nem que seja nos atavismos culturais ou ideias e indignações das pessoas, no mais humilde dos burgos e no mais longe dos grupos escolares, de uma ponta de rua bucólica, onde alguma comédia, talvez inconseqüente, já deve ter sido encenada. Certamente, o épico Bertold Brecht, por exemplo, é uma proeminência da arte teatral das que mais deveriam estar por lá, propagando a maior dramaturgia do século XX, oxalá, do XXI, através do seu incontestável talento e em particular de suas 5 Maneiras emblemáticas de dizer a verdade.

Em Goiás, além do que de algum modo, registro em “Sombra dos Quilombos” (1964), “Quilombos do Brasil Central: violência e resistência escrava”, 2ª edição, (2008), “Racismo à Brasileira: raízes históricas”, 4ª edição (2009) e textos publicados na Imprensa, tenho alguns casos em que os negros, escravos ou não, participaram eventualmente de encenações teatrais, às vezes como os mais animados, certamente sem a acepção político-ideológica do que acontece em nossos dias. Os dados que recebi do escritor e competente pesquisador Bento Fleury Curado, dos quais só conhecia o do músico e ator negro José do Patrocínio Marques Tocantins, merecem publicação, mostrando que a pesquisa é um assunto inesgotável e o negro, escravo ou não, nunca foi omissos. Primeiramente, em Pirenópolis, berço da tradição teatral e musical goiana, houve o professor e maestro, de origem africana, Ermano da Conceição, que ainda em dias do século XIX, segundo Bento Fleury, fundado em documentos primários do Arquivo Histórico Estadual Goiano e IHGG, “promovia apresentações teatrais na cidade, notadamente no alto da Lapa, região pobre, com grande participação popular. Seu teatro versava inclusive sobre a escravidão”, acrescentando:

Ermano da Conceição era professor primário e alcançou a longevidade, mas morreu na mais absoluta miséria, haja vista injustiça que sofreu sem conseguir se aposentar. Seu teatro foi concorrido e tinha presença garantida do público pobre e

marginalizado da antiga Meia Ponte”. Foi enterrado a custa da caridade pública. Hoje é nome de uma importante escola no bairro alto da Lapa em Pirenópolis.

Na cidade de Goiás, onde em 1805 ocorreu uma revolta dos “pardos”, foi José do Patrocínio Marques Tocantins também um teatrólogo que utilizava negros em suas peças, geralmente revistas cantadas, com temática social. Sua esposa, que era branca e fidalga, Anna Xavier de Barros Tocantins também compunha partituras para as músicas executadas nas peças.

Em Santa Cruz de Goiás houve o escravo liberto, Francisco Lima de Souza, que ainda antes da abolição fez apresentar algumas peças em praça pública na velha cidade, claro, “com a indiferença do povo, mas anuência dos africanos encantados com o representante ilustre que sabia assinar o nome”; merecendo ser frisado que o assunto exige pesquisa aprofundada, até para mostrar que a atividade teatral no Brasil, em certos períodos, sem exceção de Goiás, era um ofício desprezível, abaixo dos infames e criminosos, nos quais os escravos, mulatos e pobres em geral podiam participar; enquanto noutros períodos, sobretudo do século XVIII, a serem melhor definidos, o preconceito contra essa atividade proibia inclusive a participação de mulheres nos elencos, sendo assim que os homens passaram a representar os papéis femininos, passando a ser chamados de “travestis”.

Creio, assim, que o enfoque do teatro preocupado com o negro, na sua defesa político-filosófica, como imagino, fundado em Bertold Brecht, Abdias do Nascimento e uns poucos, não é transparente e comum no processo de evolução historiográfica do teatro em Goiás; parecendo ser mesmo o “Experimental do Negro”, nesse viés, o primeiro a aportar por aqui; fato que, em princípio, não seria novidade noutros Estados, não podendo porem, esquecer a vibrante participação de escravos e mulatos no teatro em Mato Grosso, também cá “No distante Oeste” de que fala o ensaísta e escritor Carlos Gomes de Carvalho, conforme abordo no final desta introdução, mostrando que a participação do ex-escravo Victoriano no teatro em Cuiabá, por exemplo, chegou a ser considerada célebre. Esse fato não significa que os dramaturgos, atores, atrizes e apaixonados por essa arte, especialmente de cor branca, em Goiás ou não, não tenham algum preconceito em desfavor do segmento negro.

Por certo eles têm, até hoje em dia, na subjetividade e comportamento, às vezes dizendo que não, evidenciando o que chamo “racismo disfarçado”, comum no Brasil afora, com suas diferenças e semelhanças, características desse sistema de racismo hipócrita do Brasil, onde, como sabemos, houve preconceito racial, social, o de “marca”, até contra a profissão teatral.

Além do exposto, é necessário dizer que Goiás é um Estado muito centralizado, em vários aspectos isolado, para o qual quase tudo veio de fora e até há pouco chegava atrasado, como aconteceu na política e suas ideologias, na história e seus vieses, na economia e suas dúvidas, na literatura e suas tendências, na estética e suas belezas, na cultura e sua complexidade, na arte e suas ilusões, onde o teatro nunca esteve imune, mantendo ou não o negro como personagem, mais vezes de forma pejorativa, refém da ideologia e imaginário do branco, assim mostrado na história, na literatura e cena teatral, sobretudo a partir de 1851<sup>1</sup>. Deve ser por isso, certamente, que só após os anos 60, assim como ocorreu com a “poesia práxis” e outras tendências estéticas e políticas, o TENGU pôde chegar em Goiás; justificando se poder dizer, que só mais recentemente poucos atores e atrizes, alguns ainda um tanto tímidos, preocuparam-se e aceitaram participar e encenar o “Auto de Zumbi”.

Não reparam começar com Hugo Zorzetti que, embora não tenha peça no assunto, nem encenado Auto de Zumbi, prestigiou e manteve contato comigo, inclusive vindo encenar em Mineiros, compartilhando das minhas idéias, ora já tendo no seu trabalho um ativo afro-descendente, Constantino Isidoro, vindo de Brasília, um dos grandes nomes do teatro em Goiás, preocupado com as injustiças contra o negro; a Renata Caetano, mulher, negra, atriz e professora de teatro, focada na temática, inclusive com “Catolé (catulé) – Em Terra de Preto Na Rota dos Erês”, interessante projeto aprovado em 2011 pela Lei de Incentivo à Cultura do Estado (Lei Goyases), autora da peça, Palco Aberto (2009), já fora do tema, sendo que na peça anteriormente citada, procura conscientizar o público a respeito da cultura africana. Valéria

---

<sup>1</sup> Salvo raríssimas exceções, o negro, como signo cênico, em geral projeta-se em três modelos predominantes: 1. o escravo fiel, tipo de cão amestrado, dócil e submisso; 2. elemento pernicioso, criminoso, espécie de cobras venenosas que ameaçam o equilíbrio e a harmonia do lar senhorial; 3. negro caricatural, cujo comportamento ridículo e grotesco motivava e ainda motiva o riso das plateias. (MENDES, 1982)

Vieira, atriz e professora de teatro, que chega a participar da montagem de um grupo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), chamado “Herdeiros de Zumbi”. Universitário, “Show do Esqueleto”, satírico e debochado, da Faculdade de Medicina da UFG. Toninho Gomes, de Mineiros, ator e diretor do Grupo de Teatro Theaumai, professor de teatro em escolas estaduais, mantém uma escola do gênero em Mineiros, onde essa arte, ao que sei, começa na encenação de uma comédia épico-historiográfica de José Leão, datilografada por José de Assis (1958), ativo político do lugar, levando-a a virar relíquia.

Toninho interessou-se pelo TENGO na década de 1980, em Mineiros, quando, a meu pedido, montou e encenou “Auto de Zumbi” várias vezes, uma delas na comunidade quilombola do Cedro, em uma noite inesquecível; em Goiânia e outras cidades, onde também alcançou grande receptividade. Nesta última, encenou parte de Auto de Zumbi inclusive na Academia Goiana de Letras, na minha posse, assumindo a Cadeira 12, em 10 de agosto de 2000. Entre diretores e atores, acredito ser Toninho Gomes um dos mais ativos e bem organizados do interior de Goiás, na apresentação de interessantes projetos, não podendo esquecer o divertido e satírico que escreveu “Ria Se Phuder”, no ano 2000, debochando meio mundo da deslumbrada, estressante, não raro mística, escrupulosa e estressante sociedade mineirense. Cláudio Fumaça, falecido, também mineirense valoroso, não pode ser esquecido, notando-se que chegou a encenar em pequenos espaços religiosos. Mery Dell Eugenio, que enchia salões na animação burguesa. Luiz Cláudio, “Cia. Novo Ato de Teatro”, mineirense, despontando em Goiânia. Grupo Teatral, “Fimes em Cena”, direção do inquieto De Paula, que, entre outras, encenou “Ópera Sertaneja”, linha “Teatro de Memória e de Futuro”, peça do consagrado ator Marcos Fayad, também escritor de raro talento, coadjuvado pelos escritores não menos notáveis, Miguel Jorge e Augusta Faro, caros confrades da AGL. Almir Amorim, proeminente talento mineirense, que se interessou pelo assunto ainda em São Paulo, nas últimas décadas do século XX, onde e quando, além de pertencer ao Núcleo II Arena, conviveu com o Teatro de Arena daquela Capital, através do Espetáculo “Arena Conta Zumbi”, no qual participava Zezé Mota e um excelente ator mineiro, Bené Silva.

No dizer correto de Rafael Ribeiro Blat, diretor teatral, pesquisador, MBA em produção cultural e outros tantos méritos:

Amorim, natural de Mineiros-GO, é um grande expoente ao nosso teatro goiano e brasileiro, muito bem casado com a diretora e atriz Luzia Mello. Amorim carrega na sua história traços de um homem de muita luta, muita fibra e também celebra cerca de 49 anos de carreira. Este homem das artes enfrentou repressão, ditadura, andou a pé de Sampa até Goiás num dado momento, foi caçado e tido como morto por muitos anos. Fez história com grandes expoentes do teatro paulista ainda naquela época, até retornar para Goiás e fixar sua moradia artística.

Foi em São Paulo, como disse, que Almir Amorim começou a manter contato com o movimento e o Teatro Experimental do Negro que, segundo ele mesmo informa,

...tinha nomes importantes como Ruth de Souza, Aguinaldo Camargo principal ator desse grupo que fora fundado para abrir um campo de atividade para os artistas negros (geralmente em nosso teatro, os personagens negros eram feitos por atores brancos pintados de preto); durante cinco anos fizeram montagens muito importantes, depois dizem que desapareceu com a morte de Aguinaldo.

Em Mineiros, Amorim continuou interessado e, a meu pedido, igualmente montou e encenou “Auto de Zumbi”, com sucesso, tendo como uma das atrizes e intérprete, a poeta Marta Brandão, ator Salvy Cintra e o músico José Antônio e esposa Sueli, da comunidade do Cedro. Mantém hoje, uma escola de teatro em Goiânia, com a atriz Luzia Melo, sua mulher, depois de ter passado vários anos sumido, às vezes preso ou na clandestinidade, fugindo da ditadura. Não pode ser esquecido Marcelo Pedro, ator e diretor, em Goiânia, onde Amorim continua como um dos vultos do teatro em Goiás, ao lado de Mauri de Castro, Ivan Lima, Marley de Freitas e o pesquisador Hugo Zorzetti, dentre outros.

À guisa de registro, em Jataí, dentre outros, o professor Nestório Ribeiro, Edgar Cordeiro, Pedro Salazar, que também fizeram teatro em Rio Verde, onde José Alberto Pereira (Roberto Rocco) além de teatro, fez o filme “Igrejinha da Serra”, com repercussão no país, não podendo esquecer que lá também fez e prossegue fazendo teatro o vibrante Fábio

Rocha, filho de Mineiros, um dos mais ativos participantes do Tongo no elenco de Toninho Gomes.

Notem, pois, que introduzir o Teatro Experimental do Negro, em Goiás, não foi fácil, começando pelo obstáculo do nosso racismo social e racial permanentes. Imaginem que mesmo sendo atraente e agradável ao público, foi recebido a bomba em um palco da Churrascaria Monjolo, na Praça do Cruzeiro, em Goiânia. De todo modo, trata-se de introdução temerária, sonhando alcançar a ideia de teatro popular, diante de uma sociedade muito conservadora, seriamente assimilada de anacronismos históricos, religiosos, políticos e ideológicos, mais vezes falsos e enganosos, como a alardeada mentira de que no Brasil não havia racismo, assim como a outra lorota de existência de “democracia racial!” A bem dizer, foi uma labuta muito árdua, uma aventura de todos os que se empenharam comigo, em inúmeras atividades, sobretudo em Goiânia, onde o contato com os movimentos negros, dentro e fora das universidades, foi fundamental, apesar da distância, do isolamento geográfico, das minhas limitações intelectuais e do grande sacrifício pessoal que tive que fazer, como advogado descendente de negro, cabeludo, playboy, retirante nordestino, circundado de racismos por todos os lados. Não sei quantas vezes tive que enfrentar disfarçados deboches anacrônicos, piadinhas cínicas, rizinhas irônicos e olhares hipócritas, encarando cá o meu perfil de sertanejo, desengonçado, forçando-me a guardar no mais íntimo de minha autodefesa ou “silêncio defensivo”, de minha justa e profunda indignação - como decerto ocorrera com Lima Barreto - a terrível dor e sofrimento dos discriminados, justamente quando pretendia combater o racismo! Como diria, oportunamente, o famoso Chico Buarque de Hollanda, “A dor da gente não sai nos jornais”, consoante diria a bela letra da música “Notícia de jornal”, dele e cantora Maria Betânia (1975).

Cheguei a fechar o escritório de advogado, em Mineiros, querendo alcançar outras experiências culturais, artísticas, políticas, filosóficas etc., em mesas redondas, seminários, conferências, simpósios, lançamentos de livros e outros eventos, em Goiânia, Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Porto alegre, Salvador, Belem, Santarem, Rolim de Moura, Manaus, Cuiabá e Campo Grande, onde lancei a 1ª edição de “Racismo à Brasileira” e estive em animada caravana com os negros goianos, integrando-se, articulando-se, podendo dizer que

foi nestes lugares que mantive estreitos contatos com muitas pessoas importantes e, em particular, com os negros e seus movimentos, então em efervescência Brasil afora, emergindo o promissor, polêmico e difícil processo de “consciência negra” e seu conseqüente aprofundamento político-filosófico, criando inclusive o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”, substituindo o “13 de Maio”, com Abdias Nascimento, Clovis Moura, Florestan Fernandes, Zélia Gonzales, dentre outros, sem os quais, por certo, não me proporia fundar o Teatro Experimental do Negro em Goiás.

Eis o que posso mostrar deste teatro rebelde, “experimental do negro”, de transformações radicais no palco e na sociedade, ironicamente comovente, preocupado com arte, cultura, educação, política, liberdade, igualdade, equidade, estética, pesquisa, interesse coletivo, justiça social, função e sentido social do teatro e, que, na sua relação com a trajetória historiográfica dessa arte, em Goiás, como se fosse um delinquente perverso, foi recebido a bomba, deixando muitos olhares espantados, dúbios e suspeitos. Incluída a introdução, também enriquecida com a temática em Mato Grosso, está sumariado em 10 capítulos preocupados com estudos afro-brasileiros e cultura africana, narrando e descrevendo história e um pouco de representação cênica. No seu conteúdo artístico e proposição político-pedagógica, sua arte cênica, por certo, não é a mesma dos monstros sagrados da tragédia grega, da arte medieval, da arte pela arte e da erudita dos salões franceses ou portugueses, dos quais, de algum modo, ainda possa depender; notando, todavia, que somos outros tempos, outras realidades, onde o capitalismo neoliberal quer transformar tudo em negócio, vantagem, devaneio ou mero entretenimento, querendo “pensamento único”. O seu objetivo, por conseguinte, é ter sua ousada encenação, como fundamento pedagógico básico, através do qual desmascare e viabilize a transformação da sociedade brasileira, das suas instituições e estruturas, assim podendo amalgamar e alcançar juízo crítico, com o qual consiga reciclar-se e compreender a importância da arte no combate ao racismo; conseguindo desse modo reduzir as incríveis desigualdades existentes no país, sobremodo contra o segmento étnico negro, destacadas pelo âmbito social e racial; ficando claro que não bastam só políticas afirmativas e enfatizar a Constituição Federal de 1988, que a “prática de racismo constitui crime inafiançável

e imprescritível, sujeito à pena de reclusão”. Espero que todos alcancem essa compreensão e o “Teatro Experimental do Negro”, além de outros objetivos, possa ser arte cênica com verdadeiro cheiro de povo, sem olhares cínicos e risos irônicos, “...trazendo em si o coração de todas as artes”. Quem sabe, o que aconteceu em Mato Grosso, criando a primeira crítica teatral no Brasil, admitindo participação de escravos negros e mulatos, mitigue ou suavize o assunto.

Setembro, Primavera de 2013.

### Referências Bibliográficas

**Bacelar**, Jeferson. Resenha. Revista de Antropologia, vol 50, nº 1, São Paulo, Jan/Jun 2007

**Blat**, Rafael Ribeiro. Texto reportagem no DMREVISTA, do jornal Diário da Manhã, Goiânia, 27 de março 2014.

**Brecht**, Bertold. 5 Maneiras de Dizer a Verdade. Jornal Opção, Goiânia, 28/10/1979.

**Carvalho**, Carlos Gomes de. No distante Oeste: A primeira crítica teatral no Brasil, Cuiabá: Verde pantanal, 2004.

**Constituição Federal** de 1988, Brasília, Distrito Federal 2008.

**Greenblatt**, Stephen. Como Shakespeare se tornou Shakespeare. Companhia das Letras. Tradução Donaldson M. Garschagen/Renata Guerra. São Paulo, 2004.

**Mendes**, Miriam Garcia. A personagem negra no teatro brasileiro entre 1938 e 1988. São Paulo, Ática, 1982.

**Monah**, Delacy. Introdução ao Teatro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

**Muller**, Ricardo Gaspar. Identidade e Cidadania: O teatro experimental no negro. In: Revista Dionysios, nº 29, 1998.

**Nascimento**, Abdias do. O negro revoltado. Rio de Janeiro, GDR, 1968.

\_\_\_\_\_. Genocídio do negro brasileiro, processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

\_\_\_\_\_. O quilombismo. Petrópolis, Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. Sortilégio, Dramas para negros e prólogo para brancos.

\_\_\_\_\_. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexos. Revista Estudos Avançados 18 (50), USP, 2004

**Silva**, Martiniano J. da. Racismo à Brasileira: raízes históricas, 4ª edição, Editora Anita Garibaldi, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. Quilombos do Brasil Central: violência e resistência escrava, Goiânia, Editora Kelps, 2008.

\_\_\_\_\_. Advocacia: engenho e arte. 2ª edição. Goiânia, Gráfica O Popular, 1999.

**Zorzetti**, Hugo. Memória do Teatro Goiano: a cena no interior, Tomo I e II, Kelps, Goiânia, 2005/2008.

**Helena** Ribeiro, Nancy. Contribuição ao estudo do teatro em Goiás. in Formação de Goiás Contemporâneo: identidade historico-geográfica política-cultural. IHGG 80anos. Aidenor Aires, Lena Castello Branco Ferreira de Freitas e Elizabeth Caldeira Brito (organizadores), Goiânia Kelps, 2012.

**Pavis**, Patrice. Dicionário de Teatro. Tradução: J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo. Editora Perspectiva. 1996.

**Peixoto**, Fernando. Brechecht: vida e obra. 3ª edição. Rio de Janeiro, 1979.

**Rodrigues**, Nelson. O óbvio ululante: as primeiras confissões. Rio de Janeiro. Agir, 2007.

**Teles**, Gilberto Mendonça. A Poesia em Goiás: (Estudo/Antologia, Oficinas da Imprensa Universitária da Universidade Federal de Goiás – Goiânia, 1964.

## **Jornais**

Opção. Goiânia, edições de 6 de abril 1979; 10 de junho de 1979; 29 de julho de 1979, 31 de julho de 1979.

O Popular, Goiânia, 21 de abril de 1979 e 22 de agosto de 1979.

Folha de Goiás, Goiânia, 21 de novembro de 1980.

Diário da Manhã, Goiânia, DM Revista, quinta-feira, 27 de março de 2014, texto de Rafael Ribeiro Blat, Nossas palmas teatrais: Mauri de Castro, Ivan Lima, Almir Amorim e Marley de Freitas, vultos do teatro em Goiás.

DM Revista, Terça-feira, 16 de dezembro de 2014, in “Sobrevivente das Artes”, reportagem jornalista Rariana Pinheiro, celebrando 50 anos de carreira do ator, diretor e dramaturgo Almir de Amorim.

**Lima**, Mariângela Alves de. O teatro do negro no Brasil e nos Estados Unidos. Revista USP, São Paulo, Dez/Fev. 95/96

**Martins**, Leda Maria. A cena em sombras. São Paulo, Perspectiva, 1995

**Site:**

Teatro Negro no Brasil: uma experiência sócio-racial. Disponível em [www.afinsophia.wordpress.com](http://www.afinsophia.wordpress.com); acesso em 14/04/2015

# A Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campinas

Antônio César Caldas Pinheiro\*

## ORIGEM DO ARRAIAL DE CAMPINAS

A região de Campinas antes da primeira década do século XIX se constituía em um grande vazio demográfico. Isto é compreensível, pois os primeiros povoadores paulistas e portugueses contornavam o mato grosso goiano, floresta luxuriante que dificultava a penetração, obrigando-os a dar voltas enormes quando de suas viagens pela capitania de Goiás. Aqueles que vinham do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, no final do século XVIII, tinham de percorrer a estrada real que do Paranaíba, nas imediações da atual Catalão, demandava Santa Cruz, Bonfim (Silvânia), Meiaponte (Pirenópolis), Ourofino, Ferreiro e Cidade de Goiás onde adentravam pela Cambaúba, hoje na saída para Aruanã. O arraial de Curralinho (Itaberaí), existente desde 1778, ficava fora da estrada real e somente no início do século XIX, com a ruína da ponte do rio Uru da estrada antiga, é que a estrada de Curralinho à Cidade de Goiás passou a ser freqüentada pelos viajantes, sendo esta uma das causas das decadências dos arraiais de Ourofino e Ferreiro.

Ainda em 1824 a região era pouco habitada. Cunha Matos se queixava das poucas notícias que obtivera sobre o território de Campinas a Bonfim

[...] Não existe mappa algum que mostre os rios e ribeirões que necessariamente hão de correr no Sertão de Campinas até ao Bom-fim; nem ao menos achei huma pessoa que me desse hum esboço deste território, para eu conhecer o systema geologico das montanhas, e o hydrographico, que eu tanto tenho procurado illustrar. (p. 125)

---

\* Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (cadeira nº 41), Diretor do Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central – IPEH/BC.

Este registro de Cunha Matos vem ao encontro do que vimos afirmando. A região foi tardiamente adentrada pelos descendentes de europeus. Quanto aos habitantes autóctones, a arqueologia está aí a demonstrar a existência de sítios arqueológicos junto a vários cursos d'água, principalmente junto ao ribeirão João Leite onde a Pontifícia Universidade Católica de Goiás desenvolveu trabalhos de estudos e prospecção.

A região onde surgiria o arraial de Nossa Senhora da Conceição de Campinas começou a ser desbravada mais ou menos em 1810. No ano anterior foram redescobertas as minas auríferas de Anicuns<sup>1</sup>, tendo o Governador, dom Francisco de Assis Mascarenhas, fundado o arraial sob o patrocínio de seu onomástico São Francisco de Assis, ainda hoje padroeiro daquela cidade. Segundo tradição, o fundador de Campinas, Joaquim Gomes da Silva Gerais teria saído de Meiaponte (Pirenópolis), de onde era natural, com a intenção de se dirigir às Minas de Anicuns, na esperança de dias melhores com a mineração. Passando pela região entre o córrego Cascavel e o rio Meiaponte, encantou-se com o lugar, farto de águas e matas verdejantes. Deixando-se ficar no local, desbravou-o e teria edificado a capela que daria início ao arraial.

Em 1824, Raimundo José da Cunha Matos registra, em seu *Itinerário*, publicado em 1836, escrito a partir das anotações recolhidas quando Governador das Armas da Província de Goiás (1823 – 1826) e utilizadas, primeiramente, em sua *Corographia Historica da Província de Goyaz*<sup>2</sup>, que o arraial de Campinas

Fica 31  $\frac{3}{4}$  léguas ao sudeste da cidade: tem 11 casas, e uma capela de N. S. da Conceição. Foi fundado em 1816 e é habitado por agricultores e criadores de gado para fornecimento da cidade. Recebe o nome de Campinas por estar assentado em terreno plano, falto de montanhas, junto ao rio de Meia Ponte, que entra no Corumbá<sup>3</sup>.

---

1 No século XVIII, mais precisamente em 1752, Pantaleão Pedroso Bonfante descobriu as Minas de Anicuns. Caídas no esquecimento, somente quase 60 anos depois seriam redescobertas.

2 MATOS, Raymundo José da Cunha. *Chorographia Historica da Provincia de Goyaz*. Gráfica e Editora Líder, Goiânia: 1979, p. 32.

3 O Meiaponte deságua, na realidade, no Paranaíba. Cunha Matos em várias passagens do *Itinerário* deixa transparecer que confundia o Paranaíba com o Corumbá, acreditando mesmo que o Paranaíba fosse afluente do Corumbá.

No *Itinerário*<sup>4</sup>, porém, Cunha Matos foi menos sucinto e dali podemos inferir outras informações importantes para a história de Campinas:

O Arraial de Campinas foi fundado no anno de 1816, na margem direita do Rio de Meia Ponte, junto à Capella de N. S. da Conceição, casa de oração de vários lavradores e creadores de gado que habitão naquelles sertões, que pela maior parte constão de vastíssimas campinas, e pequenas matas à borda dos Rios Dourados e Meia Ponte. Ainda agora he tão pequeno que contém 11 fogos. Pertence ao Termo de Goiaz, e a Capella he filial da Paroquia de Santa Anna da Cidade, e há sempre aqui hum Capellão Cura para administrar Sacramentos aos seus applicados.

Vejamos que Cunha Matos dá o ano de 1816 como o da fundação do arraial de Campinas “junto à Capella de N. S. da Conceição”, ou seja, já existia uma capela no lugar. Isto vem ao encontro de outros registros que dão o ano de 1810 como o da fundação do arraial. A nós nos parece que desde 1810 a região começou a ser povoada por adventícios de Meiaponte, Corumbá, Bonfim, Minas Gerais e mais tarde de São Paulo que arroteavam as matas dos vales dos rios Meiaponte, João Leite e Dourados para plantar e criar.

O assento de óbito de Joaquim Gomes da Silva Gerais registra ser ele o fundador da capela de Nossa Senhora da Conceição de Campinas:

Aos 13 de Abril de 1839 Faleceo da vida presente com todos os SSa<sup>tos</sup>. Joaq<sup>m</sup> Gomes da S<sup>a</sup> Geras [sic], homem branco cazado e foi seportado no Adro desta Capella de N. S. da Conceição de Campinas no dia 14 do d<sup>o</sup> mes e anno solenemente, sendo este o Fundador da mesma Capella. E p<sup>a</sup>. constar fis este termo. O Cura Bazílio Antonio de Santa Barbara<sup>5</sup>.

---

4 MATOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás, seguido de uma descrição corográfica de Goiás, e dos roteiros desta província às do Mato Grosso e São Paulo*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2004, p. 125.

5 Livro nº 01 de Óbitos de Campinas 1836 - 1846, fl. 05.

## A PRIMEIRA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CAMPINAS

Quanto à fundação da capela nos terrenos pertencentes a Joaquim Gomes da Silva Gerais, cremos que a primeira casa de oração tenha sido edificada entre 1813 e 1814. Amparamo-nos para esta assertiva nos assentos do livro *Matrículas de Sacerdotes*<sup>6</sup>, com registros de 1805 a 1817.

Consultando este livro, encontra-se na parte da paróquia de Vila Boa, da qual dependia o curato<sup>7</sup> de Campinas a anotação de que, a partir do ano de 1814, se encontrava um cura residente na *Campanha do dº* (abreviatura de Dourado), vindo esta informação logo após o registro sobre a capela de Anicuns. *Campanha do dº*. é como era conhecida a região do arraial de Campinas, ou seja, *Campanha dos Dourados*, em atenção ao rio Dourados que deságua no Meiaponte e que foi limite da paróquia de Campinas com a de Pouso Alto (Piracanjuba). Era cura neste ano de 1814 o padre Antônio Marinho da Fonseca que, segundo o mencionado assento, pastoreou as almas da Campanha dos Dourados até 1817. A partir de 1815 esta Campanha vem mencionada como *Campanha dos dºs.*, sendo *dºs.* abreviatura de Dourados, no plural, reforçando mais nossa assertiva.

Esta capela foi elevada à categoria de “capela curada” por meio da Resolução Provincial nº 21, de 1836. O documento abaixo transcrito refere-se a esse momento da história capela de Campinas:

[69] 1836

20 de Fevereiro

Ao Vigário da Villa de Bonfim.

Em resposta ao offº. Que me dirigio V. Mº. em 2 do corrº. tenho a dizer-lhe, que o Artº. 2º da Resolução da Assembleia Legislativa Provincial Nº 21, desmembrou da Matriz desta Cidade a Capella, de Campinas, e sendo o Destricto de campinas pertencente a Villa de Bonfim, he evidente que à sua Matriz fica pertencendo a referida Capella; e com quanto

---

6 Livro nº 20 Matrículas de Sacerdotes. Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central/PUC Goiás. Goiânia.

7 Povoado ou região pastoreada por um cura (padre), dependente de uma paróquia.

nenhuma duvida se me ofereça a este respeito por isso que S. Exa. Rma. Foi um dos Deputados, que concorrerão para conficção<sup>8</sup> das Leis Provincias, todavia julgo mui politico, e prudente, que V. M<sup>o</sup>. se dirija a S. Exa. Rma. requerendo a jurisdicção espiritual sobre os habitantes de tal Districto, sem que por isso deixe V. M<sup>o</sup>. de enviar os Livros para o inteiro cumprimento da Lei nº 12. – Deos Guarde a V. Me. Palacio do Governo da Provincia de Goyaz, 20 de Fevereiro de 1836. – José Rodrigues Jardim. – Señr Antonio Thomaz de Campos, Vigario da Freguezia da Villa de Bonfim<sup>9</sup>.

Portanto, antes de pertencer à paróquia de Bonfim (Silvânia), a capela de Campinas pertenceu à paróquia de Santana da Cidade de Goiás, antiga capital. Somente em 1836 passou para a jurisdição de Bonfim. O interessante é que o Vigário Antônio Thomaz de Campos, como se depreende do documento, não sabia dessa mudança de jurisdição. Tanto é certo, que segundo o documento acima, buscou se inteirar do fato. O governo provincial, por sua vez, estranha o desconhecimento do Vigário de Bonfim acerca desta mudança de jurisdição, pelo fato do Bispo de Goiás, então dom Francisco Ferreira de Azevedo, no documento nomeado como *S. Exa. Rma.*, e na ocasião deputado provincial, ter participado da “confecção”, ou seja, elaboração da Resolução que transferiu a jurisdição da capela de Campinas para a competência da Matriz do Senhor do Bonfim.

## TENTATIVAS DE ELEVAÇÃO DA CAPELA CURADA DE CAMPINAS À CATEGORIA DE PARÓQUIA

Desde o ano de 1838, projetos para a elevação da Capela Curada de Nossa Senhora da Conceição de Campinas à categoria de paróquia (freguesia) tramitaram pela Assembleia Legislativa Provincial. Localizamos, pelo menos, dois projetos neste sentido. O primeiro, de número 27, datado de 18 de agosto de 1838 tem o seguinte teor

8 Cremos que o copista queria dizer “confecção”.

9 Livro 0085, fls. 136, 1820–1840 Livro de Correspondência da Província com Autoridades Eclesiásticas. As abreviaturas do documento são: off<sup>o</sup>.: officio; V. M<sup>o</sup>.: Vossa Mercê; corr<sup>o</sup>.: corrente; S. Exa. Rma.: Sua Excelência Reverendíssima; Señr: Senhor.

A. L. da P. de Goyaz, nº 27

Decreto

Art. 1º A Capella Curada de N. S. da Conceição de Campinas fica elevada a Freguezia de natureza collativa conservando a mesma Invocação.

Art. 2º Os limites da nova Freguezia serão os mesmos do Curato ora existentes.

Art. 3º Ficão revogadas todas as disposições em contrario. Paço da Assembleia Legislativa de Goyáz, 18 de Agosto de 1838.

J. G. de Siqueira.

No decreto original existente na “Caixa Campinas”, no Arquivo Histórico Estadual de Goiás, algumas informações escritas à margem esclarecem que o projeto foi “objeto de deliberação”, mas que “não passou a 2ª discussão”. Portanto, não foi aprovado.

No ano seguinte, projeto idêntico é apresentado, agora sob o nº 5, datado de 03 de outubro de 1839. Não há informações se passou para as discussões da Assembleia. Somente se observa, escrito a lápis as informações “A imprimir-se” e “Registrar e tirar copia”. Certamente este projeto também não passou. Seria necessário esperar ainda alguns anos. Somente após o crescimento do arraial, aumento de sua população e melhoria da antiga capela, outro projeto visando elevar Campinas à categoria de paróquia seria aprovado. Ainda assim, para que o projeto aprovado fosse implementado, levar-se-ia mais algum tempo, como demonstraremos adiante.

## **A CAPELA REFORMADA E ELEVADA A MATRIZ DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DE CAMPINAS**

A primeira capela de Nossa Senhora da Conceição de Campinas deve ter sido reformada e aumentada, pouco depois de sua elevação de capela curada à categoria de paróquia, o que se deu por meio da Resolução Provincial de 10 de julho de 1843. O arraial era ainda pequeno, sua humilde capela, construída por Joaquim Gomes da Silva Gerais, não possuía as dimensões necessárias para sede de freguesia (paróquia). O próprio livro do Tombo II da Paróquia de Campinas, à folha 19, indica isto, pois registra que a capela de Campinas só pode ser realmente

desmembrada da paróquia do Senhor do Bonfim, à qual pertencia, em 06 de julho de 1845, quase um ano e meio depois da Resolução Provincial que a elevava à categoria de paróquia. Isto é explicável. Lendo, atentamente, a Resolução, percebe-se que se condicionara a elevação do curato à paróquia somente após se cumprir algumas exigências:

Artigo 4º - Só depois de satisfeita a disposição consignada no artigo antecedente poderá ser nomeado o Parocho para esta nova freguesia. Ora, o artigo precedente, artigo 3º diz: Os habitantes da mesma Freguesia promptificarão a sua custa com a necessária segurança a actual Capella, e a paramentarão com as alfaias, e vasos sagrados necessários para a decente celebração dos ofícios Divinos, e a Administração dos Sacramentos.

Esta exigência era comum e algumas resoluções que criaram outras paróquias pela mesma época eram até mais explícitas, como a Resolução Provincial nº 05, de 05 de dezembro de 1840, que criou a paróquia de Nossa Senhora da Abadia de Currealinho (Itaberáí). Esta Resolução, em seu artigo 6º, exigia que a capela para ser elevada à categoria de igreja paroquial, deveria ter as devidas proporções. Da mesma forma a Resolução que criou a paróquia de São Sebastião do Alemão (Palmeiras de Goiás), em 1854, traz as mesmas exigências.

Portanto, a antiga capela construída pelo fundador Joaquim Gomes da Silva Gerais, foi reformada e, talvez, aumentada, em algum dos anos posteriores a 1843. Em todo caso, já em 1857 esta igreja estava precisando de reforma. Assim noticia o jornal Gazeta Official de Goyaz, de 11 de março de 1858:

Tendo os mesários da Igreja da Paróquia de Campinas pedido em data de 12 de outubro passado [1857], um auxílio para as obras da mesma Matriz, e não podendo tocar-lhe senão uma pequena cota na distribuição, que este governo tem de fazer, da limitada quantia para esse fim na lei do orçamento vigente, atendendo ao estado de ruína em que se achão quase todas as Matrizes desta Província, o presidente da mesma resolve nomear uma comissão composta do reverendo vigário como presidente, e dos cidadãos Antônio Leite Gomes, Joaquim Leite Gomes, Francisco de Paula Ribeiro Júnior e José de Souza Rocha, a qual fica encarregada de promover entre os

fiéis da referida paróquia, uma subscrição para auxílio das ditas obras, devendo a comissão acertar não só os donativos de dinheiros, amis ainda de materiais e serviços e enviar oportunamente a este governo cópia autêntica da relação dos subscritores como declaração de oferta de cada um para que se lhe dê a devida publicidade.

Em 1859 as obras ainda estavam em andamento e o governo provincial solicitava informações sobre o andamento das mesmas e os embaraços que, porventura, tenham atrasado a reforma:

*Ao Vigário e membros da Comissão encarregada das reparações da Matriz de Campinas [solicitando informações] sobre o estado em que se achão as obras de reparação d'aquella igreja, dos quaes se achão encarregados desde 20 de janeiro do anno passado, declarando quaes as dificuldades que por ventura hajão embaraçado a conclusão das referidas obras; e em quanto montou o produto de subscrição que foram encarregados de promover para auxiliar os cofres provinciaes nessa despeza etc. (Gazeta Official , nº 18, de 11 de junho de 1859).*

De 1859 a 1890, temos uma sensível falta de informações históricas sobre Campinas. Somente em 1891, dom Eduardo Duarte da Silva, então nomeado Bispo de Goiás, em viagem para a sua sede diocesana, a antiga capital, e demorando-se alguns dias em Campininhas, deixar-nos-ia um interessante diário onde registrou aspectos do arraial e de sua igreja.

(...) Assim fui indo até chegarmos a um morador, uma legoa distante do termo de nossa viagem de hoje, onde depois de algum repouso e uma chicara [sic] de Café, um bom sujeito offereceo-me seo cavallo, no qual cheguei a Campininhas. Bem de longe avista-se este povoado, no qual vivem 20 pessoas. si tanto. Bem lhe está o nome de Campininhas, porq. é uma immensa planicie, q. no tempo das chuvas deve ser imponente, não agora q. os pastos estão todos queimados. Esta campina está completamente rodeada de montanhas, de modo q. tem a forma de uma immensa bacia. Entramos no arraial sem viva alma q. nos recebesse, a não ser Fr. Angelo q. de um dia nos precedera. Com difficuldade poude elle obter do Thesoureiro da Egreja q. me hospedasse em sua casa, tendo offerecido um rancho miseravel para onde forão os tropeiros.

O Sachistão da Igreja é o Juiz de paz, de sorte q. ajuda a cazar na Igreja, e depois elle mesmo casa em sua residencia, portanto o Sachristão é o cazador d'aqui.

(...) Às 4 horas forão os Missionarios para a Igreja para confessarem e pregarem e as 5 fui eu, q. tendo-me paramentado sobre um tamborete de couro, porq. foi impossivel encontrar-se em todo o arraial uma cadeira, celebrei e preguei ao Evangelho sobre os Sacramentos do Baptismo, Confirmação, Matrimonio e Penitencia. No fim da missa por duas vezes chrismei 35 pessoas.

Como está abandonada, e deteriorada esta pobre Matriz! O telhado cheio de goteiras, o assoalho todo movediço por estarem as taboas assentadas em barrotes podres, os dois altares com falta de tudo o que é necessário. O arcaz da Sachristia com alguns paramentos velhos e em completa desordem! A unica couza q. fizerão para a minha chegada foi caiarem a Igreja, altares, tabernaculo e castiças com tabatinga. Não sei como não cairão tambem as imagens, que são horrorosas. Como specimen curioso, e digno de estar em algum museo retirei e levo comigo uma dellas de cêra preta, que é idêntica a um manipanso q. está no museo do Rio de Janeiro.

Ao voltar da Matriz estava em preparativos de partida, quando chega uma Commissão composta das principaes pessoas do lugar, pedindo-me para não seguir hoje, visto como o povo do lugar deseja q. ainda hoje fique com elle, como tambem porque em caminho estão carros cheios de gente, q. sentirão muito não me encontrando mais aqui.

Esta é a mesma matriz que, em 1894 os Padres Redentoristas encontraram e que estava em estado lamentável, precisando urgentemente de grande reforma. Ressalvando a imagem de Nossa Senhora da Conceição, obra do santeiro goiano José Joaquim da Veiga Valle, tudo o mais era humilde, sem ornamentação ou obras de talha que embelezasse o templo. O padre Gebardo Estevão Wiggermann, em carta da época, registrou as primeiras impressões do arraial e de sua igreja matriz:

Não mais de 50, são as casas ou choupanas de Campininhas. No centro, no lugar mais belo, ergue-se a miseranda igreja matriz, feita de taipa. Do lado do evangelho desmoronara um largo lanço de parede. Os altares despídos de qualquer

ornamento, se revestiam de poeira e sujeira. Mais repugnante ainda eram os ratos e morcegos que se encontravam na igreja em quantidade incrivelmente grande. A imagem milagrosa, que representa a Imaculada Conceição, padroeira da igreja e da paróquia, é de grande beleza. Depois de termos feito sofrível compostura e limpeza do templo e de o termos dotado de um tabernáculo simples, instalamos aí o Santíssimo Sacramento. (BRUSTOLONI, 1982, p. 118).

Logo que chegaram os Padres Redentoristas procuraram remediar o estado da Matriz. Em 1895, a igreja foi dotada de móveis, como armários, bancos e confessionários. Adquiriram-se novas alfaias e a igreja passou por um asseio geral. Os móveis foram executados pelo irmão marceneiro Gebardo Konzet (SANTOS, 1984, p. 101).

## **A TERCEIRA IGREJA DE CAMPINAS – CONSTRUÇÃO DOS PADRES REDENTORISTAS**

Assim reformada e dotada de maior conforto, dignidade e asseio, necessários ao culto divino, a segunda matriz construída em Campinas serviu até o ano de 1900. Ficava mais abaixo, mais no meio do Largo, com frente para o córrego Cascavel. Acanhada, pequena, de construção antiga, os padres almejavam a construção de um novo templo. Seria a terceira Matriz e sua construção foi autorizada por meio da Provisão do bispo dom Eduardo, de 09 de dezembro de 1899.

As obras, porém, já haviam começado em setembro de 1899 e somaram 12:000\$000 (doze contos de réis). Deste montante os fiéis contribuíram com 2:000:000 (dois contos de reis), sendo a maior parte oriunda de recursos da romaria de Trindade que à época havia sido transferida para Campinas. Os trabalhos ficaram a cargo dos Irmãos Redentoristas, que não mediram esforços para a construção e embelezamento do novo templo.

No dia 06 de agosto de 1901, realizou-se a bênção da nova Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, devidamente autorizada por provisão de 21 de maio de 1901. Miguel Arcângelo que consultou documentos do arquivo redentorista registra as dimensões e características do novo templo:

Para o local e a época, a construção deveria ser suntuosa, medindo 40 m de comprimento por 17 de largura, com duas torres de 16 m de altura. Os esteios de aroeira, fincados dois metros na terra, eram de quatro metros nas paredes laterais e de sete na nave central, formando duas naves laterais de quatro metros de largura cada, tendo a nave central nove metros. Além da porta principal, voltada para o rio Cascavel, havia cinco portas laterais, contando a da sacristia, e cada nave lateral tinha oito janelas. (SANTOS, 1984, p. 102)

Esse templo era reformado de tempos em tempos e até 1911, quando se construiu a Igreja Matriz de Trindade, era a maior igreja da diocese de Goiás. Em 1921 recebeu nova pintura e algumas reformas necessárias à sua conservação e funcionalidade. As crônicas registram, ainda, as reformas empreendidas em 1930 e 1936. Deve datar desta última reforma, de 1936, a mudança no estilo das fachadas laterais da igreja, quando os telhados das naves laterais, no lugar dos antigos beirais acachorrados, receberam platibandas que lhe deram mais “modernidade”; as janelas, antes de vergas retas, foram arqueadas e receberam vidraças.

O interior da Matriz era, então, repartido em três naves, sendo a nave central separada das laterais por arcadas bonitas, sustentadas por capitéis trabalhados, novidade também em Goiás. O altar-mor e os laterais, em madeira de lei, foram esculpidos pelo Irmão Redentorista Simão; este também se incumbiu dos altares das igrejas de Inhumas, Bela Vista e dos altares da Matriz Santuário do Divino Pai Eterno de Trindade.

## **A ATUAL MATRIZ, SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO**

Com o crescimento de Goiânia e o adensamento populacional em Campinas, a antiga Matriz se tornara pequena, principalmente por ocasião das novenas a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e das bênçãos realizadas pelo Servo de Deus Padre Pelágio Sauter.

No final dos anos 50, a parte de alvenaria da atual Matriz já estava levantada. Foi construída sem que se derruísse a Matriz antiga

cuja porta principal ficou quase que vedada pela parede lateral na nova Matriz, posto que a fachada do antigo templo era voltada para o córrego Cascavel e seu fundo fronteava com o Colégio Santa Clara.

Na década de 1960, o velho templo de 1901 seria derruído e a nova Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campinas teria o seu altar consagrado a 19 de março de 1970, em celebração oficiada por dom Fernando Gomes dos Santos, arcebispo de Goiânia. Na ocasião, foram encerradas numa Pedra d'Ara, as relíquias de São Vicente Mártir.

Ocorrendo cada vez mais, às terças-feiras, o aumento de fiéis às novenas em honra a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a comunidade redentorista iniciou as conversações no intuito de que a Matriz de Campinas pudesse ser elevada à categoria de Santuário Mariano. Em 7 de junho de 1999, o provincial da Congregação do Santíssimo Redentor de Goiás, padre Fabio Bento da Costa, autorizou o padre Maurício Brandolizi, pároco de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, a solicitar à Arquidiocese de Goiânia a criação do Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Padre Maurício o fez por carta de 25 de setembro de 1999<sup>10</sup>, dirigida ao então arcebispo de Goiânia, dom Antônio Ribeiro de Oliveira. Em sua carta, padre Maurício enfatizava a oportunidade do jubileu do ano 2000 como data propícia para se erigir, canonicamente, a Matriz de Campinas em Santuário.

Acolhendo com satisfação o pedido, dom Antônio Ribeiro de Oliveira, por meio do Decreto Arquidiocesano nº 08, de 31 de dezembro de 2000, erigiu em Santuário Arquidiocesano de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, no bairro de Campinas. O decreto menciona que a festa anual de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro seria celebrada sempre na última terça-feira do mês de maio e registra que “o ato da Arquidiocese é, na comunhão de Igreja, uma expressão das celebrações jubilares do Ano 2000 da Encarnação do Verbo de Deus.”

Como a Matriz de Campinas não fora ainda dedicada, no dia 02 de junho de 2015, dom Washington Cruz, arcebispo de Goiânia, às 19 horas, oficiou a dedicação da “Igreja Paroquial e Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que também é sede da paróquia Nossa Senhora da Conceição de Campinas”. Foram realizados todos os ritos

---

<sup>10</sup> Livro Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, 01/09/1985 a 31/12/2001.

complementares da dedicação, já que o altar de pedra fora consagrado por dom Fernando Gomes dos Santos, na festa de São José, em 19 de março de 1970, como mencionado.

Local emblemático da capital, a Matriz de Campinas é um referencial da história e da cultura religiosa de nossa gente. Há mais de duzentos anos que o povo cristão se dirige ao local à margem direita do córrego Cascavel, reunindo-se em torno da Eucaristia, centro e mistério da fé cristã. Não poderia ser diferente, pois “Ubi Maria, ibi ecclesia”. A Mãe de Deus reúne seus filhos e os acompanha, é caminho seguro de acesso a Jesus. Da mesma forma que aos pioneiros da antiga Campininha, então um povo simples constituído de lavradores, donas de casa e escravos, a Virgem Maria continua a excelsa missão de nos levar a Jesus. Nossa Senhora da Conceição, auxílio do povo cristão e por isso invocada como a Mãe do Perpétuo Socorro, indica-nos o caminho, apresenta-nos a seu Filho e nos diz: Fazei tudo o que Ele vos disser! (Jo 2,5)

# Álbum



*A Matriz de Campinas em 1901, logo após o término de sua construção. Note-se que não havia casas na parte detrás da Matriz. Fotografia: Arquivo dos Padres Redentoristas.*



*Campinas e sua Matriz vistas do Convento dos Padres Redentoristas. Fotografia: Arquivo dos Padres Redentoristas*



*Fotografia antiga, talvez do início do século XX, vendo-se o cruzeiro da Matriz e no alto o Convento dos Padres Redentoristas. Fotografia: Arquivo dos Padres Redentoristas*



*O antigo largo da Matriz de Campinas na década de 1930, no levantamento de novo cruzeiro. Fotografia: Arquivo dos Padres Redentoristas*



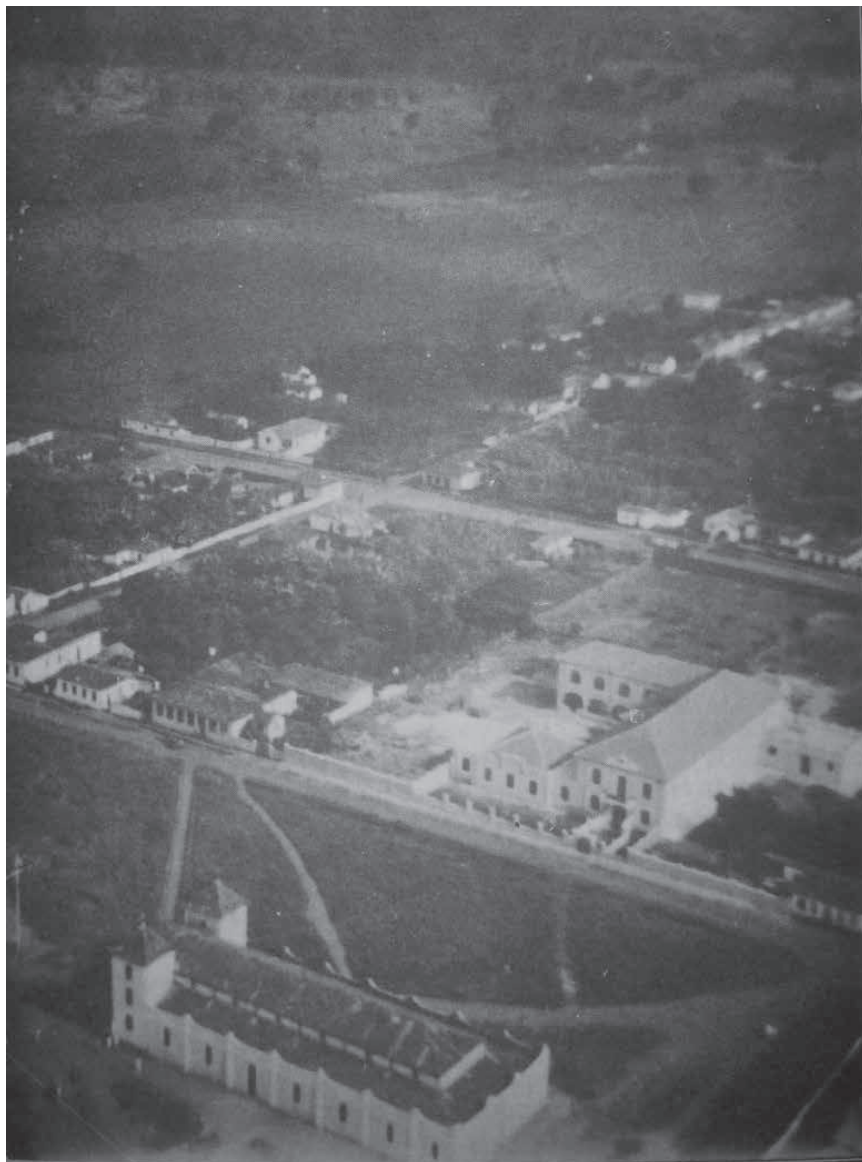
*A Matriz de Campinas na década de 1940, já com as naves laterais com platibandas e janelas arqueadas. Ao fundo, o Colégio Santa Clara. Fotografia: Arquivo dos Padres Redentoristas*



*A Matriz de Campinas na década de 1950. Nota-se os rasgos para os alicerces da nova Matriz cuja construção se concluiria no início da década de 1960. Fotografia: Arquivo dos Padres Redentoristas*



*Igreja Matriz de Campinas em 1936. Nota-se que os beirais dos telhados das naves laterais são assentes em cachorros de madeira e as janelas das mesmas naves são possuem vergas retas. Ao lado uma pilha de tijolos para reforma que se dará naquele ano, dotando a Matriz de platibandas e janelas arqueadas nas naves laterais. Fotografia do livro Notícias Históricas do Bairro de Campinas, de Itaney Francisco Campos.*



*A Matriz de Campinas em fotografia aérea no final dos anos 40, vendo-se o novo Convento dos Padres Redentoristas. Fotografia do livro Notícias Históricas do Bairro de Campinas, de Itaney Francisco Campos.*



850

Assemblea Legislativa de Goiás

A. S. S. S.

Art. 1.º - A Capella Curada de Nossa Senhora da Conceição de Campinas fize e levada a Freguesia de natureza Collativa conservando-se a sua invocação

Art. 2.º - Os limites da nova freguesia serão os mesmos em todos os pontos.

Art. 3.º - Ficam derogadas todas as Disposições encontradas. Puro da Assembleia Legislativa de Goiás de Outubro de 1839.

J. F. de Siqueira

Registado, etc. etc. etc.

2 - Primeiro projeto de Lei para elevação do Curato de Nossa Senhora da Conceição de Campinas à categoria de paróquia.



## Congregação do Santíssimo Redentor de Goiás

Inscrita no Cadastro Geral dos Contribuintes do Ministério de Fazenda sob nº 01.640.770/0001-61 a 0024  
Registrada no Cartório W. Sampaio sob nº 250 no livro A, Matriculada no CNSS sob nº 253.572, de Utilidade Pública  
Estadual Lei nº 6.679/67 de 13/07/70, Utilidade Pública Federal D. Lei nº 73.649/74, Isenta do I. R. pelo Ato Declaratório nº 007  
de 10/02/71 e desfrui de imunidade tributária da Prefeitura Municipal de Goiânia, conf. processo nº 00388/71.

Goiânia, 07 de Junho de 1999

**Revmo. Pe. Antônio Maurício Brandolize, C.Ss.R.**

DD. Pároco

Paróquia Nossa Senhora da Conceição

Goiânia - GO

Prezado Pe. Mauricio,

Paz e Bênçãos!

Comunico-lhe que o Governo provincial acolheu favoravelmente o pedido para iniciar diálogo, bem como encaminhar, junto a Arquidiocese de Goiânia, a possível criação do *Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro*.

Pessoalmente gostaria que no ano do jubileu nossa Província pudesse concretizar essa iniciativa para celebrarmos a Mãe de Jesus que no ícone do Perpétuo Socorro nos apresenta Jesus Cristo como centro e razão da nossa vida.

Desejando-lhe êxito em seus trabalhos pastorais, despeço-me em Cristo, Maria e Afonso.

Fraternalmente,



*Pe. Fábio, c.s.s.r.*

**Pe. Fábio Bento da Costa, C.Ss.R.**

Provincial

03 - Carta do padre Fábio Bento da Costa, provincial da Congregação do Santíssimo Redentor de Goiás, comunicando ao provincial as primeiras providências para a solicitação de elevação a Santuário da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Campinas.



**ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA**  
**CÚRIA METROPOLITANA**

Praça Dom Emanuel, s/nº - Centro - 74030-140 - Goiânia - GO  
Caixa Postal 174 - 74001-970 - Goiânia - GO  
Fones: (062) 223-0769, 223-0756 - Fax: 223 - 8532

**DECRETO N.º 08/2000, DE 31 DE OUTUBRO DE 2000**  
**Cria o Santuário Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**

Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo Metropolitano de Goiânia.

Aos que o presente Decreto virem, graça e paz da parte de Deus, nosso Pai, e de Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Atendendo à crescente participação do povo de nossa Arquidiocese na novena perpétua de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campinas; tendo ouvido o Colégio de Consultores Arquidiocesanos, o Superior Provincial dos Redentoristas da Província de Goiás e o Pároco de Nossa Senhora da Conceição; buscando acolher a expressão da devoção mariana do povo católico: nos termos do canon 1233, § 1, do Código de Direito Canônico, **E R I G E**, como **SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO DE NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO**, a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, no Bairro de Campinas, em Goiânia.

Esse Santuário, confiado à Província de Goiás da Congregação do Santíssimo Redentor, tem como seus objetivos pastorais: o incremento ao culto e à devoção à Santíssima Virgem Maria, mãe de Deus e mãe da Igreja, sob o título de **NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO**; o atendimento à Evangelização dos adultos; a pastoral da Penitência e da Eucaristia; o cuidado e acolhida especial aos pobres; tudo isto, integrado na Pastoral de conjunto da Arquidiocese, dentro do espírito do Plano de Pastoral.

A festa anual de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no Santuário, celebrar-se-á sempre na última Terça - feira de maio.

O Santuário, ora erigido, terá seu regimento próprio, elaborado pela Congregação do SSmo. Redentor e aprovado pelo Arcebispo Metropolitano.

Este ato da Arquidiocese é, na comunhão de Igreja, uma expressão das celebrações jubilares do Ano 2000 da Encarnação do Verbo de Deus.

Dado e passado na Cúria Metropolitana de Goiânia, aos 31 de outubro de 2000.



*Antonio Ribeiro de Oliveira*  
Dom Antonio Ribeiro de Oliveira  
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

*Francisco de Assis Filho*  
Pe. Francisco de Assis Filho  
Chanceler

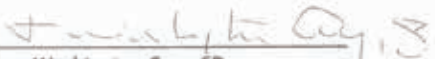
Livro 05

04 - Decreto Arquiepiscopal assinado pelo arcebispo de Goiânia, dom Antônio Ribeiro de Oliveira, criando o Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Goiânia, 31 de outubro de 2000.

dezenove horas, com a participação de muitos paroquianos foi solenemente dedicada a Igreja Paroquial e Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, que também é sede da paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Goiânia. Foram realizados todos os ritos complementares da dedicação, já que o altar de pedra já havia sido consagrado em 19 de março de 1970, em cerimônia presidida pelo então arcebispo metropolitano, dom Fernando Gomes dos Santos. Na ocasião, foram encerradas, numa pedra d'Ara, as relíquias de São Vicente Mártir.

Para constar, foi lavrada a presente ata, que será assinada pelo Exmo. e Revmo. Dom Washington Cruz, pelo Pároco e Reitor e pelas testemunhas, em três vias iguais, das quais uma será enviada à Cúria Metropolitana; outra, depois de transcrita no livro de Tombo da Paróquia, arquivada na mesma; e uma terceira será emoldurada e exposta em local visível na sacristia desta igreja.

Goiânia, 2 de junho de 2015.

  
Dom Washington Cruz, CP

  
Pe. João Otávio Martins, C.Ss.R.

  
1ª Testemunha

  
2ª Testemunha

---

Pça. Santo Antônio - B/N - Setor Campinas - Cx. Postal 15143 - CEP 74.501-970 - Goiânia, GO - Fone: (62) 3533-6310 - Fax: (62) 3533-5312  
matr@decampinas@ui.com.br - www.matr@decampinas.org.br - CNPJ: 01569466/0017-22

05 - Ata de dedicação da Igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição de Campinas e Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, celebração oficiada por dom Washington Cruz, arcebispo de Goiânia, a 02 de junho de 2015 a. D.

## BIBLIOGRAFIA

ARTIAGA, Zoroastro. *Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiaz*. 2º tomo, Tipografia Triângulo, 1951.

AZEVEDO, Francisco Ferreira dos Santos. *Anuario Historico, Geographico e Descritivo do Estado de Goyaz para 1910*. Brasília, SPHAN/8ª, 1987.

BRUSTOLONI, Júlio João. *Missionário do Povo*. Aparecida: Editora Santuário, 1982.

FERREIRA, Josmar Divino e PINHEIRO, Antônio César Caldas. Santa Rita do Paranaíba: origem e desenvolvimento *História de Itumbiara*. Vol. I, edição independente, 2009.

GODOY, Maria Paula Fleury de. *Do Rio de Janeiro a Goiás -1896 (a viagem era assim)*. 2ª ed. Goiânia: Ed. da UCG, 1985.

MATOS, Raymundo José da Cunha. *Chorographia Historica da Provincia de Goyaz*. Goiânia, Gráfica e Editora Líder, : 1979.

MATOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas províncias de Minas Gerais e Goiás, seguido de uma descrição corográfica de Goiás, e dos roteiros desta província às do Mato Grosso e São Paulo*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amilcar Martins, 2004.

*Memórias Goianas*, nº 3, Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 1986.

*Memórias Goianas*, nº 4, Goiânia: Ed. da Universidade Católica de Goiás, 1996.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. *Missionários Redentoristas Alemães em Goiás, uma participação nos movimentos de renovação e restauração católicas - 1894 - 1944*. Vols. I e II. São Paulo: USP, 1984.

SILVA, Eduardo Duarte da. *Passagens: autobiografia de Dom Eduardo da Silva, bispo de Goyaz*. Goiânia: Ed. da UCG, 2007.

TELES, José Mendonça. *Vida e Obra de Silva e Souza*. 2ª Ed., Goiânia: Ed. da UFG, 1998.

## **JORNAIS E REVISTAS**

Jornal Matutina Meiapontense, nº 355, de 01-08-1832.

A Informação Goyana, Ano IX, vol. IX, nº 12, Rio de Janeiro, julho de 1926.

Jornal Santuário de Trindade, nº 12, de 02 de dezembro de 1922. Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central. Goiânia.

Jornal Santuário de Trindade, nº de 2 de junho de 1923. Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central. Goiânia.

## **ARQUIVOS PESQUISADOS**

Arquivo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Campinas.

Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central. Goiânia.

Arquivo Histórico Estadual de Goiás. Goiânia.

Arquivo Geral da Diocese de Santana de Goiás. Cidade de Goiás.



## FAZENDAS GOIANAS\*

*Lena Castello Branco Ferreira de Freitas\*\*  
Nancy Helena Ribeiro de Araújo e Silva\*\*\**

O estudo da História de Goiás e da cultura goiana tem privilegiado a temática urbana em detrimento da rural; o que talvez se explique pelo fato de que, nos anos iniciais da colonização, os arraiais surgidos junto às minas tinham feição urbana. Com o esgotamento do ouro, entretanto, deu-se a predominância do rural sobre o urbano.

Goiás chegou tardiamente à História. O ciclo agro-açucareiro atingira seu apogeu no Nordeste e ia avançada a exploração aurífera nas Gerais, quando teve lugar o achamento das minas de Goiás por Bartolomeu Bueno da Silva. Dificuldades e desafios antepuseram-se aos bandeirantes; o alferes Silva Braga (SILVA, 1982, p.16), relata que a expedição do segundo Anhanguera experimentou privações quando pervagava pelo Planalto Central, aonde veio a encontrar primitivas roças de milho dos índios quirixá. Estes, em sinal de hospitalidade, ofereceram jovens índias aos forasteiros – mas o Anhanguera as recusou, aceitando, porém, as espigas, tal a fome que os castigava.

Os arraiais de mineração são pouco mais do que acampamentos apressados (PALACIN, 1979, p. 25), com toscas habitações cobertas com folhas de palmeiras, formando arruamentos incertos. Para eles converge um intenso fluxo de migrantes, vindos de Portugal e da própria Colônia (ANTONIL, 1982, p. 167). Tais pessoas precisam alimentar-se, mas os braços são ocupados na extração do ouro - de onde os espectros da fome e da carestia que rondam os mineiros, a par de altos índices de morbidade e de mortalidade (Idem, p. 169).

É dura a rotina de trabalho nas minas, sendo absoluta a primazia dada à extração do ouro. Entretanto, além de datas minerais, os desbravadores pleiteiam a posse de terras, vista como fator de nobilitação e reserva de valor. O próprio Bartolomeu Bueno da Silva e seus sócios

---

\* Texto publicado em *Ateliê Geográfico*, revista eletrônica do IESA (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás). <https://www.revistas.ufg.br/index.php/ateliê-geografico>

\*\* Sócia Emérita do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

\*\*\* Sócia Emérita do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás

obtiveram a concessão de sesmarias, perfazendo áreas que somam cerca de 2 milhões de hectares (ARQUIVO, 1939-1940).

A partir de 1727, desbravadores e colonizadores começam a requerer sesmarias ao longo do caminho que vem de São Paulo para as minas dos Goyazes, na região de Santa Cruz, nas proximidades de Meia Ponte e no entorno de Vila Boa de Goiás (Idem).

O instituto da sesmaria fora revigorado no século XIV (LIMA, 2002, p.71), quando, durante grave crise de abastecimento em Portugal, o rei D. Fernando I, o Formoso, determinou que fossem devolvidas à Coroa as terras não cultivadas - ditas “terras devolutas” (PORTO, s/d, p.144). Redistribuídas na forma de sesmarias, estas teriam a área idealmente fixada como sendo aquela que fosse possível ao sesmeiro cultivar, com sua família e servos.

Na Colônia, as condições são muito diversas das de Portugal. Dada a abundância de terras – que parece infinita – são quase sempre “posseiros” os que requerem sesmarias nas proximidades das minas, onde a regra geral é, inicialmente, de propriedades de “meia légua em quadra”, (AGUIAR, 2003, p. 94), cerca de 225 alqueires goianos. A concessão é provisória; para sua confirmação, exige-se, dentre outras obrigações, a efetiva ocupação da terra, a produção de gêneros alimentícios, a demarcação da área e o pagamento do dízimo. Poucas sesmarias foram confirmadas em Goiás.

Não eram desprezíveis os obstáculos a enfrentar no amanho da terra: clima e solo são desconhecidos; proliferam animais peçonhentos, insetos e pragas; faltam sementes e matrizes; faz-se necessário adaptar ou inovar culturas e técnicas agrícolas. Ferramentas e instrumentos de trabalho vêm de longe; até o sal é difícil e caro.

Nos anos iniciais, predominam os estabelecimentos rurais mistos, voltados para a agricultura e a pecuária. A produção atende às necessidades próprias, sendo os poucos excedentes comercializados no mercado local do arraial ou da corrutela próxima. Desconhece-se se teria havido feiras regionais; tem-se notícia, contudo, da crônica escassez de meio circulante. Na falta de moeda, era utilizado o ouro em pó (PALACIN, 1979, p. 151), quantificado em oitavas de ouro - a oitava é parte da onça, ou seja, 3,586 gr. A maior das aflições que penalizam fazendeiros e sitiantes é a cobrança dos dízimos, cujo pagamento não pode ser feito em produtos agropecuários, mas em moeda ou em ouro: os “dizimeiros” são o pavor dos “rosseiros” ( Idem, p. 148)

A partir de 1770, começa a decair a produção aurífera; na década seguinte, a Capitania torna-se deficitária, após o que se dá o refluxo de aventureiros e mineradores, que partem com seus escravos em busca de novos descobertos (Idem, p. 133). O número de habitantes da Capitania diminui em cerca de um quinto; aos poucos, desaparece a incipiente economia urbana, lastreada no ouro. Arraiais são abandonados e tornam-se ruínas; tem lugar a dispersão atomizada da população por fazendas e sítios de criar.

Viajantes e naturalistas referem a extrema pobreza das fazendas de Goiás e assinalam a regressão cultural de homens e mulheres, que tinham deixado de cobrir-se com roupas e esquecido a religião, e até o uso do sal (SAINT- HILAIRE, 1937, p. 286).

Durante o século XIX, a terra tem pouco valor. Nos inventários processados no julgado de Pirenópolis – um dos mais ricos da capitania - os montantes são extremamente modestos (DOLLES, 1977). Quase nada valem “o casco da fazenda, suas matas e campos de criar..”; são bem cotados, porém, edificações, equipamentos, ferramentas e escravos (FUNES, 1982, p. 102).

Abolido o instituto da sesmaria, em 1822, é livre o apossamento de novas terras até a edição da Lei n. 601 de 18/08/1850 – a Lei de Terras. Nesse ínterim, intenso fluxo migratório, proveniente de Minas Gerais, dirige-se para o sul e sudoeste de Goiás (SALLES, 1981, p. 83); de igual modo, do Maranhão para o atual estado do Tocantins. São chefes de família - com suas mulheres, filhos e parentes - que buscam terras férteis e deslocam-se em carros de bois e animais de montaria. É um movimento ordeiro e contínuo, visando ao apossamento de terras ou à compra de posses antigas, levando à formação de novas fazendas.

Ainda no século XIX, constata-se o desenvolvimento da pecuária em extensas propriedades rurais; o gado transporta-se a si mesmo e, vindo do “sertão de dentro” – oeste do Rio São Francisco - adapta-se bem aos amplos espaços do nordeste goiano. A atividade requer poucos trabalhadores e privilegia a mão de obra livre.

As fazendas são autênticas autarcias e tudo produzem; nelas, a vida é austera, marcada pelo trabalho e pela frugalidade. Na década de 1920, quando a Coluna Prestes percorreu Goiás, seu historiador, o bacharel Lourenço Moreira Lima, mesmo menosprezando o homem do interior, assinalou que o goiano é “trabalhador e industrioso” e vive “em relativa abundância” (LIMA, 1979, p. 182).

No início do século XX, a estrada de ferro chega finalmente a Goiás, vinda do Triângulo Mineiro; segue-se outro grande fluxo migratório que resulta na dinamização da economia do sul e sudoeste do estado (CHAUL,1997, p.124). Na década de 1930, imigrantes dirigem-se para Goiânia, a nova capital em construção; durante o Estado Novo, a Colônia Agrícola Nacional de Ceres leva à ocupação do mato grosso goiano.

Na década de 1960, com a inauguração de Brasília e a construção de estradas, rompe-se o secular isolamento de Goiás. No mesmo ano, dá-se a criação da Universidade Federal de Goiás; em 1963, é autorizado o curso de Agronomia e Veterinária, marco da modernização da agricultura e da pecuária na região.

O isolamento e as peculiaridades das fazendas de Goiás resultaram no desenvolvimento de formas peculiares e criativas de organização social e econômica, bem como de expressão cultural. A primeira abordagem histórica das fazendas de Goiás talvez seja o estudo que desenvolvemos sobre a Fazenda Babilônia – ex-Engenho de São Joaquim (COSTA, 1978). Essa propriedade resultou da aquisição de onze sesmarias, aproximadamente 11.900 alqueires goianos, pelo comendador Joaquim Alves de Oliveira, o homem mais rico da capitania: fazendeiro, comerciante, líder político, mecenas, foi o fundador do primeiro jornal do Centro-Oeste, *A Matutina Meiapontense*.

Há indícios de que no Engenho de São Joaquim tenha funcionado um criatório de escravos que alcançavam altos preços. A fazenda foi visitada por viajantes e naturalistas, que a referem em termos elogiosos. A casa sede data de 1800, sendo tombada desde 26/04/1965, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Livro do Tombo das Belas Artes, registro n. 480).

Há mais de vinte anos, em associação com a professora Dra. Nancy Ribeiro de Araújo e Silva, que o idealizou e sugeriu, vimos desenvolvendo o projeto “Fazendas Goianas”, parcialmente financiado pelo CNPq e MinC/IPHAN. Direcionado para o conhecimento das fazendas do centro-sul de Goiás, o trabalho focaliza a inserção do homem no meio geográfico e na paisagem, bem como a arquitetura rural, os materiais e técnicas construtivas e o partido arquitetônico da casa-sede e edificações anexas; de igual modo, investiga-se a economia, os equipamentos, mobiliário, usos, costumes e tradições.

Entre 1988 e 1989, visitamos 26 fazendas, percorrendo 2.890 km. Na sequência, fomos a quatro outras, nos municípios de Silvânia, Bela Vista, Jaraguá e Sanclerlândia; posteriormente, a mais três, em Trindade. Os achados da investigação possibilitaram a construção de uma tipologia das propriedades rurais visitadas, a saber: fazendas do ciclo do ouro (século XVIII); fazendas da fase de transição (século XIX) e fazendas do início do processo de modernização em Goiás (século XX).

Sobre os resultados colhidos no desenvolvimento do projeto, foi apresentado Relatório ao CNPq (FREITAS & SILVA, 1989) e comunicação na XVI Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, em São Paulo (SP) (idem, 1992). No decorrer da investigação, publicou-se artigo científico (idem, 1995) e reportagem na mídia agropecuária (idem, 1998), além do fornecimento de dados para o embasamento de estudos pós-graduados em Goiás e em São Paulo. O presente texto é uma síntese do trabalho desenvolvido e destina-se à revista *Ateliê Geográfico*, do IESA (Instituto de Estudos Sócio-Ambientais) da Universidade Federal de Goiás.

x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-x-

A origem da fazenda goiana remonta às plantações de sobrevivência dos bandeirantes paulistas desbravadores dos sertões dos *Guayazes*. Com o esgotamento das minas auríferas, primeiro chamariz econômico do goiano, a atividade laboral passa a assentar-se na lavoura e na pecuária. Nas denominadas *terras de plantar e criar*, além dos animais de terreiro, criava-se muares e gado curraleiro, ou pé-duro, raça bovina trazida da península ibérica pelo colonizador português. De plantio, as lavouras de arroz, milho, feijão, algodão, cana de açúcar e mandioca. De permeio com esses mantimentos, cultivavam-se melancia, aboboreiras, pepineiras e outros víveres rasteirinhos.

As roças de lavoura eram formadas segundo o sistema de coivara, ou seja, derrubada da mata com machado, foice e fogo, e com plantio em covas, seguindo-se as capinas. Nas hortas de quintal colhiam-se legumes, verduras e plantas para chás caseiros. Nessas, ainda, podia-se encontrar a *conta de lágrima*, arbustinho donde se colhiam as contas para se fazer rosários. Nos quintais, uns pelos outros, eram plantadas árvores de fruta: manga, goiaba, mamão, jabuticaba, abacate, laranja, limão, lima, mexirica, caju e jenipapo. Para doces, plantavam-se figo,

cidra, laranja da terra e marmelo, as mais comuns. Do cerrado, em épocas certas, tinha-se o caju do mato, mangaba, jatobá, gabiroba, pitanga, pequi, guariroba, mamacadela, bacuri e tantos mais.

A força de trabalho para a lida nas fazendas provinha do braço de familiares, de escravos (até a abolição), e de um ou outro agregado. O braço escravo na fazenda goiana não foi abundante em comparação com outras regiões brasileiras. A lavoura podia ser *tocada* sob meação, empreitada e mão de obra da família – que era uma tarefa dos homens. A mulher cuidava dos filhos e da lida da casa e arredores.

O trabalho do roceiro ritmava-se pelo compasso a tempo certo da época das chuvas e da seca. Na vastidão das invernadas, nos capões de mato e nas matas o homem da roça construía sua morada, as benfeitorias necessárias à lida da fazenda e pastos para a criação de animais. Em tempos mais antigos, não se usava o arame, os pastos eram divididos por valos, que eram rasgões abertos a enxada e alargados ou aprofundados pela ação das enxurradas.

Na época da colheita somavam-se a mão de obra masculina e feminina. Os mantimentos colhidos vinham da roça em carro de bois, eram postos ao sol para secar e abanados. Se arroz, usava-se o apá para o abano; se feijão, a peneira de taquara. Uma vez secos e abanados eram guardados em tulhas, lugar onde também se armazenava o açúcar. O feijão, antes de armazenado, era untado com banha de porco e, assim, durava o ano todo sem carunchos.

Às pessoas da família não se pagava nada; o trabalhador ajustado recebia pelos dias de serviço. Se agregado, receberia seu ganho ao final do mês, se meeiro, ficava com a metade da produção, medida em quartas ou alqueires, ou em sacas ou carros. Tudo conforme o combinado.

A produção de açúcar era cooperada por todos por ser serviço muito trabalhoso. Os engenhos de cana eram movidos à força hidráulica ou ao compasso do pisado do boi carreiro. A garapa extraída nas moendas do engenho, de madeira ou de ferro, era apurada em grandes tachas de cobre e o melado, no ponto, repousava por uma noite ou pouco mais em tanque apropriado para, já açucarada, ser levada às imensas formas de madeira que, afuniladas com abertura, liberavam a parte líquida restante. Repousado nas formas, por tempo certo, secava-se o açúcar ao sol na carreta, que deslizava sobre armação de madeira. Nesse serviço, as crianças tomavam parte, vigiando e impedindo a ação de insetos

ou de ciscos trazidos pelo vento. Algumas fazendas fabricavam pinga em alambiques e, em todas, faziam-se as saborosas *moças de engenho* e rapadura.

O boi, o cavalo e a água tinham importância fundamental no labor da fazenda goiana dos tempos idos. As distâncias mais longas eram vencidas ao passo da alimária. O boi carreiro prestava-se para a lida na roça, nas invernadas, no engenho de cana de açúcar e no transporte das toras de pau puxadas no carretão. Nas viagens longas o boi carreiro e o cavalo não tinham substituto. Intercambiavam-se a léguas de distância e dias de caminhada os produtos produzidos: mantimentos, toucinho, couro e madeira, essas na forma de tábuas, caibros e ripas serrados nos engenhos de serra movidos pela força d'água. Nas viagens ao povoado ou à cidade lá iam eles transportando pessoas e tralhas para a *quadra da festa* da Igreja. Tal ritual cederia vez ao transporte por caminhão, quase sempre fretado, isto a partir dos anos de 1940 para cá.

A casa sede das fazendas goianas do século XVIII tem características da arquitetura paulista. As construídas em data mais recente guardam o estilo da arquitetura de Minas Gerais. A influência mineira resulta do fato de a região sul goiana ter sido povoada por mineiros que, atravessando o rio Paranaíba, foram comprando terras, introduzindo novas práticas de criação de gado e erguendo casas conforme o usado em Minas Gerais. Em parte, esses migrantes vieram da Bagagem (atual Estrela do Sul), Desemboque, Araxá, Sacramento, Uberaba e da região de Patos de Minas.

A casa de morada e as benfeitorias assentavam-se num declive, facilitando a chegada da água canalizada em rego. Uma pelas outras, a casa-sede tem linhas retas, janelas largas e altas, portas, portais e assoalho de madeira. Na fachada, enfileiram-se várias janelas e, quase sempre, uma só porta de entrada. Tramelas e trancas são usadas nas portas e janelas, tanto naquelas que dão para o exterior (ou *para fora* como se dizia) como naquelas de dentro da casa. Fechaduras, em menor número do que aquelas, são fixadas nas portas.

Na altura, o pé direito pode atingir até 3 metros. Na cobertura, telhas de barro cobrem a cumeeira e todo o madeiramento, trabalho executado por carapina. As telhas eram moldadas a mão, na medida da coxa, no estilo telha colonial, como o chamado hoje em dia. A capa e bica da telha colonial antiga mede aproximadamente 55cm e, em muitas delas, encontram-se dizeres com nomes de pessoas e datas, escritos com a ponta dos dedos.

A casa goiana típica não tem alpendrados ao seu redor. Na entrada, ou em volta da casa, vicejam as “plantas de jardim”: roseiras, trepadeiras, verbenas, açucenas, violetas, dalias e outras espécies. No jardim, na horta ou no terreiro nunca faltam os pés de guiné, que espantam o mau olhado e outras ruindades.

Sobre o partido arquitetônico, de regra, a porta da entrada principal dá acesso à sala. Ao lado desta, geralmente, encontra-se um cômodo chamado de *quarto da sala* destinado a algum transeunte. Uma porta, entre a sala e o restante dos cômodos, uma vez fechada, isola o quarto da sala dos aposentos da família. Além da sala, a fazenda goiana tem um cômodo maior, a varanda que, de costume, é ornada com uma mesa comprida, grande. Ao redor da varanda, ficam os quartos de dormir. Em algumas delas, um corredor dá acesso à cozinha, à despensa e ao terreiro. A despensa é destinada para os mantimentos de uso diário, como farinha de mandioca e de milho, arroz limpo, feijão, biscoitos, doces e vasilhas de cozinha. Em quase todas as casas, uma escada, com poucos degraus, leva ao terreiro.

Na fazenda goiana antiga, os alicerces são de pedra tapiocanga, ou de pedra sabão, ou do tipo pedra de laje. A casa, às vezes, tem porão, às vezes, não. O porão comumente era assim chamado: “lá debaixo do soalho”. Podia ser aberto como fechado. No caso de ser aberto, poderia servir para ninho de galinhas poedeiras ou para guardar lenha para a fornalha. O fogão a lenha é equipado com chapa de ferro de várias bocas, maiores e menores, um forno de folha de metal feito sob medida e uma chaminé. Algumas fazendas ainda têm forno de barro, na parte exterior.

As paredes, no mais das vezes, são erguidas com adobes fabricados com terra dos arredores, misturada com estrume de gado para dar ligadura. As paredes de pau-a-pique, de uso mais antigo, são uma técnica construtiva na qual se usa madeira roliça, fina, ou bambu, amarrada com cipó, tudo revestido com terra. Se construída com tijolos, esses são feitos com terra boa, queimados, de tamanho grande, bem fortes. De pintura, originalmente, eram caiadas com cal virgem que se deixava de molho n'água durante longo tempo.

No soalho, de tábuas largas, variando de 20cm a 40cm de largura com 2,5cm de espessura, as madeiras preferidas são o jatobá, a peroba rosa e o ipê roxo. Quando forrada, preferencialmente, são usados o cedro ou o tamboril, madeiras mais leves.

Além da casa-sede, as benfeitorias incluem os terreiros, a bica d'água, a casa do monjolo, os locais de criação dos animais de porta, o paiol para a guarda do milho com palha e abrigo do carro de bois e do carretão, cangas, canzis e arrochos. Em algum lugar, fica o cômodo para a guarda dos arreios, silhões, cangalhas e outros apetrechos de montaria. Os currais são construídos com madeiras roliças, tipo pororoca, ou com madeira lavrada e assentada horizontalmente. Currais bem antigos são feitos com lascas de aroeira fincadas no chão.

Importância à parte é representada pelo rego d'água, que tinha múltiplas finalidades, servindo para o homem e para os animais. Ele tem começo numa nascente ou córrego, corre a chão aberto até cair na bica que chega à porta da cozinha. Primeiramente, a água do rego serve para os usos domésticos: num pequeno desvio libera água para regar a horta, depois pode mover a roda d'água do equipamento para o fabrico de farinha de mandioca, mais um pouco toca o eixo que aciona o moinho de fubá, mais além é força motriz do engenho de cana, e, ainda, do engenho de serra. É com essa força hidráulica que foram instaladas as primeiras usinas de luz elétrica na fazenda goiana.

Das conclusões, as pesquisadoras assinalam que a *Fazenda Goiana* marcou a presença da civilização ocidental na região centro-oeste, contribuindo para a integridade futura do país, bem como a unidade da língua portuguesa e a dimensão continental do território brasileiro. A antiga fazenda de Goiás difere daquelas que se localizam nas regiões próximas ao litoral, pois tem características próprias de organização e de produção. Nas fazendas goianas formadas no final do século XIX e primeira metade do século XX, empregou-se preferencialmente mão de obra familiar ou “ajustada” com trabalhadores livres. Nelas, constatam-se exemplos de sociabilidade, criatividade e improvisação, inexistindo luxos e requintes copiados de modelos europeus. Por suas características e história, a fazenda goiana deve ser estudada e conhecida como matriz da cultura goiana.

## Referências

AGUIAR, Maria do Amparo Albuquerque. *Terras de Goiás: estrutura fundiária (1850-1920)*. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

ARQUIVO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Sesmarias*. Documentos do Arquivo do Estado de São Paulo v. II-bis e III-bis. São Paulo: Typographia do Globo, 1939/1940.

BITTENCOURT, Evandro. Fazendas antigas. Fazendo História. Fazendas em foco. Suplemento do Campo, a. VI, n. 300. Encarte de *O Popular*. Goiânia, 10 de novembro de 1993, p. 1, 8 e 9.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Ed. UFG, 1997.

COSTA, Lena Castello Branco Ferreira. *Arraial e coronel: dois estudos de História Social*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1978.

DOLLES, Dalísia E. M.. Fontes primárias relativas à escravidão em Pirenópolis. *Anais do IX Simpósio de Professores Universitários de História*. Florianópolis, 1977.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira de; SILVA, Nancy Ribeiro de Araújo e. *Fazendas antigas de Goiás*. Goiânia, 1986. Brasília. Mimeo. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq e MinC/IPHAN.

\_\_\_\_\_. *Relatório*. Projeto: Fazendas Goianas. Goiânia, set. 1989. 126p. Mimeo. Apresentado ao CNPq e MinC/IPHAN.

\_\_\_\_\_. *Fazendas goianas. Anais da XIII Reunião da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, São Paulo*, p. 247-253, 1991.

\_\_\_\_\_. *Fazendas goianas*. Pirenópolis, II Encontro de História do Planalto promovido pela Academia de Letras e Artes do Planalto, 1992. Comunicação.

\_\_\_\_\_. *Antigas fazendas do Planalto Central*. *DF-Letras*, ano 1, n. 4, Brasília, Câmara Legislativa do Distrito Federal, Suplemento Cultural, ano 1, n.4, P. 23-27, 1993.

\_\_\_\_\_. *Antigas fazendas de Goiás*. *O Popular*. Suplemento do Campo, a. VI, n. 300. Goiânia, 10 de novembro de 1993, p. 8-9.

\_\_\_\_\_. *Antigas fazendas do Planalto Central*. *Ciências Humanas em Revista*, Goiânia, v. 6 n. 2, julho/dezembro, 1995, p. 113-130.

\_\_\_\_\_. *Da batida do monjolo ao apito do trem*. Goiânia, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás. 2013. Mimeo. Mesa redonda.

FUNES, Eurípedes A. *Goiás, 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária*. Goiânia: Ed. UFG. 1980. Coleção Teses Universitárias, n. 40.

LIMA, Ruy Cirne. *Pequena história territorial do Brasil: sesmarias e terras devolutas*. Goiânia: Ed. UFG, 2002.

LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes. Marchas e contramarchas*. 3ª. ed. São Paulo: Ed. Alfa-Ômega, 1979.

PALACÍN, Luiz. *O século do ouro em Goiás*. 2ª. ed. Goiânia/Brasília: Ed. Oriente/INL – MEC. 1979.

PORTO, Costa. *O sistema sesmarial do Brasil*. Brasília: Ed. UnB, [s.d.].

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e à província de Goiás*. t. 1. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1937. Coleção Brasileira n. 68.

SALLES, Gilka Vasconcelos Ferreira de. O Povoamento de Goiás. *Revista do ICHL*, Goiânia, v. 1, n. 1, p. 79-114, 1981.

SILVA, Henrique. A Bandeira do Anhanguera a Goyaz em 1722 (Reconstituição dos roteiros de José Peixoto da Silva Braga e Urbano do Couto). *Memórias goianas* (I), Goiânia, Universidade Católica de Goiás, Centro de Cultura Goiana/Centauro Gráfica e Editora, 1982.

## RESUMO

Estuda-se a antiga fazenda de Goiás, do ponto de vista de sua história, ambiente natural, edificações, materiais e técnicas construtivas, partido arquitetônico da casa-sede, áreas anexas, equipamentos, mobiliário, usos, costumes e tradições. Dadas suas características peculiares de organização, produção, sociabilidade, criatividade e improvisação, constata-se que difere substancialmente daquelas situadas nas regiões próximas ao litoral. Conclui-se que a fazenda configura-se como matriz da cultura goiana.

## RÉSUMÉ

L'étude verse sur l'antique ferme de Goiás, son histoire, son environnement, ses édifications, matériels et techniques constructives,

le parti architectural de la maison-principale, les sites proches, les équipements, le mobilier, les habitudes, les moeurs et les traditions. Par ses caractéristiques d'organisation, de production, de sociabilité, de créativité et d'improvisation, on peut dire qu'elle difère fort de celles qui sont situées dans les régions proches au littoral. On en conclut que la ferme est considérée la matrice de la culture goiana.

#### ABSTRACT

It is studied the old farm of *Goias* from its historic, natural ambience, buildings, materials and constructive techniques, architecture of the main house, adjacent areas, equipments, furniture, usage, mores and traditional points of view. Given its peculiar organization characteristics, production, sociability, creativity and improvisation, it is noted that it differs substantially from those located near the seacoast. It is concluded that the farm configures the matrix of the *goiana* culture.

# BIOGRAFIA

## JOSÉ XAVIER DE ALMEIDA JUNIOR

**Ana Domitila de Almeida Mendonça\***

José Xavier de Almeida Júnior nasceu na Cidade de Goiás, em 20 de outubro de 1902, filho de José Xavier de Almeida, então presidente da província de Goiás, e de Amélia Augusta Moraes de Almeida. Formou-se em medicina em 1926. Defendeu sua tese de doutoramento em 1927, na Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo exercido a profissão em Morrinhos, Caldas Novas, Anápolis e Goiânia, onde se aposentou, prematuramente, devido a um derrame na retina.

Ainda na juventude iniciou sua carreira literária e colaborou, durante muitos anos, nos principais jornais do Triângulo Mineiro e de Goiás, como *Lavoura do Comércio*, *Voz do Sul*, *Revista Oeste*, *O Popular*. Foi, sem, sem ressalvas, uma grande expressão literária de sua época; publicou em vida dois livros, o de poesias, *A Canção do Planalto* (1939) e o de crônicas e ensaios *Leituras e Lembranças* (1971). Postumamente, na comemoração do seu centenário (20020 foi reeditado e ampliado *A Canção do Planalto* e lançado o romance inédito *Ponta de Linha*. Foi o terceiro Príncipe dos Poetas Goianos, ativo promotor das artes em Goiás, mais de uma vez presidente da Academia Goiana de Letras. Realizou o seu evento mais ousado em 1954, em Goiânia, promovendo o “I Congresso Nacional de Intelectuais”, quando reuniu intelectuais importantes do Brasil e da América Latina. Aqui, no Centro Oeste, no sertão de Goiás, estiveram presentes personalidades como: Pablo Neruda, Jorge Amado, Mário Barata, Orígenes Lessa, Lima Barreto, Vila Nova Artigas, dentre outros. A repercussão deste evento, em Goiás, teve um impacto comparado ao que a Semana de 22 teve para o Brasil.

Xavier Junior, como era conhecido no meio literário, faleceu vítima de uma parada cardíaca em 8 de abril de 1979, na casa em que residia desde 1955, na Alameda dos Buritis, nº 36 (hoje 322). Na

---

\* Texto extraído da coletânea “Alameda dos Buritis - Pioneiros de Goiânia”, organizada por Narcisa Abreu Cordeiro, sócia titular do IHGG.

verdade, neste endereço é que esta biografia se inicia, com o olhar diferenciado para este morador, sua esposa e seus filhos. Dr. Xavier e D. Santinha (*Domitilla* dos Santos Fleury de Almeida) ocupavam o sobrado de *meia água*, como ele costumava nomeá-lo, entre a Rua 29 e a Viela 29-A, com seus quatro filhos, Zezinho (José Xavier de Almeida Neto), Horácio (Horácio Fleury de Almeida), Ana Amélia (Ana Amélia Fleury de Almeida Badan) e Tila (Ana Domitila de Almeida Mendonça). Podemos chamar também este texto de memórias espaciais da paisagem urbana, pois traz para o presente, para a conturbada Goiânia do século XXI, o modo de vida desta família que residiu ali até a mudança de D. Santinha para o setor vizinho, Oeste, em 1985.

O casal tinha uma aparência singular, a começar pela diferença de 21 anos entre os dois, ele sempre de terno claro de linho 120%, geralmente cáqui, não dispensava o uso de chapéu de feltro; ela muito elegante, alta, loira de olhos azuis, dizia-se na época que parecia *estrangeira*, sempre se vestiu com muito esmero. Aos domingos se dirigiam às missas do querido amigo do casal, o ícone do Ateneu Dom Bosco, Pe. Zezinho. O amigo a quem D. Santinha recorria quando das eternas fugas de Zezinho para banhos no Rio Meia Ponte e Lago das Rosas, já com Dr. Xavier as conversas eram sem fim, palestravam desde assuntos religiosos até os mais diversos outros, em torno do mundo.

Enquanto trabalhou como médico da Estrada de Ferro, tinha uma rotina cheia e como nunca dirigiu, usava como transporte a bicicleta, a charrete e até mesmo montava, hábito que na vinda com a família para Goiânia, abandonou. Por vezes, utilizava o veículo e o motorista da Estrada de Ferro, mas este não gostava de se estender além do horário, assim vez ou outra para não prejudicar nem o colega no seu horário e nem o paciente em sua consulta, convidava o segundo para adentrar o veículo e continuava a consulta pelo caminho.

Aposentado precocemente, lia com dificuldade e era com esta deficiência que lia o jornal local de *caço a rabo*, mesmo que esta tarefa se apresentasse árdua, era diária. Dr. Xavier era uma figura constante no alpendre do sobrado. À frente da residência nada era edificado; existia ali o Bosque dos Buritis, o que fazia jus ao nome era um buritizal que se desenvolveu ao longo de um córrego que atravessava a área. Eram encontrados com frequência animais, hoje vistos apenas em zoológico pelas crianças urbanas, como jacarés, cobras e grande

quantidade de pássaros. Morava no local Seu Valdemar, uma figura simpática, responsável pelo viveiro municipal de Goiânia, que ali se localizava e de onde tiravam as mudas para a arborização das vias da cidade. Ele e sua família se relacionavam com os moradores da Alameda, inclusive Dr. Xavier. Assim, os filhos de ambos criaram uma amizade, possibilitando os meninos adentrar no bosque e fazer daquela experiência um verdadeiro *safári* de aventuras e descobertas, fora ainda, as inesquecíveis *peladas* em um campinho improvisado em uma clareira da mata. Ali no alpendre, Dr. Xavier fez outras amizades perenes, entre elas estava a de um pedreiro que, devido a um acidente de trabalho perdeu totalmente a visão, em uma época em que as leis trabalhistas não protegiam os operários, passando a viver de caridade. Encontrou no senhor do alpendre um amigo, que além da natural ajuda, servia-lhe água, café e proseavam longamente em uma conversa animada, pois era esse um traço singular da personalidade do nosso biografado, o de transitar extremamente à vontade por diversos meios culturais e sociais. Manteve essa amizade com encontros semanais até a sua morte.

Do alpendre, o poeta se deleitava com o pôr do sol por detrás da mata, em determinado ângulo o céu rubro emoldurava a cruz da torre do sino da Igreja, a capela do Ateneu Dom Bosco, onde estudavam seus meninos. Considerava aquele espetáculo um privilégio e não se furtava de assisti-lo todos os dias. Havia ali, bem em frente ao sobrado, uma esplendorosa caraíba. Da. Santinha que o acompanhava com frequência àquele espetáculo lhe pediu, um dia, que fizesse uma poesia para tão apreciada árvore. Quando se iniciaram os preparativos da obra da Assembleia Legislativa, que pôs abaixo grande parte do acervo natural das árvores e palmeiras do bosque, dentre elas, a caraíba, o pedido de D. Santinha, finalmente, foi atendido e surgiu:

### A Caraíba da Alameda

*Este sol-potr de julho, calmo e frio,  
Detém a luz em seus cabelos de ouro.  
À meiga força do seu amavio,  
Eu me confesso preso, sem desdouro.*

*Guardava o coração, ermo e erradio,  
Antes de ver, ao luar, esse tesouro.  
Vivo na áurea cadeia, anos a fio,  
No mesmo encantamento imorredouro...*

*Eu os olho... e esqueço que você queria  
Fizesse a caraíba esta poesia,  
Que, no entanto, saiu sentimental...*

*E ela abre em julho, as amarelas flores,  
Buritis a emolduram de verdes,  
Recordando a bandeira nacional!...*

Nas primeiras horas da noite, quando todas as crianças da rua já haviam voltado aos lares, quer estudassem no turno matutino ou vespertino, a alameda se enchia de vida, eram as brincadeiras noturnas que aconteciam apesar da insuficiente iluminação pública. As brincadeiras se multiplicavam, era a corda, o beto e, a melhor de todas, a *salve latinha*. As as crianças, tão diferentes das de hoje, não se confinavam em volta da TV ou do computador, corriam e se escondiam atrás dos baixos muros, nos jardins, subiam em árvores e, vez ou outra, o pegador desistia e ia embora para casa deixando-as escondidas horas, até desconfiarem e saírem do esconderijo. Havia também, as festas juninas, que eram mais religiosas do que as atuais. Da. Santinha inicialmente as festejava na rua. Era em dia de São Pedro, com fogueira, levantamento do mastro com bandeira do santo, comidas típicas, foguetes, traques e brincadeiras sem fim. Posteriormente, a festa foi transferida para o quintal, para desespero do cachorro Tigre, um cão policial que odiava fogos ainda mais depois de uma empreitada com o cachorro do vizinho atrás de um ladrão, quando perdeu o companheiro, morto por tiro de revólver. Tigre era ensinado, amigo fiel da família, saía todas as noites para uma voltinha, diferente dos cães de agora, não carecia da companhia dos donos, saía sozinho, na volta, punha-se de pé e com uma das patas dianteiras batia à porta, ao entrar atravessava sem alvoroço toda a casa e ia direto para sua casinha nos fundos.

Dr. Xavier era uma figura aberta e acolhedora. Cabe aqui relatar um episódio ocorrido um ano antes de se mudar para Alameda dos Buritis, quando morava próximo dali, na Rua 13 esquina com a Rua 16, casa que foi demolida e transformada em estacionamento particular. Nesse endereço nasceu a sua filha caçula. Rubinho, que já não está entre nós, era companheiro de Horácio e sem saber da novidade acontecida na madrugada, procurou o companheiro para brincar, este se negou a sair de casa, estava *curtindo* a nenê recém chegada. Rubinho encabulou-se porque tinha aprendido que os bebês nasciam das abóboras, mas aquilo não lhe entrava na cabeça e viu naquele momento uma forma de elucidar aquele mistério. Convidou outros meninos da vizinhança para ir até a casa e tirar, do amigo, detalhes sobre a chegada do bebê. Movidos pela curiosidade comum voltaram a procurar Horácio; chegando lá foram recebidos pelo próprio Dr. Xavier, que no exercício da medicina fazia, ele mesmo, os partos da esposa. Foram todos convidados a entrar e ele resolveu tirar um dedo de prosa com tão grande número de crianças. Com a curiosidade aguçada, logo expuseram o verdadeiro motivo da visita. O médico, com domínio do assunto, sabedoria de professor e encantamento pelo milagre da criação, explicou naturalmente aos seus interlocutores como as crianças vêm ao mundo, de brinde, buscou a pequena *pessoinha*, permitindo que todos se aproximassem e se deleitassem em ver de tão perto um ser que acabara de chegar ao mundo. Rubinho guardou este acontecimento como um troféu e o expunha como um dia especial em sua vida.

Para terminar essas lembranças, é importante ressaltar o cidadão da Alameda dos Buritis, nº36. Já nos anos de 1970, a Alameda foi duplicada, quando se aproveitaram as árvores que margeavam a pista pelo lado do bosque ou do muro do colégio Ateneu Dom Bosco, transformando-as na arborização do canteiro central. Roubou-se, pela segunda vez, uma faixa do bosque e pavimentou-se a pista no outro sentido de tráfego. Para tal, a Prefeitura cobrou estes serviços dos moradores da Alameda, alegando que a primeira pista havia sido pavimentada anos antes sem nenhum ônus aos moradores. José Xavier era zeloso com suas contas, tinha todos os comprovantes de pagamento guardados, porque a primeira pista

pavimentada havia, sim, sido cobrada. Ao provar à Prefeitura, todos os moradores da rua foram dispensados do pagamento do serviço, uma vez que do outro lado não havia residências, apenas a área pública do bosque e a do colégio.

Aconteceram muitos outros fatos que poderiam ser narrados do tempo em que morávamos na casa grande de meia água. Mas temos certeza que outros moradores colaborarão para trazer de volta a memória daquele trecho da vida urbana, em passado próximo, mas tão diferenciado.

# À PROCURA DO ARU-APUCUITÁ

Altair Sales Barbosa\*

Narra uma lenda indígena que num período muito antigo, os remos para as canoas eram elaborados de uma madeira muito resistente e recebiam o nome de Aru-Apucuitá. Trata-se de um remo que numa extremidade tinha o formato de uma pá de forneiro, possuía um metro de altura, com empunhaduras bem trabalhadas. Com o tempo, os índios deixaram de fabricar os Aru-Apucuitá. Várias estações chuvosas se passaram desde então. E esse remo virou relíquia que sobrevive nas mentes e lembranças de alguns povos.

Segundo a mesma lenda a pessoa que tiver a sorte de encontrá-lo, mesmo que seja um fragmento, basta retirar deste uma pequena farpa colocar fogo numa das pontas e encontrará não só a felicidade e a liberdade, mas sua mente será iluminada na direção do caminho seguro...

... A aurora já chega com o prenúncio do início de um novo semestre letivo e os professores, qual pião em rodopio, buscam ordenar sua desordem ideológica, que mascara tempestades mentais, na ânsia da busca por motivações, que possam transformar os alunos em agentes da história. E, na ilusão de que isto seja possível, dentro da realidade atual, por um instante se esquecem e desprezam as interferências dos mecanismos sociais que transformam a argila bruta que é o homem ao nascer, numa estátua social, dando a esta as configurações do meio que a modelou. Este fenômeno é conhecido como socialização e pode ser entendido como um processo dinâmico, através do qual o Homem se transforma num ser social. Quatro são os pilares básicos, nos quais este fenômeno se apoia: a Família, a Escola, a Igreja e os Grandes Meios de Comunicação de Massa, incluindo os Sistemas Cibernéticos.

Atualmente, a crescente desestruturação da família, causada por problemas de ordem econômica, ideológica, e pelas imposições do mundo moderno, contribuem para que a cada dia que passa, esta exerça cada vez menos seu papel socializante.

---

\* Doutor em Antropologia / Arqueologia, Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de Goiás

..... a Silvia e o esposo já iniciaram o espetáculo ao ar livre. ele está lhe espancando, e eu estou revoltada com o que as crianças presenciaram. Ouvem palavras de baixo calão. Oh! se eu pudesse mudar daqui para um núcleo mais distante.

A narrativa, até parece que foi extraída do noticiário da televisão, ocorrido um dia anterior. Não foi. Trata-se de um pequeno trecho pinçado do livro Quarto de Despejo de Carolina de Jesus, publicado em 1960. E só reforça a afirmação da precariedade do papel socializante da família.

As escolas, tanto as fundamentais, como as básicas e as superiores, que por algum tempo eram tidas como continuadoras da família, há muito deixaram de exercer esta função, mergulharam num pântano de lodo mal cheiroso e movediço, que suga a criatividade e faz seus dirigentes adotarem uma dança macabra, como se fossem fantasmas, diante de imposições ainda mais fantasmagóricas.

Os professores não conseguem a motivação necessária para transmitir o conteúdo. Isto acontece, porque o conteúdo não traz novidade e não é mais motivador. Grande parte dos alunos já conhece por outros meios, aquilo que lhe será transmitido. A aula dentro da sala, perde então o interesse e o sentido.

A escola que outrora se constituía num ponto de encontro para se fazer amizades, trocar ideias e aprender novidades, não é mais nada disso. Hoje, as redes sociais desempenham este papel.

A maior parte das escolas básicas e fundamentais carecem de pátios para brincadeiras, carecem de bibliotecas, de equipamentos para dinamizar uma aula. E, nem sequer de longe, pode-se mencionar que possuem laboratórios. Isto é muito luxo, para quem acha que o ensino não necessita de experiências.

Os professores se sentem desmotivados não só pela remuneração. Aliás, para quem nunca ministrou uma aula, pode-se afirmar, que não há na terra, tarefa mais exigente, responsável e cansativa. Porém, também sentem-se desmotivados, porque não são mais respeitados pelos alunos. As associações sindicais de pais de alunos apoiados pelos meios de comunicação sensacionalistas, são capazes de levar um professor à “Justiça” se este, no intuito de impor a disciplina alterar a sua voz.

Aliás, por falar em disciplina, as escolas hoje em dia, são vigiadas por policiais, porque viraram pontos de compra, venda e consumo de

alucinógenos. A falta de perspectivas faz o aluno buscar esses caminhos. Por isso e muito mais, a escola tal qual a família não faz corretamente o papel de socialização e formação de cidadãos.

O terceiro elemento fundamental na tarefa de socializar é a Igreja. Entretanto, vê-se a materialização crescente dos princípios sociais, norteados pela bandeira maior do capitalismo que estampa o consumismo. E, ainda, com a deturpação da doutrina básica do Cristianismo, para citar apenas o caso do Brasil, doutrina esta mutilada pelo economicismo, a que muitas seitas lançam mão para sobreviverem, enriquecerem e criarem impérios, faz com que haja a disseminação da descrença. E quando esta não vem, em seu lugar surge o fanatismo e a alienação, que pode ser considerada a encarnação da própria escravidão. Portanto, se a família, não cumpre adequadamente o papel de socializar, a escola e a igreja atualmente, o fazem muito menos.

Quem desenvolve com eficiência o papel de socialização e formação das mentes na sociedade brasileira são os Grandes Meios de Comunicação de Massa. Esses veículos, com uma força avassaladora, modelam os hábitos da sociedade brasileira, mudam horários de eventos tradicionais, de acordo com seus interesses, transformam em artistas quem não é, fazem o povo cantar músicas alienantes e depressivas, visando a irradiação da mediocridade, porque quanto mais medíocre e sem consciência crítica fica o ser humano, também se torna mais fácil aceitar programas banalizantes, com altos índices de audiência etc. E assim, estes Meios vão contribuindo para a formação de cidadãos doentes, agressivos, neuróticos, angustiados, depressivos, e miseráveis globalmente. Uma vez submetidos às condições desfavoráveis, esses seres se deixam dominar sem outra reação qualquer, que a do conformismo, ante sala da alienação.

Este, de modo geral é o tipo de sociedade que compartilhamos atualmente. Não há solidariedade, não há valor pela vida, não há exemplos de honestidade e a corrupção, qual cavalo selvagem, campeia relinchando pelas campinas gramíneas. Assim, convivendo com estes exemplos, a utopia da construção de uma sociedade sadia se torna cada vez mais longínqua.

Por sua vez, o Governo brasileiro, através do Ministério da Educação, sem criatividade e talvez sem a competência necessária, criam a todo instante mecanismos autoritários, repressores, restritivos, que só reforçam a situação atual refletida pela sociedade brasileira. E, inadvertidamente parecem contribuir para a manutenção deste quadro.

Movidos pela idéia errônea de que povo culto é aquele que tem diploma universitário, cometeram e vem cometendo erros imperdoáveis, permitiram a criação de cursos universitários sem qualidade e a multiplicação desenfreada das faculdades pegue-pague.

Buscando corrigir essas distorções monstruosas que foram criadas, o Ministério da Educação tem lançado mão de instrumentos, ineficazes e inoperantes, que ao invés de corrigirem as falácias, colocam numa mesma caixa vazia de bombom, ou melhor dizendo, num leito de hospital psiquiátrico, todas as Instituições de Ensino Superior, sem considerar suas peculiaridades, sua história, seu contexto e a importância e vocação regional de cada uma.

Ao proceder desta forma, o MEC intervém de maneira nunca vista na história do autoritarismo brasileiro, impedindo o crescimento destas instituições tradicionais, restringindo suas ações de pesquisa, que é o fundamento da existência da própria Universidade, impedindo suas ações inovadoras e criativas, uma vez que as obriga a vestirem uma camisa de força, para cumprirem, sem reclamar as equivocadas exigências do Ministério.

O sistema avaliativo atualmente implantado para avaliar as Instituições de Ensino Superior, quer seja através dos alunos, quer seja avaliando a própria instituição, está cheio de contradições e não se baseia num alicerce teórico sólido, que consiga expressar a real situação institucional. Isto porque não se toma em consideração a inserção social da Instituição avaliada, sua participação na formação da realidade regional, sua vocação, sua missão, tampouco a história e os contextos.

A impressão que nos é passada é que estas idéias absurdas parecem que de repente, brotam da cabeça de pessoas que se julgam geniais, cujo trabalho se desenvolve em um cubículo cercado por quatro paredes, distante da realidade do território brasileiro, que é um continente, com inúmeras diferenças regionais, refletidas nas atividades econômicas, sociais e culturais, permeadas por uma diversidade ambiental de grandeza e significados incomensuráveis.

Esses sistemas de avaliação, nos remetem ao episódio em que Charles Darwin foi avaliado pelo conselho de classe do Colégio no qual estudava. Na ocasião o reitor desse Colégio expressou: Trata-se de um péssimo aluno, não gosta das aulas de canto e chega a chorar quando tem que assistir e participar das aulas de balé. Seu negócio é observar as mariposas pousarem nos troncos das árvores. Parece um desajustado!....

Em tempo, foi observando as mariposas que Darwin criou o conceito de mimetismo, que culminaria na ideia de seleção natural e evolucionismo, fundamentos que revolucionaram o pensamento humano.

Da mesma forma que o MEC está enganado e deve rever seus processos avaliativos, a CAPES e o CNPq devem revisar seus conceitos de pesquisa. Não deixar que estes conceitos que brotam em cabeças de burocratas se transformem em obstáculos para o desenvolvimento destas atividades no seio das verdadeiras Universidades brasileiras. Para aqueles que sempre cantavam as canções de Vandr e,   sempre oportuno recordar o que este compositor diz em uma de suas músicas:

*“Não vai falar de amor quem nunca soube amar”*

Isto se aplica a diversas áreas de atua o. Não pode traçar diretrizes para a educa o ou para a pesquisa, quem nunca foi educador ou pesquisador. Se insistir nesta tecla, poderá ser criada uma teia complexa de instrumentos impeditivos e desafinados.

A missão de ser professor e /ou pesquisador   tarefa que exige voca o e aptidão,   claro, que associadas ao conhecimento. Tentar relacionar a titularidade de doutor a pesquisador   uma atitude semelhante ao do Reitor daquele mencionado Colégio, querendo transformar Charles Darwin num dançarino de balé.

... Assim, por det rs desta realidade, as vezes vem aquela vontade louca de corrermos de nós próprios, ou procurarmos esconder um choro ainda mais dolorido, para que ninguém possa ver nossos olhos marejados. Talvez, a vontade de fugir seja pela falta de comunhão e o choro, pelos elementos fundamentais que a educa o perdeu, principalmente a dignidade, o respeito, o entusiasmo e o orgulho de ser professor. O que significa a encarna o da própria vergonha. Por isso procuramos chorar escondido e bem baixinho. Sentimos vergonha da incapacidade de não podermos ter evitado os tenebrosos caminhos que conduziram a educa o para a situa o em que se encontra.

Por outro lado, ainda na esperança daqueles que sentem que não foram derrotados, afirmamos ser impossível tentar entender ou explicar a curvatura do universo, utilizando os parâmetros da Física Newtoniana

ou da Geometria Euclidiana. O máximo que a física de Newton alcançou foi compreender a gravitação universal e a geometria de Euclides chegou no máximo a conhecer as três dimensões.

A compreensão da realidade atual cibernética, a inércia na tomada de atitudes radicais, a falta de conscientização, a abdicação do papel fundamental da educação na formação de cidadãos conscientes, e o abandono da busca da felicidade e liberdade são situações que somente poderão ser explicadas, ou talvez compreendidas, através da mudança radical dos padrões de como vimos o mundo, e como o vemos atualmente. Para isto, a busca de novos paradigmas se torna imprescindível. Os que existem são incapazes de fornecerem as respostas necessárias para encontrarmos o caminho do êxito e do equilíbrio.

Por isso, como professores e ou pesquisadores, que mesmo nadando contra fortes correntezas não perdermos a esperança. Quando em campo, ficamos vasculhando os barrancos dos rios por onde andamos, sempre à busca de um fragmento do Aru-Apucuitá.

CRÔNICAS  
CRÔNICAS



# Missão Cruls

Bariani Ortencio\*

Um dos melhores trabalhos da nossa História aqui do Centro-Oeste, é o CRULS, de Jaime Sautchuk. Histórias e andanças do cientista que inspirou JK a fazer Brasília.

Vamos ver uns tópicos para compreender a importância do livro: Relatório, Missão Cruls, desde 1894, a demarcação do Novo Distrito Federal, no mesmo ano da chegada dos Padres Redentoristas na Campininha das Flores da Freguesia de Nossa da Conceição.

Luiz (Louis Ferdinand) Cruls, belga de nascimento, veio para o Brasil onde exerceu as profissões de engenharia ferroviária e astronomia. Comandou a Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil, de 1892 a 1893, com a tarefa de demarcar a localização da Nova Capital.

O livro é, ainda, um ótimo tratado sobre a História do Brasil. A Comissão se encarregou de estudar também a fauna e a flora da região, as águas e a presença humana. Como Portugal estendeu as fronteiras no Oeste, os feitos dos bandeirantes, aventureiros e cientistas; o índio e o fim do Império. Os reais objetivos do Anhanguera II, o ciclo do ouro, as pesquisas científicas, as guerras e a chegada do boi.

A primeira viagem começou de trem, do Rio de Janeiro a Uberaba até onde os trilhos chegavam.

“Seguindo o rumo noroeste era necessário atravessar o rio Corumbá em barcaça, e já havia pequenas aglomerações, como Santa Cruz; mas a vila de maior destaque era Pouso Alto, (Piracanjuba), nascidas de pousos...”

Depois os componentes da Missão percorreram exatamente 5.132 kms em lombo de animais, carregando toneladas de caixas com alimentos, vestimentas, livros e equipamentos.

---

\* Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (cadeira nº 46).  
barianiortencio@uol.com.br

Através de uma narrativa suave e precisa, o autor nos leva a realizar uma viagem pelo Brasil Central dos séculos XVII, XVIII e XIX, mostrando a habilidade do colonizador de convencer e obrigar as populações indígenas a se submeterem aos seus planos de posse e expansão das fronteiras da Colônia.

Foram produzidos estudos, mapas e afixados marcos com incrível precisão, com base na observação do céu. Assim foi demarcado o chamado Quadrilátero Cruls, que definiu o formato e os limites do novo Distrito Federal.

Sobre o ouro que não foi para Portugal: “Só em Salvador existem hoje 352 igrejas católicas e os interiores desses templos eram praticamente pintados a ouro.”

“Formosa chamava-se originalmente Arraial dos Couros, por ser ali um entreposto de comércio de peles de animais”

“Numa dessas habitações morava um armeiro, que se tornou muito conhecido na região, uma referência para viajantes, caçadores e moradores; e daí advém o nome de Mestre d’Armas (Planaltina), já de largo uso naqueles anos.”

A Missão facilitou o trabalho dos futuros construtores de Brasília, 66 anos depois.

Ampla ilustração com fotos originais e mapas valorizam o trabalho.

“Cruls” é um compêndio imprescindível em todas as boas bibliotecas, mormente aos que se interessam pela nossa História.

Jaime Sautchuk reside em Linda Serra dos Topázios, em Cristalina (GO). Atuou na Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, O Globo, Veja, BBC de Londres, RBS Rádios e nos jornais alternativos Opinião, Movimento e o Pasquim. Tem vários outros livros e atua na produção de cinevídeo. Recebeu os prêmios Vladimir Herzog e Fenaj de Jornalismo. Nasceu em Herval d’Oeste (SC) em 1953.

É do conselho editorial da excelente revista XAPURI Socioambiental, que neste número de Maio me presenteou com uma entrevista Perfil de Bariani Ortencio, o que muitíssimo agradeço.

***Macktub!***

# O Último Bandeirante

Brasigóis Felício\*

Bernardo Sayão talvez tenha sido o último bandeirante a alargar fronteiras e expandir sonhos nos rincões do Brasil Central – ou no Planalto Central do país. Mas disto pouco se fala em Goiás e Brasília, nem se vá falar nas outras capitais destas vastas unidades da Federação. Que passaram a ser cruzadas por estradas, e repletas de cidades, depois de suas jornadas desbravadoras. Foi um grande abridor de estradas, não havia tarefa ou missão que enjeitasse. Onde não pudesse chegar, com seu Jeep, colocava-o no batelão, seguia rio abaixo ou acima. Quando precisava ir por terra mesmo, guiava ele próprio o seu Jipão, abrindo picadas que depois seriam estradas.

O historiador e jornalista Jarbas Silva Marques, presidente da Academia de Letras e Artes do Planalto, é um dos poucos realmente preocupados em iluminar os empoeirados autos do passado, “antes que o tempo passe tudo a raso”. Ele proferiu palestra no conselho Estadual de Cultura, sobre o papel desempenhado pelos goianos na criação, demarcação do Distrito Federal, idealização e construção da nova Capital Federal nos altiplanos de Goiás. Dentre os temas abordados pelo historiador, foi iluminada a figura lendária, quase mítica, de Bernardo Sayão. Ao contrário de Átila, o huno, que por onde passavam seus cavalos não nascia capim, onde chegava Bernardo Sayão, com seu Jeep, nasciam estradas e cidades. O progresso chegava a galope, ressalta Jarbas Marques.

De Bernardo Sayão, carioca que chegou a ser governador de Goiás, sendo homem das frentes de trabalho, não do conforto dos gabinetes palacianos, diz-se que chocou um assessor gravatinha, por dirigir ele mesmo o seu Jipão, com roupas de tocador de obras. Ele não ligava. Era o seu jeito. Não seria mudado por nenhum cerimonial de Governo. Coração grande ele tinha, a ponto de certa feita, nas matas de Açaíândia, nas vastidões do que fora o Grão-Pará, ficar uma semana em um rancho de caboclo sertanejo, acometido de fogo selvagem. Sayão deu a ele e à sua família toda a comida que tinha. Fez que fizessem o mesmo

---

\* Escritor, poeta, Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (cadeira nº 16).

os que o acompanhavam. Ficaram lá, em passadio à base de arroz e leite de mangaba.

Conta Jarbas Marques:

Na tarde de 15 de janeiro de 1959. Em plena floresta amazônica, uma árvore caiu sobre a barraca onde ele estava. Esmagou crânio e todo o lado esquerdo do corpo, com fraturas expostas. O pânico se espalhou no acampamento, na selva do Pará. Sayão agonizava. Tinha imensa resistência física, advinda da infância, de quando fugia das aulas e ia escalar o Morro das Duas Pedras, em Friburgo. Com a morte de Bernardo Sayão talvez tenha desaparecido do Brasil o único homem público intimamente ligado ao povo, respeitado e amado por ele. De uma energia infatigável, ele impôs ao longo de sua vida uma liderança forte, sem ser autoritária. Aqueles que não conseguiam acompanhar seu ritmo de trabalho tinham a liberdade para o declarar. E nunca humilhou ninguém por isto.

Hilda Fontenele, sua companheira de todas as horas, esteve ao seu lado nas lutas como plantador de estradas e cidades, ficou com magra pensão de três salários mínimos. O que difere das farras hoje existentes, com famílias de magistrados e políticos vivendo nababescamente, às custas do erário tomado por seguidos e contumazes assaltos. Morreu Bernardo Sayão! - pelas matas ecoava a terrível notícia não para o Curupira, protetor e dono das matas. que mata quem invade a floresta - Só ele se alegrava com a trágica partida do grande abridor de estradas e cidades. Curupira deve ter dando gaitadas Morreu Bernardo Sayão, um que jamais saiu do campo da honra, segundo Juscelino Kubstchek. Morreu pobre como Jó. Em toda a vasta região, tamanha foi a desolação, que parece que todos tinham perdido o seu mais elevado sonho.

# Goiânia

José Mendonça Teles\*

Eu te vejo Goiânia, quando abro a janela de minha sensibilidade e sinto a sensação de que o tempo, preso na tessitura de meus dedos, caminha comigo e me faz também protagonista de tua história; quando percorro os olhos por objetos antigos – álbuns que ficaram na gaveta da saudade – e encontro homens paralisados no instantâneo da foto, vestuário e gestos de outro tempo, olhos perdidos na imensidão do abandono.

Eu te vejo, Goiânia, quando caminho meus pés cansados por tuas ruas em movimento – carros retesados no asfalto da intolerância - e sinto a minha insignificância num espaço que foi meu, numa rua que já foi minha, de tantos pés e mãos, e sentimentos, e gestos fraternos.

Eu te vejo, Goiânia, quando da altura de minha gaiola imaginária (leia-se apartamento) onde meu canto se represa sufocado no abandono de mim mesmo, e há aquela vontade de voltar, de dimensionar o horizonte e sentir o quanto o silêncio é importante, quando o outono descamba para o inverno indesejado.

Eu te vejo, Goiânia, quando jogo minha infância pelas ruas do antigamente e encontro a namoradina carregada de ternura, num tempo em que a vida se media por quilômetros de amizade e o amor se eternizava no descuido das horas impossíveis.

Eu te vejo, Goiânia, quando olho por esses bangalôs da história do começo, humilde na pequenez de sua estrutura e sinto, por mais que os arranha-céus os provoquem ameaçando decepar-lhe as raízes, que há uma resistência que vem de longe represada no sentimento forte e determinado do pioneirismo.

Eu te vejo, Goiânia, quando vejo meus descendentes, sangue do meu sangue, crescerem e correrem por tuas ruas – ontem como hoje - eu menino, assistindo ao mesmo filme na emoção da janela debruçada.

---

\* Ex-presidente e presidente *ad vitam* do IHGG.

Eu te vejo, Goiânia, quando no sonho sonhado de Pedro Ludovico, na determinação de Venerando de Freitas, na Santa Casa de Dona Gercina, no entusiasmo dos pioneiros, quando eras construída com argamassa espiritual e tijolos de honestidade; quando a Campininha de minha infância estendia fraternalmente as mãos no aprimoramento de tua elegância de menina-moça.

Eu te vejo, Goiânia, quando os ônibus apinhados descarregam aflições e pesadelos na sequência da Anhaguera, e a multidão impaciente ocupa os espaços das coronárias agitadas. Ponto do Café-Central, caftino insaciável do imponderável, até quando continuarás na tua tarefa de marcar encontros e desencontros?

Eu te vejo, Goiânia, quando relembro os templos sagrados de tua inteligência – Lyceu, Ateneu, Santo Agostinho, Santa Clara, Instituto de Educação -, e me dá uma vontade de voltar, correr de marcha-a-ré, ir atrás de minha adolescência que insiste em brincar de pique na esquina da memória.

Eu te vejo, Goiânia, e te vendo assim como te vejo, tenho os olhos presos na retina da emoção e me perco por entre ais e suspiros, quando sinto que corremos em sentidos opostos e nos distanciamos à cada esquina do adeus.

Eu te vejo, Goiânia, quando caminho minha solidão nas artérias de teu corpo, onde me perco e me vejo sem ser visto, nessas andanças de passos lassos e incertos. E te vendo assim como te vejo, eu me vejo também nos versos de Cecília: “Eu não tinha esse rosto de hoje,/ assim calmo, assim triste, assim magro/ nem estes olhos tão vazios,/ nem o lábio amargo./ Eu não tinha estas mãos sem força,/ tão paradas e frias e mortas;/ eu não tinha este coração/ que nem se mostra./ Eu não dei por tamanha mudança,/ tão simples, tão certa, tão fácil:/ - Em que espelho ficou perdida a minha face?”

## Confesso que vivi as tensões e o encantamento da vida de médico

Hélio Moreira\*

Quantos anos! Oh! Meu Deus! Um dia, após uma das reuniões da Associação de Ostomizados de Goiás, o Sr. Nazário Alves de Paula (pai da minha querida amiga, médica Dra. Valquiria, esposa do meu, também amigo, Dr. Honor Cruvinel), trouxe-me, enrolado em um pedaço de jornal, uma muda de planta e me disse:

– Dr. Hélio, este pé de manacá, que cuidei por quase seis meses para crescer a muda, trouxe para o senhor plantá-lo na Santa Tereza!

Hoje, ao vê-lo florido, senti muita saudade do Sr. Nazário! Sentei-me em um banco que “plantei” nas suas imediações e voltei ao passado.

Era professor na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás e acabava de voltar de um estágio no exterior (coloproctologia em Londres), onde tive oportunidade de observar a maneira como eram tratados os pacientes portadores de ostomia (pacientes com graves lesões do intestino que impedem a passagem de fezes pela via normal, obrigando o cirurgião a fazer um “desvio”, colocando o intestino do lado de fora do abdome, por onde são desviadas as fezes que são recolhidas em um dispositivo – bolsas de plástico).

Naquela época (1977), nossa problemática em Goiás era dramática. Além de sofrer discriminação, os pacientes não tinham condições financeiras para comprar as bolsas coletoras que possuíam uma substância que aderira à pele do abdome, impedindo “escape” de fezes.

Era comum em nossos ambulatórios assistirmos, impotentes, a um quadro dantesco: alguns pacientes chegavam usando, como coletores de fezes, “sacos de plásticos” daqueles utilizados nas indústrias de laticínios para armazenamento do leite e, o que era mais grave, esses “sacos” eram presos no abdome do paciente por intermédio de um barbante, ocasionando, então, escape de matéria fecal para suas vestes.

\* Médico, Sócio Titular e primeiro vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e primeiro vice-presidente do IHGG (cadeira nº 19).

Diante dessa triste realidade, convidei as amigas Elizabeth Caixeta e Maria Aparecida Veloso, respectivamente assistente social e enfermeira do Hospital das Clínicas da UFG e resolvemos, nos três, criar uma Associação de Ostomizados no ambiente do Hospital das Clínicas.

Em setembro de 1978, durante um congresso da nossa especialidade em Porto Alegre, consegui uma ajuda de custo para que Elizabeth Caixeta nos acompanhasse, para assistir a um curso sobre cuidados aos pacientes portadores de ostomias, que foi ministrado pela enfermeira norte-americana. Normal Gill que, também, sinalizou para a necessidade de se criar “Clubes de Pacientes Ostomizados”. Beth voltou muito animada da viagem e, embalado por este seu entusiasmo, orientei a realização de um curso educativo dirigido à equipe de enfermagem do nosso hospital, sobre cuidados aos pacientes portadores de ostomia.

Em 1979, novamente Elizabeth Caixeta viaja à procura de aperfeiçoamento: vai a Fortaleza para visitar o Clube de Ostomizados do Ceará, em busca de novos subsídios sobre a temática. Nesse mesmo ano de 1979, Beth viaja novamente, agora na companhia da nova entusiasta da causa, a enfermeira Maria Aparecida Veloso, ao Rio de Janeiro, com o mesmo desiderato (haurir conhecimentos da Associação de Ostomizados do Rio de Janeiro).

Finalmente, em 27 de abril de 1979, foi criada a Associação de Ostomizados de Goiás, a terceira a ser implantada no Brasil, em uma das dependências do Hospital das Clínicas da UFG, com a presença de alguns ostomizados e seus familiares, médicos, enfermeiras, assistentes sociais psicólogas e nutricionistas.

A partir daquele momento histórico, o movimento cresceu, tanto em número de associados com ostomia, como consubstanciou a criação de uma equipe multiprofissional para integrar o núcleo de apoio à Associação.

No começo de 1980, foi eleita a sua 1ª Diretoria; a Sra. Dalva Pereira Nunes assumiu a presidência, junto com dois outros elementos que não mais se afastaram da Associação, Sr. Nazário Alves de Paula, tesoureiro e Aparecida de C. Mateucci, assistente social.

Fazíamos reuniões mensais quando, ao mesmo tempo em que discutíamos a problemática da ostomia (cuidados, lições de higiene, dietas etc.), havia atividades festivas, principalmente após termos conseguido montar “uma fábrica de bolsas”, idealização artesanal de um dos associados.

Lembro-me, com muita saudade, das nossas festas; Marília, minha esposa, era a encarregada de organizá-las e, por isso, ela envolveu nossos filhos (José Paulo, Hélio Junior e Ana Paula). Faziam “saraus” de canto (Hélio Junior tocava violão e José Paulo e Ana Paula cantavam). No final do “espetáculo”, tínhamos a presença querida do padre Hebert Lima que fazia uma oração e, algumas vezes, rezava missa em nosso ambiente!

O número de associados aumentava cada vez mais, principalmente depois que começamos a distribuir “nossas” bolsas gratuitamente, desde que o paciente participasse da sua confecção. O espaço que nos era cedido pelo Hospital das Clínicas tornara-se muito pequeno. Precisávamos de uma sede!

Naquela época, era prefeito de Goiânia meu saudoso amigo, o médico Dr. Goianésio Ferreira Lucas. Pedi-lhe uma área para construção de nossa sede, e ele a concedeu (imediações do estádio Serra Dourada), porém, não havia meio de conseguir a documentação (estava em litígio com a Câmara de Vereadores).

Depois, veio o mandato do Dr. Nion Albernaz e continuava nossa via-sacra em busca do documento que não saía. Um dia, resolvi, em comum acordo com meus companheiros da associação, que deveríamos “invadir” o terreno que o Dr. Goianésio nos havia cedido.

Trouxe da minha chácara a madeira e as ferramentas, comprei o arame e pregos e, em um domingo, bem cedo, fomos todos para o “nosso” lote e o cercamos colocando uma placa – ASSOCIAÇÃO DE OSTOMIZADOS DE GOIÁS.

Espetáculo majestoso e inesquecível, pacientes com as enxadas, enxadões nas mãos (alguns deles já envelhecidos e com limitação física provocada pela doença que os acometia). Preciso realçar a figura de um homem extraordinário, o saudoso Sr. Emy Borges Soares que, apesar de apresentar séria limitação em um dos braços, não arredou um minuto da labuta; por oportuno preciso lembrar que, naquela época da “invasão”, o Sr. Emy era o Presidente da Associação.

A partir de então, o lote era nosso de fato! Se quisessem expulsar-nos que arcassem com o inevitável desgaste político, pois estávamos resolvidos, se isso acontecesse, que iríamos (pacientes e equipe multiprofissional) nos colocar de mãos dadas, em frente à cerca.

Felizmente, nunca nos molestaram e, finalmente, ainda na gestão do Dr. Nion Albernaz, conseguimos a documentação, o lote era nosso de direito!

Precisávamos construir a sede, iniciamos então uma campanha de arrecadação de fundos e, para esse desiderato, contamos com a ajuda da Loja Maçônica Asilo da Acácia e, principalmente, de alguns dos meus clientes. Um deles, o saudoso amigo Jairo Andrade, promoveu alguns leilões de gado com renda para a Associação, quando, então, íamos para a porta da entrada do “Tatersal” da Pecuária, vender os ingressos. Marília era a mais animada nessa tarefa. Conseguimos construir a sede!

A nossa movimentação na sede aumentou de maneira assustadora, na fase áurea da associação, chegamos a ter mais de 300 associados; nossa “fábrica”, à medida que adquiríamos maior *expertise*, passou a produzir as bolsas em escala de produção – um paciente (associado) cortava o plástico, outro furava o orifício que seria aderido ao abdome, outro passava a cola e assim por diante até o último que o encaixotava.

Foi nessa época que o Dr. Arturo Mayorga, professor da Faculdade de Medicina, procurou-nos para ajudá-lo a resolver o problema do seu sogro, portador de uma ostomia e que morava na Bolívia, onde a situação social era ainda mais grave. Este senhor esteve em nossa associação e levou a ideia da nossa “fabrica de bolsas” para sua terra; visitei-o em uma oportunidade, quando verifiquei, com satisfação, que nosso projeto ultrapassou as nossas fronteiras.

Em 1991, Marília teve a ideia de publicar um “Jornal” da Associação, cujo título era bastante sugestivo – “O Canguru” (alusão ao fato de esse animal possuir uma bolsa). Circulava com notícias dos associados, nossas festas de aniversários, poesias, crônicas, além de matérias produzidas pela equipe multiprofissional, sobre “cuidados com a ostomia”.

Depois de construída a sede, iniciamos nova batalha: muitos pacientes vinham do interior para se tratar aqui em Goiânia e não tinham onde se hospedar, enquanto aguardavam a consulta. Conseguimos, graças à minha ligação com o prefeito de Aparecida de Goiânia, um lote onde pretendíamos construir um albergue; meu amigo Jair Peixoto (antigo proprietário da Casa Rural) veio em meu socorro.

Jair era o homem certo, uma vez que ele dedicava sua vida para ajudar ao próximo, arrecadando dinheiro com seus clientes e amigos

fazendeiros. Jair abraçou o nosso projeto e “mandou” que sua filha, a arquiteta Dra. Elaine, fizesse a planta e, utilizando a mesma tática – ele de um lado, e eu de outro (pedir, pedir, pedir) –, construímos o albergue.

– A causa é boa, dizia ele em momentos de desânimo, vamos em frente que iremos conseguir!.

Hoje em dia, segundo me informa a assistente social Damaris Morais que, juntamente com a Elizabeth Caixeta é uma das reminiscências daquele grupo de apoio à Associação, a situação para os ostomizados melhorou bastante, graças à pressão que associações semelhantes à nossa, em outros estados da federação, fizeram sobre os poderes públicos (SUS) .

As bolsas, de ótima qualidade, são distribuídas, gratuitamente, no Hospital Araujo Jorge e na Santa Casa de Misericórdia, para mais de 1.000 pacientes em Goiânia. Nossa “fábrica” foi desativada e a antiga Associação ficou um pouco esvaziada; graças a Beth e a Damaris, ali se reúnem, esporadicamente, alguns antigos associados para festejarem algumas datas (aniversário da Associação, de algum associado)

Quando olho para trás, tenho a sensação de que tudo o que fizemos valeu a pena. Muitos daqueles companheiros da primeira hora ficaram na beira da estrada da vida. Sei que, onde eles estiverem, devem estar satisfeitos pelo rastro de luz que deixaram para iluminar nossa caminhada.



# ATIVIDADES DO IHGG



**INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE GOIÁS**  
**FUNDADO EM 1932**

**ATIVIDADES 2014**

<b>DATA</b>	<b>ATIVIDADES REALIZADAS/OUTROS</b>
14/01/14	Segunda Audiência Pública de organização da Primeira Conferência Municipal dos Direitos Humanos de Goiânia.
16/01/14	Visita do cantor e compositor Fernando Perillo.
30/01/14	Entrevista realizada pela produtora de vídeo Nonanuvem Filmes – Documentário com o sócio titular Horieste Gomes.
14/02/14	Visita da Diretoria do IHGG ao Secretário Municipal da Cultura de Goiânia – Ivanôr Florêncio de Mendonça.
18/02/14	Visita do casal de empresários paulistas Mauro e Hieda Federsoni ao IHGG:
19/02/14	Reunião de preparação da COMIGRAR – Primeira Conferência Nacional sobre Migrações e Refúgio (parceria entre IHGG, Pastoral do Migrante, UFG e SEMAS).
24/02/14	Reunião na Secretaria Estadual de Cultura com o secretário Gilvane Felipe, o assessor especial João Dias Campos e o senhor Ney (Chefe de Gabinete)
24/02/14	Visita da Diretoria do IHGG ao Conselho Estadual de Cultura, para tratar da verba do Fundo Estadual de Cultura.
25/02/14	Reunião com o chefe da Casa Civil, Dr. José Carlos Siqueira, e as instituições culturais goianas.
26/02/14	Reunião com o grupo gestor da Escola Amâncio Seixo de Brito, com Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG, assunto: intercâmbio cultural.
06/03/14	Audiência Pública: As Culturas no Poder – Povos e comunidades tradicionais e de matrizes africanas

07/03/14	Reunião da Presidente do CECULCO e associados do IHGG. Pauta: funcionamento da UNATI (Universidade Aberta à Terceira Idade da PUC-GO).
10/03/14	Visita de cortesia de associados do IHGG ao presidente Geraldo Coelho Vaz.
13/03/14	COMIGRAR – Conferência Livre Migrações e Refúgio no auditório do IHGG.
19/03/14	Visita da escritora Solange Mara ao IHGG.
19/03/14	Reunião com representantes da Escola Municipal Amâncio Seixo de Brito, para preparar atividade do intercâmbio cultural entre o Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG e a referida escola.
20/03/14	Reunião com os associados José Mendonça Teles e José Fernandes para agendar uma festividade com objetivo de comemorar seus aniversários.
25/03/14	Reunião da Comissão de Avaliação do concurso de monografia Peixoto da Silveira, seu tempo e seu lugar; na residência de Maria das Graças Rios.
27/03/14	Reunião do professor Dr. Alex Rats, da Universidade Federal de Goiás para agendar a visita de seus alunos ao Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
27/03/14	Reunião da Comissão Julgadora do concurso de monografia Peixoto da Silveira, seu tempo e seu lugar, com o concorrente Josmar Divino Ferreira para apresentação o resultado do certame.
31/03/14	Reunião de representantes dos Pontos de Cultura Municipais. Assunto: destino da verba e rendimento das aplicações dos valores já recebidos.
02/04/14	Entrevista do presidente do IHGG, escritor Geraldo Coelho Vaz, para o Museu da PUC-GO.
04/04/14	Reunião de representantes dos Pontos de Cultura municipais na Associação dos Amigos do Centro Livre de Artes de Goiânia-GO.
08/04/14	Reunião da diretoria do IHGG com a professora Maria José Barcelos Miranda, chefe de gabinete da Secretaria de Estado da Educação, na sede desta.

09/04/14	Reunião das coordenadoras do Ponto de Cultura Memória da Gente, do IHGG: Elizabeth Caldeira e Eleuzenira Menezes, com representantes da Escola Municipal Amâncio Seixo de Brito, planejamento de intercâmbio cultural.
09/04/14	Reunião das coordenadoras do Ponto de Cultura Memória da Gente, do IHGG: Elizabeth Caldeira e Eleuzenira Menezes, com os membros da Pastoral dos Migrantes para planejar o IV Seminário dos Migrantes, agendado para dia 14 de junho de 2014.
11/04/14	Sessão de homenagem póstuma a Marilda de Godoi Carvalho, sócia titular do IHGG, cadeira nº 5.
11/04/14	Reunião para organizar o intercâmbio cultural: do Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG e a Escola Municipal Amâncio Seixo de Brito.
12/04/14	Intercâmbio Cultural do Ponto de Cultura Memória da Gente, do IHGG e a Escola Municipal Amâncio Seixo de Brito, realizado no auditório do IHGG com apresentações histórico/culturais das instituições e depoimentos.
14/04/14	Visita dos assessores culturais Valcir Maria Batista e Sebastião Fernandes dos Santos
14/04/14	Visita do secretário do Meio Ambiente da cidade de Guapó – Goiás, John Wayne José de Souza.
23/04/14	Reunião com a Secretária de Estado da Educação, Professora Vanda Dasdores Siqueira Batista, na sede da SEE
24/04/14	Reunião para decidir a participação no VIII Encuentro Mundial y XIII Nacional de Poetas Vientos del Lago Azul em Juliaca – Peru.
24/04/14	Reunião do Ponto de Cultura Memória da Gente, do IHGG, com as instituições parceiras: UFG, PUC-GO, CECULCO, Escola Municipal Amâncio Seixo de Brito para organizar o Seminário dos Migrantes
30/04/14	Visita da professora Dr <sup>a</sup> . Alicia Sagués Silva, natural da Argentina e residente no Chile, realizou pesquisa no IHGG

05/05/14	Palestra do presidente do IHGG escritor Geraldo Coelho Vaz sobre o tema: Memória do Poder Judiciário do Estado de Goiás, comemoração dos 140 anos do TJ-GO, na cidade de Goiás - GO.
07/05/14	Visita da escritora e sócia do IHGG, Alice Spíndola ao Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG do IHGG.
13/05/14	Reunião ordinária da Diretoria do IHGG, assuntos diversos.
14/05/14	Entrevista com o professor Horieste Gomes, sócio titular, para tese de doutorado de Weder David Freitas – UFG.
22/05/14	Visita do sócio titular do IHGG, escritor Martiniano José da Silva e sua esposa, de Mineiros.
29/05/14	Visita dos escritores Nelli Gáspio e Walter Menezes ao Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
03/06/14	Assembleia Ordinária dos associados do IHGG
03/06/14	Entrega ao IHGG do Dossiê do assassinato do Dr. Paulo Alexandre de Brito, ocorrido em 07/01/1992. Doação feita por Vilma Abrantes Almeida de Brito e Fabrício (mãe e irmão do Dr. Paulo)
04/06/14	Visita da sócia honorária, Maria Abadia Silva e da Dra Cristina Bonetti (facilitadora de Danças Circulares Sagradas) para conhecer as atividades desenvolvidas pelo Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
06/06/14	Visita do Presidente de honra da Comissão Goiana do Folclore, e sócio titular Bariani Ortencio.
06/06/14	Primeiro Seminário de Gestão e Prestação de Contas dos Pontos de Cultura de Goiânia e do Estado de Goiás, no Centro Municipal de Cultura Goiânia Ouro.
10/06/14	IV Seminário do Migrante realização do Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG, da Universidade Federal de Goiás, da Pastoral dos Migrantes, da PUC-GO e da Escola Municipal Amâncio Seixo de Brito
17/06/14	Reunião de representantes de diversas instituições culturais goianas: IHGG, AGL, UBE-GO, AFLAG, IJMT e AGI

24/06/14	Visita do professor Genivaldo da Silva Santos do Colégio Estadual Aécio Oliveira Andrade.
25/06/14	Visita da escritora cronista Clara Dawn para organização do evento “Tributo a Arthur Miranda” e lançamento de livro.
26/06/14	Evento “Tributo a Arthur Miranda” - homenagem póstuma ao filho da escritora Clara Dawn.
03/07/14	Participação do Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG no Mercado das Artes – evento realizado pelo Ponto de Cultura Vila das Artes, no Colégio Lyceu de Goiânia.
03/07/14	Visita do vereador de Guapó, Reidner José da Silva e do Sr. Valdeir Ricardo Moreira.
06/08/14	Visita ao Reitor da Universidade Federal de Goiás professor Dr. Orlando Amaral – assunto Convênio Estágio de estudantes da UFG no IHGG.
14/08/14	Reunião com Dr. Manuel Rosales, secretário de Educação do Peru, para decisões acerca do Encontro de escritores e poetas no Peru, a realizar-se no mês de outubro do corrente ano.
19/06/14	Reunião com sócio titular, professor Orlando Ferreira de Castro, para finalizar o relatório: Seminário 80 anos de Goiânia.
26/08/14	Visita do sócio do IHGG, escritor Brasigóis Felício Carneiro ao Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
26/08/14	Reunião para tratar da entrega do Prêmio do Concurso de Monografia <i>Peixoto da Silveira, seu tempo e seu lugar</i> .
26/08/14	Visitas de Associados e artistas ao IHGG: José Eduardo da SECULT; Esther Galvão; Goiana Vieira; Elifas Modesto e Helena Modesto
26/08/14	Reunião com o escritor Josmar Divino Ferreira, vencedor do concurso de monografia <i>Peixoto da Silveira, seu tempo e seu lugar</i>
28/08/14	Reunião com a assessoria da SECULT, para tratar de licitação do Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG

28/08/14	Reunião com representantes da comunidade cultural peruana, para tratar de parcerias e representação goiana que participará do encontro de poetas e escritores em Juliaca - Peru.
01/09/14	Visita da historiadora e pesquisadora do IPHAN Larissy Barbosa Borges ao Ponto de Cultura Memória da Gente e às dependências do IHGG.
01/09/14	Visita do presidente do Instituto Cultural Movimento Santuário da Arte, escultor Elifas Modesto.
02/09/14	Reunião dos membros do Instituto Movimento Santuário da Arte, para tratar da Solenidade de posse da Diretoria, a realizar-se no dia 09/09/14 na Assembleia Legislativa do Estado de Goiás.
02/09/14	Visita da escritora Maria do Socorro Xavier Ferraz – trouxe convite para o lançamento do seu livro no dia 09/09/14
16/09/14	Sessão Solene de apresentação do resultado do concurso de monografia “Peixoto da Silveira, seu tempo e seu lugar”; encerramento do centenário de nascimento de José Peixoto da Silveira; lançamento do livro de Josmar Divino Ferreira.
23/09/14	Reunião com o jornalista, fotógrafo e cineasta da TV Brasil Central, Luiz Elias, para ampliar proposta de trabalho.
23/09/14	Visita do poeta e escritor Rubens Jardim – veio à cidade de Goiânia para participar do evento do SESC “ <i>Show Palavra e Canto</i> ”.
24/09/14	Visita do Secretário de Estado da Cultura, Aguinaldo Coelho ao IHGG – assunto: parcerias.
24/09/14	Entrevista com o professor e sócio titular Horieste Gomes – história do PCB.
26/09/14	Encontro de representantes das entidades culturais goianas com o candidato a governador do Estado de Goiás, Marconi Perillo, no auditório do IHGG: AG; AFLAG; UBE-GO; AGL; AGI e outras.
29/09/14	Reunião no Palácio das Esmeraldas com o governador Marconi Perillo e os representantes da cadeia produtiva do livro, escritores, editores, sindicato gráfico, Federação da Indústria (FIEG) e convidados.

01/10/14	Visita de representantes da diretoria do IHGG ao / Grupo Jaime Câmara – assunto: parcerias.
03/10/14	Entrevista realizada com o sócio titular do IHGG Horieste Gomes, para a jornalista Patrícia da TV Fonte da Vida.
07/10/14	Reunião ordinária dos associados do IHGG no auditório Augusto da Paixão Fleury Curado.
07/10/14	Reunião com o professor Dr. José Leopoldo Veiga Jardim - assunto: parcerias do Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
07/10/14	Reunião com o escritor Dr. Celso Jubé – assunto pesquisa histórica do IHGG e seus fundadores.
08/10/14	Visita dos estudantes da cidade de Passa Quatro – Goiás ao Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
14/10/14	Visita da historiadora Simone Schmaltz, coordenadora do curso de História da PUC-GO e do sócio titular Antônio César Caldas Pinheiro, para estabelecer parcerias entre o Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG e a PUC-GO.
17/10/14	Lançamento do livro do associado do IHGG, escritor Ubirajara Galli, no Palácio das Esmeraldas – Sala D. Gercina Borges.
21/10/14	Entrevista realizada com o presidente do IHGG, escritor Geraldo Coelho Vaz, para a TV Brasil Central a respeito dos 81º aniversário de Goiânia.
27/10/14	Reunião com o jornalista Walter Menezes – assunto: projetos em parceria com o Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
27/10/14	Reunião com a presidente do Centro de Cultura da Região Centro-Oeste (CECULCO) – assunto: publicação da Coletânea “ <i>O Coração do Brasil em sinfonia poética</i> ”, lançado na cidade de Juliaca no Peru, por equipe goiana que representou o Brasil no “ <i>VII Encuentro Internacional e XIII Nacional de Poetas – 2014 Em los Vientos de Lago Azul,</i> ” de 15 a 19/10/2014.

28/10/14	Reunião para relatar e avaliar as atividades sócio-culturais brasileiras em Lima e Juliaca no Peru. Participação da coordenadora do Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG, uma das componentes da comitiva brasileira e convidados.
30/10/14	Homenagem do IHGG ao Sócio titular, folclorista e escritor Bariani Ortencio.
30/10/14	Visita da historiadora Susan Guimarães – pesquisa sobre patrimônio cultural.
05/11/14	Visita do jornalista e escritor Ostecrino Lacerda.
06/11/14	Realização do curso “Tecendo Educação em Direitos Humanos” no auditório do IHGG, coordenado pela equipe da Educação e Cultura de Paz – EPAZ da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia.
06/11/14	Visita do jornalista Doracino Naves e da escritora Clara Dawn, para formulação de parcerias com o Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
11/11/14	Oficina do Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG na Escola Amâncio Seixo de Brito; participação da artista plástica Rosy Cardoso, da cantora lírica Goiana Vieira da Anunciação, professores e alunos.
13/11/14	Reunião com o associado Antônio César Caldas Pinheiro e jornalista Djalma Senna.
13/11/14	Lançamento nas dependências do Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG, dos livros: “Uma pausa para a coluna passar” e “Sombras do coronelismo na história do judiciário – 70 anos da comarca de Mineiros / 140 do TJ-GO”; do escritor e sócio titular do IHGG, Martiniano José da Silva.
25/11/14	Visita do jornalista Michel Chelala Siqueira para tratar de projetos relativos à área cultural em Goiás e o Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
25/11/14	Visita da escritora e sócia titular Ana Braga e sua afilhada, procuradora federal Darlene Magalhães.
27/11/14	Visita do professor escritor associado do IHGG, Binônio da Costa Lima, da cidade de Jataí - Goiás ao IHGG.

02/12/14	Solenidade de lançamento do livro “O piar da Juriti Pepena: narrativa ecológica da ocupação humana do cerrado”; autores: professores doutores Altair Sales, Pedro Ignácio Schmitz, Horieste Gomes e Antônio Teixeira Neto.
09/12/14	Lançamento do livro “Judiciário Goiano” do escritor Geraldo Coelho Vaz, presidente do IHGG, no salão nobre do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás.
10/12/14	Entrevista com o professor Horieste Gomes, realizada pelo aluno da UFG, Lucas Vinícius Pinho de Moraes.
10/12/14	Reunião com o diretor do Colégio Estadual Polivalente Goiany Prates – assunto: intercâmbio entre o Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG e a escola, com o projeto “Mais cultura nas escolas”.
10/12/14	Visita do escritor, poeta e jornalista Osteocrino Lacerda ao Ponto de Cultura Memória da Gente do IHGG.
12/12/14	Reunião com Júlio Fratus – responsável pela execução do projeto de microfilmagem do jornal Folha de Goyaz.



# SÓCIOS DO IHGG



## SÓCIOS DO IHGG

Presidente Perpétuo: Colemar Natal e Silva  
Presidente *ad vitam*: José Mendonça Teles  
Presidente de Honra: Marconi Ferreira  
Perillo Júnior

### Titulares

Cadeira nº 1  
Patrono: Pedro Ludovico Teixeira  
Titular: UBIRAJARA GALLI

Cadeira n. 2  
Patrono: Maria Angélica do Couto  
Brandão  
Titular: JUAREZ COSTA BARBOSA

Cadeira n. 3  
Patrono: Francis Castenau  
Titular: FRANCISCO ITAMI CAMPOS

Cadeira n. 4  
Patrono: Guimarães Natal  
Titular: EDUARDO JOSÉ REINATO

Cadeira n. 5  
Patrono: Albatênio Caiado de Godoy  
Titular: JALES GUEDES COELHO  
MENDONÇA

Cadeira n. 6  
Patrono: Zoroastro Artiaga  
Titular: RUY RODRIGUES DA SILVA

Cadeira n. 7  
Patrono: Arlindo P. Cardoso  
Titular: ELIZABETH ABREU  
CALDEIRA BRITO

Cadeira n. 8  
Patrono: Luís Antônio da Silva e Souza  
Titular: ITANEY FRANCISCO CAMPOS

Cadeira n.9  
Patrono: Antônio Félix de Bulhões Jardim  
Vaga

Cadeira n. 10  
Patrono: Gelmires Reis  
Titular: MOEMA DE CASTRO E SILVA  
OLIVAL  
Cadeira n. 11  
Patrono: Honestino Guimarães  
Titular: IURI RINCON GODINHO

Cadeira n. 12  
Patrono: Capistrano de Abreu  
Titular: NELSON LOPES FIGUEIREDO

Cadeira n. 13  
Patrono: Pe. Luiz Palacin Gomes  
Vaga

Cadeira n. 14  
Patrono: Joaquim Bonifácio de Siqueira  
Titular: ANTÔNIO TEIXEIRA NETO

Cadeira n. 15  
Patrono: Emmanuel Pohl  
Titular: LUIZ AUGUSTO PARANHOS  
SAMPAIO

Cadeira n. 16  
Patrono: Auguste de Saint-Hilaire  
Titular: BRASIGÓIS FELÍCIO CARNEIRO

Cadeira n. 17  
Patrono: Raimundo José da Cunha Matos  
Titular: JADIR DE MORAES PESSOA

Cadeira n. 18  
Patrono: Couto de Magalhães  
Titular: MARTINIANO JOSÉ DA SILVA

Cadeira n. 19  
Patrono: José Martins Pereira de Alencastre  
Titular: HÉLIO MOREIRA

Cadeira n. 20  
Patrono: Luiz Gonzaga de Faria  
Titular: AIDENOR AIRES

Cadeira n. 21  
Patrono: José Lobo  
Titular: LUÍS ANTÔNIO ESTEVAM

Cadeira n. 22  
Patrono: Sebastião Pompeu de Pina  
Titular: AUGUSTA FARO FLEURY DE MELO

Cadeira n. 23  
Patrono: Crispiniano Tavares  
Titular: MÁRIO RIBEIRO MARTINS

Cadeira n. 24  
Patrono: José Lopes Rodrigues  
Titular: NEY TELES DE PAULA

Cadeira n. 25  
Patrono: Luiz do Couto  
Titular: JOSÉ AMAURY DE MENEZES

Cadeira n. 26  
Patrono: Jarbas Jayme  
Titular: JACIRA ROSA PIRES

Cadeira n. 27  
Patrono: Manoel Onofre Andrade  
Titular: LEDONIAS FRANCO GARCIA

Cadeira n. 28  
Patrono: Bouyhan Helou  
Titular: EGUIMAR FELÍCIO CHAVEIRO

Cadeira n. 29  
Patrono: Salomão de Vasconcelos  
Titular: HELOISA SELMA FERNANDES CAPEL

Cadeira n. 30  
Patrono: Clifford Evans  
Titular: ALTAIR SALES BARBOSA

Cadeira n. 31  
Patrono: Eurídice Natal e Silva  
Titular: MARIA NARCISA DE ABREU CORDEIRO PIRES

Cadeira n. 32  
Patrono: José Peixoto da Silveira  
Titular: JOSÉ PEIXOTO DA SILVEIRA JÚNIOR

Cadeira n. 33  
Patrono: Antônio Americano do Brasil  
Titular: ROGÉRIO ARÉDIO FERREIRA

Cadeira n. 34  
Patrono: Amália Hermano Teixeira  
Titular: JOSÉ ÂNGELO RIZZO

Cadeira n. 35  
Patrono: Moisés Santana  
Titular: MARIA TEREZINHA CAMPOS SANTANA

Cadeira n. 36  
Patrono: Ricardo Paranhos  
Titular: NASR NAGIB FAYAD CHAUL

Cadeira n. 37  
Patrono: Luís Cruls  
Titular: HORIESTE GOMES

Cadeira n. 38  
Patrono: Henrique Silva  
Titular: GETÚLIO TARGINO LIMA

Cadeira n. 39  
Patrono: José Honorato de S. Silva  
Titular: LICÍNIO LEAL BARBOSA

Cadeira n. 40  
Patrono: Dom Emanuel Gomes de Oliveira  
Titular: ÁUREA CORDEIRO DE MENEZES

Cadeira n. 41  
Patrono: Maria Barbosa Reis  
Titular: ANTÔNIO CÉSAR CALDAS PINHEIRO

Cadeira n. 42  
Patrono: Ministro Jorge Latour  
Titular: BINÔMIO DA COSTA LIMA

Cadeira n. 43  
Patrono: Cora Coralina  
Titular: MARIA DO ROSÁRIO  
CASSIMIRO

Cadeira n. 44  
Patrono: Francisco Tosi Colombina  
Titular: JOSÉ FERNANDES

Cadeira n. 45  
Patrono: Cândido Mariano Rondon  
Titular: HEITOR ROSA

Cadeira n. 46  
Patrono: Manoel Aires de Casal  
Titular: WALDOMIRO BARIANI  
ORTÊNCIO

Cadeira n. 47  
Patrono: Regina Lacerda  
Titular: Orlando Ferreira de Castro

Cadeira n. 48  
Patrono: Rosarita Fleury  
Vaga

Cadeira n. 49  
Patrono: Joaquim Teotônio Segurado  
Titular: ANA BRAGA

Cadeira n. 50  
Patrono: Gerson de Castro Costa  
Titular: NOÉ FREIRE SANDES

### SÓCIOS EMÉRITOS

Ático Vilas Boas  
Cristovam Francisco de Castilho  
Elder Camargo Passos  
Geraldo Coelho Vaz  
José Mendonça Teles

Lena Castello Branco Ferreira de Freitas  
Mari de Nazaré Baiocchi  
Maria Augusta Callado di Saloma Rodrigues  
Maria Augusta Sant'Anna de Moraes  
Nancy Ribeiro de Araújo e Silva  
Ursulino Tavares Leão

### SÓCIOS BENEMÉRITOS

Humberto Crispim Borges

Gilberto Mendonça Teles

### SÓCIOS CORRESPONDENTES NACIONAL E DO ESTADO DE GOIÁS

Adilson César  
Ana Maria de Almeida Camargo  
Andréa Luísa de Oliveira Teixeira  
Antolinda Baía Borges  
Antônio Oliveira Mello  
Arno Wehling  
Bráulio Nascimento  
Bento Alves Araújo Jaime Fleury Curado  
Carlos Gomes de Carvalho  
Carlos Granado Vieira de Castro

Consuelo Pondé de Sena  
Cybelle Moreira de Ipanema  
Djalma Silva  
Domingos Pacífico Castello Branco Ferreira  
Dulce Madalena Rios Pedroso  
Edmar Camilo Cotrim  
Esther Caldas Guimarães Bertoletti  
Filadelfo Borges de Lima  
Gilson Silva

Gustavo Neiva Coelho  
Hilda Agnes Hübner Flores  
Iapery Soares de Araújo  
Itapuan Bôtto Targino  
Jayme Lustosa de Altavila  
João Alberto Novis Gomes Monteiro  
Manoel Rodrigues Ferreira  
Marlene Gomes Velasco  
Maria Helena de Amorim Romacheli  
Mauro da Costa Lima  
Melquíades Pinto Paiva  
Oswaldo Rodrigues Póvoa  
Paulo Nunes Batista  
Ramir Curado  
Sônia Maria Ferreira  
Stella Leonardos

João Asmar  
José Faria Nunes  
Josemar Bezerra Raposo  
José Otávio de Arruda Mello  
José Luiz Bittencourt  
Terezy Fleury de Godoi  
Umbelina Frota  
Valdemes Ribeiro Menezes  
Valdon Varjão  
Vera Lopes Siqueira  
Yasmin Jamil Nadaf  
Yvan Avena  
Zélia dos Santos Diniz  
Zilda Pires da Silva  
Wellington Aguiar

## SÓCIOS CORRESPONDENTES INTERNACIONAL

Esteban Alvarado Vera  
Jaime Romanini Gainza

Manuel Valásquez Rojas  
Maria Esther Robledo  
Wellington Castillo Sánchez

## SÓCIOS HONORÁRIOS

Antônio de Souza Almeida  
Armando Calheiros Acioli  
Eliezer Penna  
Goiana Vieira da Anunciação  
Hélio Seixo de Brito Júnior  
Jônathas Silva  
Jorge de Moraes Jardim  
Kleber Adorno  
Leonardo Martins Normanha  
Lourival Louza Júnior  
Luiz José Bittencourt  
Marconi Ferreira Perillo Júnior

Maria Abadia Silva  
Milca Severino Pereira  
Nelson Patriota  
Pedro Paulo Montenegro  
Pedro Wilson Guimarães  
Terezinha Vieira dos Santos  
Vilmar de Silva Rocha  
Waldyr Fernandes Madalena  
Waldyr Eduardo Aidar  
Walterdan Fernandes Madalena

# GALERIA DE FOTOS





*Escritores: Elizabeth Caldeira Brito, Marina Colassanti, Alcione Guimarães e Geraldo Coelho Vaz*



*Sócios titulares, Horieste Gomes, Amaury Menezes e o presidente do IHGG, Geraldo Coelho Vaz*



*Edval Lourenço, presidente da UBE - GO, e os associados titulares do IHGG, Elisabeth Caldeira Brito, Hélio Moreira, PX Silveira, Ubirajara Galli e o presidente do IHGG, Geraldo Coelho Vaz*



*Membros titulares do IHGG: Hélio Moreira, Ubirajara Galli, Brasigóis Felício e PX da Silveira*



*Presidente do IHGG, Geraldo Coelho Vaz, no lançamento do seu livro “Judiciário Goiano”, ao lado do presidente do Tribunal de Justiça do Estado de Goiás, Desembargador Ney Teles de Paula, Desembargador Itaney Campos e o poeta Gabriel Nascente*



*Mesa redonda: Representação literária no seminário “80 Anos de Goiânia”, composição da mesa: Jadir Pessoa, Lena Castello Branco, Itaney Campos, Geraldo Coelho Vaz, Orlando Ferreira de Castro, Aidenor Aires e Bariani Ortencio*



*Reunião da diretoria do IHGG: Desembargador Rogério Arédio Ferreira, professor Nelson Figueiredo, escritora Elizabeth Caldeira Brito, Geraldo Coelho Vaz, Antônio César Caldas Pinheiro, Goiana da Anunciação, Juarez Barbosa e Horieste Gomes*



*Reunião da diretoria do IHGG: Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, Bariani Ortencio, Maria Narcisa Cordeiro, Hélio Moreira, Aidenor Aires, Jacira Rosa Pires, Jales Guedes Coelho Mendonça, professor Orlando Ferreira de Castro e Amaury Menezes*



*Edval Lourenço, presidente da UBE-GO, Antônio César Caldas Pinheiro, Wolmir Terézio Amado, reitor da PUC-GO, Geraldo Coelho Vaz, presidente do IHGG e Getúlio Targino de Lima, presidente da Academia Goiana de Letras. Posse do professor Antônio César Caldas na AGL*



*Palestra do presidente do IHGG, Geraldo Coelho Vaz, no Teatro São Joaquim, na Cidade de Goiás, por ocasião do 140º ano da instalação do Tribunal de Justiça de Goiás*



*Professor Gilvane Felipe, Secretário da Cultura do Estado de Goiás e os sócios titulares do IHGG, Aidenor Aires, Bariani Ortencio e Amaury Menezes*



*Escritor Coelho Vaz, presidindo solenidade no IHGG, ao lado do associado Jales Guedes Coelho Mendonça, Aidenor Aires, Ney Teles de Paula, presidente do Tribunal de Justiça de Goiás; Gilvane Felipe, Secretário de Cultura do Estado de Goiás; Getúlio Targino, presidente da AGL e a escritora Maria Narcisca Cordeiro*



*Escritores Wiliam Agel de Melo, Geraldo Coelho Vaz, presidente do IHGG, Martiniano José da Silva, Licínio Leal Barbosa, Desembargador Ney Teles de Paula e o poeta Gabriel Nascente. Lançamento do livro “Uma pausa para a coluna passar”, de Martiniano José da Silva*



*Antonio Almeida, diretor-presidente da Editora Kelps, ex-vereador Hélio Seixo de Brito Júnior, Aidenor Aires, Martiniano José da Silva e Geraldo Coelho Vaz*



*Associados do IHGG, Uruslino Leão, Ney Teles de Paula, Geraldo Coelho Vaz, Gabriel Nascente, Martiniano José da Silva, Valter Menezes, Hélio Moreira, Ana Maria Alves Mendonça Teles, e o escritor José Mendonça Teles*



*Escritor Jales Guedes Coelho Mendonça no dia de sua posse no IHGG, ao lado do presidente da Instituição, Geraldo Coelho Vaz*





Em apoio à sustentabilidade, à preservação ambiental, a PRONTO EDITORA GRÁFICA / KELPS, declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas não degradadas e que é inteiramente reciclável

Este livro foi impresso na oficina da PRONTO EDITORA  
GRÁFICA/ KELPS, no papel: Off-set 75g, composto na fonte  
Liberation Serif, corpo 11,5  
julho, 2015

---

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor